

Diálogos Proeja



TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS PROEJA 2010

Realização:





Transcrição Diálogos Proeja 2010

RODRIGO DE FREITAS AMORIM (ORG.)

TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS PROEJA 2010

GOIÂNIA - GOIÁS
2016

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

PARTICIPANTES MESAS REDONDAS E RESPONSÁVEIS:

Prof.^a Dr.^a Maria Margarida Machado (UFG)

Prof. Júlio Vann (IFG)

Prof. Sebastião Cláudio Barbosa (IFG)

Prof. Josué Vidal Pereira (IFG)

Prof. Adolfo de Oliveira Mendes (IFG)

Prof.^a Dianina Raquel Silva Rabelo (IFG)

Prof.^a Mad'Ana Désirre R. de Castro (IFG)

Prof.^a Maria Cristina Nunes Hidalgo (IFG)

Prof. Claitonei de Siqueira Santos (Mestrando PPGE-PUC/GO)

Prof.^a Kênia Bueno de C. Ferreira (IFG)

Prof.^a Gleice Alves de Souza (IFG)

Prof.^a Jullyana Borges Freitas (IFG)

Prof. Edson Roberto Sales (IFG)

Prof.^a Lisandra L. C. Passos (IFG)

Prof.^a Maria Emília de Castro Rodrigues (UFG)

Prof. Paulo César Pereira (Reitor IFG)

Prof.^a Caetana Juracy Rezende Silva (MEC)

Prof. Edson de Almeida Manso (IFG)

Prof.^a Adriana dos Reis Ferreira (IFG)

Prof.^a Jacqueline M. B. Vitorette (IFG)

Prof.^a Gilda Guimarães (IFG)

TRANSCRIÇÃO E EDITORAÇÃO GRÁFICA:

Prof. Rodrigo de Freitas Amorim (Mestrando - FE/UFG; docente IFG - Campus Uruaçu)

SUPERVISÃO E COORDENAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO:

Prof.^a Dr.^a Maria Margarida Machado - Coord.^a OBEDUC/FE/UFG

Prof.^a Dr.^a Maria Emília de Castro Rodrigues - Coord.^a Portal Fórum Goiano EJA

AUTORIZAMOS A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUAISQUER MEIOS, CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

II SEMINÁRIO DIÁLOGOS PROEJA - II, 2010. Goiânia - GO. Transcrição Diálogos PROEJA 2010. Goiânia: OBEDUC/CAPES/UFG, 2016.

II SEMINÁRIO DIÁLOGOS PROEJA - Transcrição Diálogos PROEJA - Rodrigo de Freitas Amorim (org.)

Modo de acesso: <http://forumeja.org.br/go/>

1. Educação 2. Educação de Jovens e Adultos 3. Educação Profissional

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 06 |
| PROGRAMAÇÃO | 09 |
| 1 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DA MESA DE TROCA DE EXPERIÊNCIA - SUJEITOS DO PROEJA | 10 |
| 2 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DA MESA DE TROCA DE EXPERIÊNCIA - CURRÍCULO INTEGRADO | 32 |
| 3 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DO BALANÇO DA EXPERIÊNCIA PROEJA - DIÁLOGO COM OS ALUNOS | 73 |
| ANEXO | 78 |

APRESENTAÇÃO

Este documento intitulado *Transcrição Diálogos Proeja 2010* constitui parte de uma coleção de transcrições dos Seminários Diálogos Proeja promovidos pela pesquisa interinstitucional da Universidade Federal de Goiás em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, no âmbito do Projeto Observatório da Educação (OBEDUC), coordenado pelo Prof.^a Dr.^a Maria Margarida Machado (UFG).

Entre os anos de 2008 a 2014 ocorreram quatro edições deste seminário no IFG. As edições de 2010, 2013 e 2014 tiveram participação efetiva da pesquisa coordenada pelo OBEDUC/UFG/IFG que através de bolsistas e voluntários realizou a gravação do evento em vídeos para serem disponibilizados ao público pela Internet através do portal do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos (www.forumeja.org.br/go).

Em 2015, quando tive a oportunidade de participar do Observatório da Educação como aluno do mestrado em educação e bolsista, vimos diante de nós o grande desafio proposto pela Prof.^a Margarida, coordenadora do OBEDUC, de editarmos o material dos Diálogos que estava arquivado no Núcleo de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação (FE-UFG). O objetivo então era que todo o material videográfico pudesse ser editado para disponibilização ao público no portal do Fórum EJA. Isso acabou por influenciar os rumos de meu projeto de pesquisa que visava investigar a formação do trabalhador no Proeja dentro do IFG, pois a partir daí os “Diálogos” se tornaram objeto central de minha pesquisa. Resolvemos que seria ainda mais oportuno não só editar os vídeos, mas transcrevê-los, para resultar num documento histórico escrito que pudesse servir às pesquisas e aos pesquisadores da EJA e ao banco de dados do Centro Memória Viva (CMV).

Daí, empreendemos o trabalho de transcrição dos vídeos dos Diálogos Proeja. Porém, logo descobrimos que não tínhamos as gravações de todos os momentos do evento. No caso desta transcrição, pode-se comparar com a programação do evento acima que boa parte das mesas de experiências e dos diálogos não foram transcritas, pois não encontramos todos os vídeos nos arquivos do OBEDUC e nem nos arquivos pessoais de participantes que coordenaram os

eventos e que guardaram consigo cópias dos vídeos. Por esse motivo, as transcrições deste documento são parciais. Elas foram organizadas de acordo com a ordem cronológica do evento, mas faltam partes.

Para minimizar esta lacuna, reunimos documentos complementares aos vídeos e os disponibilizamos como anexo deste documento. Ali pode ser encontrado um relatório escrito organizado pela equipe de bolsistas e voluntários à época que registraram todos os momentos do evento. Todo o material foi preservado na íntegra. Lembremos que esse tipo de registro é seletivo e não consegue por si só oferecer a íntegra das falas e discursos dos interlocutores como as gravações e vídeos e sua transcrição.

Quanto ao trabalho de transcrição, foi uma tarefa árdua e cansativa. Cada vídeo foi ouvido e transcrito manualmente, num processo de idas e vindas para compreender com precisão a fala dos interlocutores. Procuramos ser o mais fieis possíveis às suas falas, entretanto reconhecemos que é impossível manter uma exatidão plena tendo em vista as peculiaridades de cada gravação.

Quando não se conseguiu chegar à compreensão de uma palavra utilizamos uma interrogação entre colchetes [?] para ocupar o espaço desta palavra na fala do interlocutor. Para a não compreensão de duas ou três palavras utilizamos duas interrogações entre colchetes [??]. Quando uma frase completa com mais de três palavras não foi compreendida utilizamos três interrogações entre colchetes [???]. E, quando uma palavra ou expressão ficou duvidosa, foi utilizada uma interrogação entre parênteses logo após a grafia do termo, por exemplo, a palavra “cálculo(?)” no discurso de um interlocutor teria ficado duvidosa.

A oralidade é marcada pela espontaneidade imbricada com os traços da personalidade de cada interlocutor. Nervosismo, timidez, autoconfiança, domínio de determinado conhecimento, insegurança, constrangimento, etc., são traços que ficam bem perceptíveis na fala. Como consequência desses fatores, muitas vezes o discurso oral varia entre a emissão bem elaborada das ideias e a dificuldade de emitir plenamente o sentido do que se está pensando. Por isso, procurou-se preservar os vícios da linguagem oral de cada interlocutor reproduzindo-se as repetições da fala, as interrupções, os sons, até mesmo o gaguejar. Quando se observar no texto expressões como “é é é” ou “essa essa”, são repetições do interlocutor (não são falhas na digitação!). Toda vez que o discurso oral foi

interrompido, isto é, quando uma oração não foi completada pelo interlocutor, utilizamos as reticências (...). Quando aparece o “é” ou “a” seguidos do “h”, ou seja, “éh”, “ah”, tratam-se de momentos na fala em que o interlocutor se demora um pouco mais na emissão vocálica do som e que geralmente reflete um momento de organização do pensamento ou a mudança do ritmo no discurso oral.

Enfim, o leitor tem em mãos 3 horas, 33 minutos e 55 segundos de gravações em vídeo transcritas, além do relatório escrito do evento. Com esse material em mãos é possível rememorar satisfatoriamente o conteúdo dos Diálogos e o seu legado para a história de construção da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional.

Boa leitura!

Rodrigo de Freitas Amorim
Docente IFG - *campus* Uruaçu
Mestrando em Educação pelo PPGE-FE/UFG
Bolsista CAPES/OBEDUC

Goiânia-GO
Abril de 2016

PROGRAMAÇÃO

30/08 - Segunda-feira

- 19h00 Cerimônia de abertura
- 19h40 A importância do Proeja no contexto nacional - vídeo com os egressos
- 21h00 Diálogo com os alunos (Teatro)

31/08 - Terça-feira

- 8h00 Mesas de troca de experiência: sujeitos do Proeja
- 9h50 Intervalo
- 10h20 Processo seletivo do Proeja e suas relações com o acesso e permanência

- 12h00 Almoço

- 14h00 Mesas de troca de experiência: currículo integrado
- 16h00 Intervalo
- 16h10 Mesas de troca de experiência: avaliação

- 18h00 Intervalo - café com prosa

- 19h00 Mesa redonda: Qual a importância do Proeja no IFG - campus Goiânia
- 20h30 Balanço da experiência Proeja: diálogo com os alunos
- 22h00 Encerramento

1 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DA MESA DE TROCA DE EXPERIÊNCIA - SUJEITOS DO PROEJA

Prof. Sebastião: Bom, eu sou professor aqui do Instituto Federal. Vai fazer três anos. Tô tentando aí o período probatório, né. Mas sou professor da rede municipal também de Goiânia, né. A rede municipal já contou com mais tempo. Devo ter aí uns vinte (20) anos, vinte e dois (22) anos de trabalho na rede municipal. E, sou professor de História. E, eu acho que Josué, apontou apontou aquilo que mais importa. Difícil falar depois do Josué, hein! Éh... deixou muito pouca coisa pra ser falado no sentido da da da exposição né, de quem são os sujeitos, como é que devemos agir. Eu vou me concentrar mais... eu acho desnecessário os outros outros slides que vão até repetir coisas que que Josué tá explicando, acho que explicou muito bem, mas assim é é situar o o o os sujeitos da EJA... eu eu tive na minha experiência profissional eu trabalhei com o segundo segmento na na rede municipal. Segundo segmento pra quem é aspirante na na EJA é quinta a oitava, né, e o terceiro segmento é o ensino médio, né, Josué?! Então, a minha experiência foi de trabalhar no segundo segmento da rede municipal e aqui trabalhando o chamado terceiro segmento, essa formação de nível médio do Proeja. Então, essas são as minhas duas experiências. E o que a gente percebe é... elaborando essas coisas pra trazer pra vocês... a gente adora essa... Maria Emília me me orientou ali “A imagem ajuda!”, eu até falei “Ah! Vai ser desnecessário, porque Josué vai vai trazer um quadro estatístico, representativo, muito...”, isso aqui acaba sendo desnecessário. Mas, você sabe que que mais me chama atenção nessa interface são aquelas reticências ali, óh, em baixo. Em geral nos encontros de EJA são assim: você mapeia os sujeitos da EJA. Então todos aqueles ali que o Josué já disse, os negros, brancos, indígenas, pescadores, ribeirinhos, tá tá tá tá e tem sempre que deixar uma reticências, tem sempre um grupo nessa situação e que possivelmente não foi elencado, por isso nos encontros de EJA sempre aparece, né, “E o preso! E o privado de liberdade!” Aí é preciso que se desenvolva dentro da modalidade uma especificidade que atenda aquele grupo... éh... que demanda educação, né, e que tá nessa... se enquadra nessa modalidade. Mas, então a EJA é realmente um espaço de tensão e aprendizado, a gente... os meninos acham que a gente ensina muito pra eles, mas a gente aprende, às vezes, mais com eles pela... porque eles têm

uma coisa que é essa... eu tava dizendo aqui na no no texto que Adolf pediu que a gente mandasse, essa bagagem vivencial, né. Essa bagagem vivencial. Eu disse aqui nesse papelzinho que vocês tem na mão... éh... quem são os sujeitos da modalidade EJA? Adolescentes, jovens e adultos, sujeitos da história que carregam múltiplos saberes na bagagem vivencial em busca de cidadania participativa num mundo letrado. São os pobres: negros, brancos, indígenas, etc. Mas assim, são os pobres, né, os sujeitos da EJA são os pobres, as pessoas que de uma certa forma não tiveram essa experiência, porque quando você fala regularidade num mundo de desigualdade, não é, essa regularidade ela vai contar com alguma alguma, em alguma medida com o suporte econômico, né, estrutura familiar. Essa regularidade conta com isso, né. E uma sociedade que é excludente e que tem o seu metabolismo a ideologia do individualismo, né, pronto, tá feita a forma que explica essa essa... por causa da desigualdade toda essa diversidade né de pobres e que e que vem, vão demandando isso, né. Então, essa essa modalidade... eu costumo dizer o seguinte, que você, você só vai reconhecer o sujeito da EJA se você apreender a sociedade entendendo como ela funciona. Se você olhar pra realidade e não perceber como é que ela funciona, como é que ela se reproduz, você vai até desacreditar dessa demanda que Josué levanta, você vai desacreditar que tem esse número de analfabetos, você vai desacreditar que tem sessenta, essa estatística é meio... varia, né, sessenta milhões de cidadãos demandando, éh, educação. Então, essa modalidade... aí você pensa assim, ah, mais então cadê esse pessoal? Passa aí Josué. Então, onde é que tá essa demanda, né? E eu acho que é uma dificuldade... será que os esses sessenta milhões, mais, menos, que demandam essa modalidade, eles estão ali? É um conjunto que tá demandando entrar nas instituições? Um grupo que tem... que reivindica? Um grupo que tem... éh... condições mínimas de intenções, de organização? Não! Esse grupo ele não tá... éh... reivindicando. Ele não é um grupo... eu acho que as pessoas, cês percebem assim, ontem Josué tava se referindo a a um depoimento dos meninos da EJA, sempre muito emocionante, né, os depoimentos, por quê? A partir do momento em que eles se sentem incluídos, aí eles começam a ser a a se mostrar como um ser reivindicante e um ser... éh... uma demanda realizada, vamos dizer assim. Agora, esses sessenta milhões de pessoas ou parte deles eles estão por aí. Então, é preciso uma política que vá, que veja e que dê conta de buscar pras instituições.

Muitas vezes as políticas, as políticas num num dão conta. Num sei se não dão conta ou não sei se não tem o interesse de buscar, de olhar pra essa desigualdade, vê esse processo constituído e atuar pra superar. Às vezes, as políticas atuam muito no sentido compensatório e não no sentido de superar a desigualdade. Que uma política que vise superar a desigualdade que o capitalismo estabelece tem que ser um política muito... com nível de radicalidade, nível de projeto muito grande e aí bancar isso é difícil, né. Então, que que acontece? O o o sujeito da EJA, quando ele tá dentro da instituição, é um, quando ele tá fora, ele parece outro, porque ele não é um um um ser reivindicante, né, pelo menos assim não de maneira organizada. Ele quer, ele saiu da, ele tá machucado pela escola, ele sente a necessidade de uma pressão inclusive do sistema pela escolarização, mas é só quando ele vem... engraçado como que a a a o fato de você incluir parece que já é um “murro” na desigualdade, aí o cara começa a se ver, né, começa a se ver, se achar como igual, como reivindicante, como cidadão e aí essa construção necessária pra pessoa atuar no mundo do do... no mundo letrado, né, como a gente diz. Éh... então, a a a a EJA, perceber os sujeitos da EJA, cê tem que ter uma uma... é preciso uma concepção ampliada de educação, né, é preciso entender como direito como o Josué já bem disse, é é educação como direito de aprender, de ampliar conhecimento ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar para o mercado. Vocês viram na estatística de Josué? O número muito grande, éh, de cinquentões e um número muito grande de setentões, ali às vezes acima dos sessenta, né. Esse pessoal tá pressionado pelo mercado? Então é preciso necessariamente a formação da...? Tem um número considerável de sujeitos da EJA que não tão demandando participação no mercado. Tão demandando participação cidadã no sentido da formação continuada, da formação para a vida, né... éh... não é essa essa meramente a formação pro mercado, agora é claro, eu tô vendo Helena ali que é nossa aluno, eu tô vendo Lilian ali fora que me deu uma dica muito interessante que eu quero comentar com vocês, assim, interessadas no mercado, interessadas numa qualificação que é é abra o mercado de trabalho, né. Isso é muito importante... é preciso essa... daí o Proeja ser uma... mas ô a grande equação do Proeja é que ela se estabelece como formação integral, porque isso é que eu acho que é o sentido da EJA, né. Não podemos abrir mão que os cursos de EJA eles precisam estabelecer-se através da da formação da busca da formação integral e não submetido às demandas de mercado. Isso é uma uma

coisa... éh... importante. Agora, pra ampliar, pra ver a educação de forma ampliada, o professor também tem que se formar, né. Eu costumo dizer o seguinte, que a pessoa que vai se dar bem no exercício docente da EJA é a pessoa que gosta do pessoal. Gostar do pessoal é genérico, né, tem que explicar esse negócio. Porque muitas vezes gostar do pessoal é, tem gente que entende que é dar tapinha nas costas, é não ensinar, é fazer por exemplo aquele processo meio de catarse, de... existe uma premissa na EJA que é, olha, considere o saber, porque são pessoas constituídas, são jovens, são adultos, então é preciso considerar e partir disso pra construir o conhecimento. Às vezes as pessoas no exercício docente, até por desconhecimento da modalidade, eles fazem isso como via de mão única, eles vão mas esquecem de trazer, né, pra pra o conhecimento, pra construção do conhecimento. Então isso também eu acho que é um problema que, talvez seja um dos limites que se estabelece na constituição desse sujeito, né. Então, é preciso que essa afetividade, que essa proximidade, que é demandada pelos sujeitos senão ele evade, que um dos elementos que acho contribui para a evasão é essa... é assim, são professores ruins também porque muitas vezes... não não no Proeja que é um experiência diferente, mas por exemplo, a EJA no segundo segmento noturno, que eu percebia, aquele professor que tá bastante cansado, desiludido, tarará, ele vai pra EJA, ele vai trabalhar na EJA como se fosse assim um quintal da escola, e aí... você fala assim, engraçado... aí o menino fala assim, não, eu saí porque eu não aguento aquele professor tal, eu eu saí porque eu não aguento aquilo lá, né, não aguento aquilo lá. On ontem a Lilian tava me, a Lilian é uma aluna nossa aqui do, agora tá fazendo 4º período, ela tava me lembrando da fala da professora Kênia, né, ontem. Aí ela disse assim pra mim, olha o que é o sujeito da EJA, ela disse assim pra mim, “Cê viu a fala da Kênia ontem?” Eu falei, “Não”, eu tinha ido embora, tava preparando pra tá aqui. Ela falou assim, “mas foi maravilhosa!” Aí eu falei assim, “o que você achou maravilhoso?”. “Entendi tudo!” [risos] Isso é sintomático, eu tendi tudo. É assim, a linguagem eu acho que também provavelmente se eu conheço bem a Kênia, o tom da militância, éh éh, a comunicação e o tom do eu gosto, eu eu eu tô dentro disso, né. E os meninos eles percebem. Exatamente. Então o menino percebe isso de imediato. Aí ela gostou porque ela entendeu. Essa demanda como ela não tá organizada, como ela não reivindicante, aí a gente faz o esforço e traz. Se você não zelar e não trazer do

mundo do conhecimento, através de garantir a comunicação, ele evade. Ele evade porque ele fala assim, “Eu tenho mais o que fazer, eu não tô entendendo nada disso aqui.” “Eu não tô entendendo nada, eu vou embora!”. Os meninos reclamam disso o tempo inteiro, assim de, “Eu não aguento aquele fulano!”. “Eu não aguento, eu não entendo o que a pessoa fala!”. Então, essa essa... esses sujeitos, na verdade eu digo eu disse lá, são sujeitos e predicados, esse povo tem muita sabedoria. Eu acho às vezes que até a evasão é um tipo de sabedoria deles, só que é uma sabedoria que vai estabelecer esse ciclo vicioso do estou fora da escola, estou fora da escola, é preciso, então, essa força de permanência que vem do do do do da demanda, do cara que quer escolarização, mas é preciso que a instituição ela se prepare pra receber essa pessoa, porque é uma pessoa realmente muito sabida, e o que não é escolarização. Aí muitas vezes você que tá com essa função de proporcionar isso que falta, porque falta a ele alguns elementos, você pela questão da comunicação barra, pela dificuldade, pelo desgosto, pelo não entendimento, pelo desgosto, pelo não entendimento da desigualdade social como sendo constituído historicamente, portanto, tem que ser superado historicamente. Tem gente que é assim, ele até reconhece que há uma desigualdade, mas ele acha que é natural. Então, quem vai dar conta da desigualdade é a natureza e a gente sabe que como seres históricos aquilo que é constituído historicamente só pode ser resolvido historicamente. Então, vai exigir, vai exigir militância mesmo. É uma modalidade que... toda modalidade de educação no Brasil exige politização e militância, mas a EJA... toda excelência, né, por causa da da desigualdade, por causa do do do estado de coisas que que estabelece esse esse essa forma de de de de existência, né, éh éh, exige da gente muito mais, exige da gente muito mais, uma capacidade muito maior de apreensão daquilo que a gente entende como diversidade, né, é preciso... éh... mas assim é engraçado, o que separa, o que separa, assumir, perceber o sujeito da EJA e contribuir para o processo de emancipação dele através do conhecimento pra esse esse vício que é esse vício da catarse... eu sempre o pessoal brinca um pouco comigo que eu acho que tem um certo, dentro da modalidade EJA, um certo... uma certa visão que vem do docente mesmo, se não me engano isso é coisa da tradição judaico-cristã, que é essa coisa do salvacionismo, né, eu vou salvar, eu vou salvar, eu vou salvar, eu vou me resgatar, e aí muitas vezes, faz esses processos meio catárticos assim de, ah, e esquece que é escola, esquece de produzir conhecimento,

esqueci, fica nesse processo. Eu acho que isso limita muito. eu acho que limita muito porque essa essa essa modalidade como ela é pra superar a desigualdade, acho, é pra enfrentar a forma como essa sociedade desigual se reproduz, ela precisa de estabelecer no seu processo o desenvolvimento da consciência, né. A partir do momento que você vai construindo conhecimento a pessoa precisa se vê, a pessoa precisa se vê, como uma uma... sujeito... éh... de direito, que ninguém tá fazendo favor e que a questão não é estabelecer processos assistenciais, meio psicologistas, no sent... e chamar isso de afetividade, porque me parece que a palavra afeto, afetividade, ela tanto significa proximidade e até o carinho, o afeto, mas me parece também que a disciplina e o educar e o disciplinar também é elemento da afetividade. Quando você vê que é necessário, através do processo educativo, éh... éh... ser duro, estabelecer disciplina e não faz, você tá sendo desafetuoso, isso é um desafeto, isso não é afeto. Deixar o menino pra lá ou então não não... éh éh... não abrir o canal de comunicação, ou então, ah!, fala da sua vida, conta sua vida, vida, fica na sua vida, eu vou com a sua vida, né, e sem fazer essa essa processo inverso que vai garantir, possivelmente, mostrar quem ele é de fato, ter a necessidade de superação... éh éh... isso fica dificultado. Bom, passa lá Josué. Pode passar esse negócio, Josué. Isso. Bom. É, eu acho que isso... pode passar pode passar pode passar todas essas coisas, pronto! [acabam-se os slides e risos no auditório] Éh... éh... eu acho que essa que essa esses sujeitos EJA, a finalidade é essa, né, quem são esses sujeitos? Onde é que eles estão, tal? Éh éh, eu trouxe pra vocês, eu acho quem é do do do ramo, aí da militância, da modalidade, já deve tá até conhecido, isso parece café requentado, mas é... nós tivemos recentemente aqui no Instituto uma a Janaína, que é representante aí do Fórum Estadual de EJA e tal, coordenadora, e ela trouxe pra nós, eu vou reproduzir pra vocês aqui, espero que pra alguns seja inédito, mas eu acho que mesmo que não seja inédito, éh, eu acho que ele mostra pra gente, éh, o que, quem são os sujeitos da EJA, né, pela pelo depoimento, é uma característica também de encontro de EJA, todo encontro de EJA tem que ter depoimento de menina, eu acho pra que tanto depoimento de menina, pra que tanto depoimento... pra vê se as pessoas estão foram, se tem antipatia e que criam restrições a esse pessoal, pra vê que, nossa!, pessoal bacana, pessoal sabido, pessoal inteligente, né, pra vê se se muda, éh, a a um pouco a... acho que por isso dão depoimento, né, uma modalidade que tem esse nível de exigência, né. Então, eu

trouxe pra vocês, porque Janaína mui gentilmente me passou, um cara, um tal de Manoel ali da de São Paulo, né, é de São Paulo mas podia ser daqui, podia ser de qualquer lugar, é do Brasil e que tenha essa essa sabedoria que Manoel vai apresentar, é a sabedoria da Helena, é a sabedoria da Lilian, sabedoria comum entre os sujeitos da EJA. Então, eu vou mostrar pra vocês... tá no ponto aí?... ãh?... Acho que é o cinquenta e cinco. Põe ele aí que eu quero... é cinquenta e cinco minutos, eu acho... se não for depois a gente volta, mas é cinquenta e... deixa o rapaz(?) aí Josúe. Mas mas então, esse... já tá no play aí?... isso! Então, esse cara, tranquilamente, nós estamos aí no pleito eleitoral, né! Esse sujeito aí da EJA é belíssimo candidato a presidente do Brasil. Vocês vão perceber que esse cara, bastante diferente dos discursos que tão tendo aí pra presidente, esse cara aponta muitas soluções, né, ele ele tem ficha limpa! E aponta muita éh assim... se posiciona muito bem, é um cara que transmite muita honestidade nos seus posicionamentos, hoje os políticos não tem mostrado muito, né. E mostra muito uma visão de Brasil, uma... é o candidato nosso a presidente, Manoel. [passa a mostrar o vídeo]

Prof. Adolfo (mediador da mesa): [...] participou, é viu realmente o seguinte, depois mudou pra o curso técnico em cozinha pra se adequar ao curso do catálogo do MEC. Éh, eu queria a... eu apliquei um questionário pra os alunos do primeiro ao sexto período, mas eu queria apresentar alguns dados pra vocês, do primeiro e do sexto período, pra que vocês possam ter uma ideia, realmente fazer uma comparação, isso tá entrando agora pra os técnicos em Cozinha que já estava realmente éh no curso Técnico de Serviço em Alimentação. Éh, com relação a questão do sexo, éh, do primeiro período, foram setenta e oito vírgula seis por cento (78,6%) dos alunos responderam o questionário. Éh...

Prof.^a Maria Emília: Sou Maria Emília da Universidade Federal de Goiás. A medida que vocês foram falando, foi provocando, né, falando das pessoas. Porque quando vocês falam quem são os sujeitos e trazem esse número, né, de quinze (15) milhões de analfabetos, de sessenta (60) milhões de analfabetismo funcional e a demanda imensa também do ensino médio que é o que vocês hoje atendem, né. Algumas questões ficam pra mim, por exemplo, esse aluno, muitos deles não buscam esse ensino, não chegam até o ensino médio, não estão pleiteando esse ensino médio,

não que ele não queira, mas é que muitas vezes ele não acredita na possibilidade de, né, a autoestima está muito baixa. E aí a minha pergunta é: como pensar no Instituto Federal de Educação o ir até ele, pra convencer inclusive a estar conosco? Porque esse é um direito, a gente diz que é um direito, então é importante chegar até ele. A LDB fala, né, que é responsabilidade do Estado recensear, garantir acesso, permanência, né, mas como é que estamos pensando isso dentro do Instituto Federal de Educação, né? Pra rede municipal que tá aqui, dentro das redes municipais, dentro da rede estadual, como possibilitar o aluno esse acesso e a permanência? E aí Tião, quando você vem trazendo a questão do processo de ensino e aprendizagem, né, uma coisa também que afasta muito o nosso aluno é exatamente esse [?] que por ser adulto ele tem essa capacidade imensa de refletir sobre o seu processo de ensino e aprendizagem e, se ele não está aprendendo diferentemente da criança que o pai manda pra escola, ele não fica nessa escola, né, porque pra ele levar uma bomba é muito triste, né, bomba explode com os outros, então, ele não vai ficar, ele sai, ele volta, exatamente pra tentar garantir essa sua permanência, como pensar a questão da avaliação, da auto-avaliação ao longo do processo, né? Ainda que esse não seja o foco de vocês mas eu penso que é importante. Uma outra questão que vocês colocam no próprio vídeo que o Manoel traz, éh, diz assim, eu não sei se é o Manoel que não levou a sério ou o professor que não sabia ensinar. Isso é uma denúncia muito grande da Educação de Jovens e Adultos, né. Então... porque na EJA ele já tem uma baixa autoestima. Imagina um aluno com trinta (30) anos fora da escola, doze (12) anos fora da escola, repetindo inúmeras vezes, né. Ele já introjetou o o o o nosso colega já colocou ali, anteriormente, né, que ele já introjetou essa baixa autoestima, ele, em nenhum momento a responsabilidade é da instituição, a responsabilidade é do professor, em geral ele diz, não, sou eu, né. Ele traz toda essa essa baixa autoestima e sobrecarregando sobre si todos os problemas e aí ele diz assim, uma questão que eu acho importante olhar, né, e quanto professores que não tem essa formação a gente sabe como é que diz lá o professor, né, e saiu e não permaneceu. O olhar, uma palavra, uma expressão, às vezes é suficiente pra que esse aluno não permaneça na escola. Às vezes o barrar ele que saiu de manhã, saiu cinco horas da manhã pra ir trabalhar e que pra chegar bem na escola às vezes atrasa quinze minutos e essa escola às vezes não permite que ele permaneça nela. O professor

não admite que ele aceite... que ele fique na sala de aula. Como pensar nisso? Tem que ter esse aluno quarenta minutos na sala depois de todo esse esforço e não tê-lo, o que que é melhor? E aí... são inúmeras outras questões... eu fui prolongando aqui, mas eu acho que eu paro por aqui, tá bom!

Prof.^a Mad'Ana: [?] é difícil falar depois da Maria Emília, né. [??] um caderno aqui, [?] uma sentença, né. Faaalá, viu! Trein que tá difícil! Tá bom, né! Eu acho assim, não são questões, são mais reflexões em cima do que vocês colocam, né. Éh, o Josué trouxe uma uma questão que eu achei muito interessante que é quando ele coloca que... éh... o sucesso do Proeja é o sucesso da instituição, né, isso isso é muito importante e isso nos remete a pensar, então, qual que é a qualidade da instituição, né? Aí isso nos remete a pergunta, a grande pergunta desse encontro, que é: qual é a importância do Proeja para a Instituição? Porque, veja bem, não é a importância do Proeja para os sujeitos, não é a importância do Proeja para a comunidade, mas é a importância do Proeja para a instituição, para a rede federal de educa..., essa pergunta ela é importantíssima. Eu acho que a importância do da da do Proeja pra instituição é ampliar a sua qualidade. Sem Proeja, sem assunção da Educação de Jovens e Adultos, o Instituto Federal ou a Rede Federal ela não é uma escola de qualidade, ela é uma escola de privilegiados, porque a qualidade ela é muito maior do que apenas... éh... fazer é é... transmitir conhecimentos, criar tecnologias, e etc. etc., ela é também, não que isso não seja importante, mas ela é também olhar para a realidade e dar conta da demanda que essa realidade nos traz, porque ao final a rede federal é a realidade, né. Então, a importan... é uma pergunta importantíssima, né, aqui pra gente mesmo, qual que é a importância do Proeja pra nós? Então, pra mim, acho que o... é garantir o sucesso da qualidade do Instituto Federal, aqui dentro, é ampliar essa nossa capacidade, né, quer dizer, sem Proeja o Instituto não tem qualidade, sem Educação de Jovens e Adultos o Instituto não tem qualidade, ou a qualidade ela é pequena, ela é imparcial, ela é é é... parcial, né, nesse sentido. Aí o Tião eu acho que traz uma uma outra questão porque é interessantíssima, não é, e a Jaqueline é muito mais... não sei se ela tá aqui, tá aqui?... a Jaque é muito mais entendida desse assunto do que eu, a Vitorette [?] éh... éh... éh... quando o Tião falou o seguinte, “Olha, os jovens e adultos estão aí, nós é que não os vemos, né!” Eles estão aí, por quê? Porque existe um mecanismo na sociedade que é

mecanismo próprio do estranhamento. A sociedade se faz a partir de ocultar aquilo que não pode ser para todos. Se a gente começa a enxergar a Educação de Jovens e Adultos e os sujeitos [?] dessa modalidade de ensino, nós vamos o que? Nós vamos empurrar para a universalização, nós vamos empurrar para a igualdade e a igualdade não combina com uma sociedade que se fundamenta na desigualdade, então, não se... o que tá posto é o que não se pode ver, né! Você olha mas você não pode ver porque se você ver você vai criar um problema. O que a gente tá tentando aqui é criar esse problema, né, de ver essas pessoas de trazer essas pessoas e dizer que elas fazem parte dessa realidade. Bom, só essas ponderações, se alguém quiser comentar ou não.

Prof. Adolfo (mediador da mesa): Mais alguém?

Aluna Alessandra: Sou aluna do Proeja Serviços de Alimentação. Estou no 5º período. E, assim, eu vejo hoje o Proeja como um privilégio pra mim e como todos os meus colegas de dentro de sala de aula. Por que? Porque hoje nós damos contas do de nos debater-nos, éh, de estarmos aqui dentro desse auditório e saber reivindicar nossos direitos dentro do serviço Proeja, né. E, vendo a vida de Manoel, é um pouco da vida de cada um de nós na verdade, éh, só que, eu vejo nesse momento que para que nós cheguemos a olhar o horizonte e ver ele, nós tivemos que subir em ombros de gigantes e os nossos gigantes são vocês. São vocês das instituições federais, são vocês o Proeja, são vocês que nos acolheram quando nós chegamos, em dúvidas, com medo, se íamos dar conta, se a barreira esta ali, se íamos conseguir, né, que temos o colega pra segurar do lado quando você está em dúvida, tá. Hoje, o Proeja ele é visto assim, tentamos passar pra todo mundo que está sendo estudar, olha, faça a inscrição, vai ter um processo de seleção, volte estudar. Porque é nossa segunda casa e aqui somos bem acolhido. Quando o professor Tião disse que na rede municipal os professores deixam os mais velhos de casa, já cansados para pro EJA, eu presenciei também, porque eu comecei a fazer o EJA numa escola municipal. E eu deixei o EJA e vim pro Proeja. Porque eu passa por esta instituição e olhava e falava assim, será que um dia eu vou entrar aqui dentro? Será que eu vou conseguir estar aqui? E eu hoje eu estou aqui dentro desta instituição e, assim, com muitos horizontes em poder dar continuidade ao meu processo, em prestar um

vestibular e estar dentro da sociedade, porque eu me sentia um peixe fora d'água, fora da sociedade. Eu não daria conta de estar aqui dizendo tudo isso se eu não tivesse, éh, o apoio, né, éh, de todos nós aqui da instituição que nos abraça, tá. Esse processo Proeja ele tem que ter segmento, ele tem que continuar indo muito mais forte. Que essa seja a primeira mas de muitas outras que virão. Né! [aplausos]

Aluna Maria Gomes: Meu nome é Maria Gomes. Eu sou do 3º período do Técnico em Alimentação. Eu vim do EJA. Gente o EJA é muito importante. Às vezes as pessoas falam assim, ah!, e o professor tal, como o Josué falou. Mas tudo o que a gente for fazer a gente vai encontrar barreiras. A gente tem que usar sabedoria pra poder resolver elas. Como foi quando o Manoel falou lá, éh, ele é um burro, ignorante, e tem burros carregados de livros. Então, ele usou a sabedoria. Se ele não tivesse usado a sabedoria dele ele teria parado por ali, não teria continuado. Eu mesmo enfrentei barreiras no EJA. Graças ao EJA hoje estou aqui no Instituto. Agradeço muito. Tive problemas? Tive. Resolvi? Resolvi. Mas com sabedoria. Então, todos nós temos os direito, não é questão de você chegar com ignorância, brigar com o professor. Não é isso. Você chega, “Pô, professor, é assim, dessa forma, eu consigo aprender é assim.” Que também eu acho de se dessa forma a gente fazer, a gente vai conseguir tudo. E quanto, ô Josué, quanto a a taxa de analfabetismo, o índice ainda tá muito grande. Eu tô trabalhando como recenseadora e tá difícil. Tem hora que me choca quando eu chego assim nas casa que as pessoas todas analfabetas. Gente, e a maioria das pessoas estão todas desempregada. Isso pra mim, quando eu vejo isso, mais vontade de estudar, continuar. Eu não quero parar nesse técnico. Com certeza eu vou fazer uma faculdade, que é isso que eu quero pra minha vida e com a ajuda de você, de colegas, eu vou conseguir. [aplausos]

Maria Aparecida: Eu sou Maria Aparecida. Eu sou de Urutaí e a minha expectativa na fala de vocês foi muito grande quando a gente vê que as formas da gente buscar esse público lá fora que existe sim, que a gente não pode fechar os olhos, tem que ser também diferenciada. Então, eu fiz as anotações porque nós viemos de Urutaí exatamente também pra ter esse momento de reflexão e fortalecer o nosso trabalho, porque felizmente, como as meninas disseram, né, a gente precisa, éh, Mad'Ana também falou, é uma qualidade. O nosso trabalho só vai ser de qualidade realmente,

de amplitude assim de oportunidades se nós tivermos o Proeja fortalecido, buscar realmente a demanda da região, uma qualificação pertinente para o nosso público. Nós estamos lá no sudeste goiano. Então, todo esse estudo, essa abertura da escola, do campus, por exemplo, pra essa necessidade, ela realmente começa a fortalecer o que a gente busca, né, e eu acredito que a gente vai conseguir, éh, construir uma política pública, né. E alguém disse, lá no congresso também, disseram isso em Julho, João Pessoa, que veio pra rede por sermos [?] várias metodologias diferentes. A partir do momento que o Proeja entrou lá no campus Urutaí, eu tenho certeza, eu produzi mais, eu tenho artigos, trabalho com os alunos, eu tava, sabe, na inércia, então, até mesmo nós, éh, que estamos atuando no Proeja, a gente também tá... tem que se colocar... a gente também... a nossa aprendizagem é ao longo da vida e esse desafio essa busca de, essa afetividade éh que o professor Sebastião falou, que ela é muito importante, não é aquele bonitinho, bonzinho... estamos com o pobre mesmo, viu o Manoel lá, sem dente, o nosso aluno também é esse aluno pobre da nossa região, como eu como meus pais, como você contou da sua vida Josué, a minha também foi assim. Então, essa força nossa tá cada dia aumentando. Éh... o pessoal da Paraíba que eu visitei lá o campus também, eles estão com a mesma, todas as pessoas que estavam no congresso colocaram isso, nós estamos nos fortalecendo. Éh, nós não vamos deixar que nos nos institutos, né, fracasse essa modalidade. Nós vamos conseguir responder com todos os desafios. Eu acredito que esse momento que vocês propiciaram aqui, eu tô sempre cutucando [??], que a gente possa fazer um momento lá em Urutaí, porque sempre a gente aprende mais. Quero parabenizar, vocês, viu! E dizer que nós vamos tornar esse nosso desejo, éh, esse decreto né uma política pública. Muito obrigada! [aplausos]

Miriam: Miriam, de Ceres. Éh... eu tinha... ouvindo o que vocês tão falando, tenho uma preocupação aqui na minha cabeça. O professor colocou assim, éh, muitos chegam pra salvar, éh, [?] tem que ocorrer mudança, éh, na EJA, não é salvar, não é resgatar, é [?] priorizar condições. E aí eu fico pensando, éh, nós professores, éh, às vezes somos formados de uma forma diferenciada com uma história que valoriza, éh, uma missão diferenciada nesse processo de educação. E aí eu pergunto, professor, éh, o que nós professores que não fomos, éh, criados, nem assim

preparados pra trabalhar com essa clientela, podemos fazer pra mudar essa nossa perspectiva e visão? Porque é importante, eu adoro o público da EJA, eu trabalho com eles, trabalhei oito anos em favelas, trabalhei com diferentes grupos, né, de interesses, mas eu sei que nós temos um preconceito, a palavra é forte, mas nós temos dentro da gente realidade, que às vezes emperra(?) o que a gente vem trabalhando. E, eu fico questionando, professor, quais são os passos, os caminhos [???] para melhorar a nossa parte pedagógica na sala de aula? As avaliações! Você fala salvar. Às vezes eu fico pensando no meu aluno, que eu tenho que mudar, eu sou criada naquela teoria tradicional, tem que fazer prova, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que exigir. Eu acho que ele merece a mesma qualidade de qualquer escola regular, mas aí todas as diferenças e todas as desigualdades que surgiram, tem que mudar. Como fazer essa mudança? Eu tenho que me mudar primeiro para mudar o outro e para levar o outro a essa liberdade, a essa capacidade de cidadania. [aplausos]

Prof.^a Luciane: Luciane, professora do Instituto Federal Goiano, campus Ceres, professora de Matemática, né, [?]. E, agora em maio eu fiz a defesa da minha dissertação de mestrado no Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural e a nossa discussão foi exatamente a utilização de metodologias que garantam esse acesso a esse mundo em que a gente envolve o conhecimento do aluno e o conhecimento do professor. Então, achei interessante quando o Josué colocou sobre o uso de metodologias que aproximem esse aprendizado, né, e que essa realidade que o aluno traga seja utilizada em sala de aula. Minha discussão foi exatamente essa. E a gente percebe em sala de aula quando o aluno, éh, às vezes quando quando a coordenação vai em sala, vai apresentar um novo professor e eles sempre relatam o seguinte, gostaria muito que... eles agora são sujeitos mesmo da aprendizagem. Eles relatam assim, eu gostaria que os professores nos tratassem como tal professor nos trata e e a gente sabe que é uma exigência sim e que o aluno Proeja ele sabe o que ele pode e até onde ele pode chegar. Eu acho muito interessante os relatos de ontem quando eles dizem que não vão parar aqui, né, que essa porta ela só foi aberta, né, é só mais um degrauzinho que eles estão botando o pé e que tem muitos ainda pra chegar e, dizer pra esses alunos que, realmente, aproveitem esse direito que eles têm e que nós professores também saibamos da... reconheçamos esse

direito e também como profissionais do Instituto que a gente reconheça isso como uma responsabilidade de buscarmos, né, essas saídas e e claro, e também... eu fiz a especialização em Proeja e eu sei da importância que é discutir e faço questão quando posso de participar das discussões na UFG, né, nos Diálogos Proeja e, também, como Cidinha falou, espero que o Instituto Federal Goiano, né, em Rio Verde nós já tivemos, né, lone, uma discussão, diálogos, e também esteja aberto pra proporcionar isso aí que vocês estão fazendo aqui hoje. Parabéns ao professor Adolfo e os demais colegas que se empenharam tanto nesse evento e parabéns aos alunos que também estão reconhecendo isso como direito. Isso é de vocês! [aplausos]

Prof.^a Jacqueline: Bom dia! Jacqueline [?] do Instituto Federal de Goiás. Eu só queria fazer uma questão em relação a Tião, que ele colocou que essa realidade que a gente tem mais de sessenta e cinco (65) milhões de adultos em nosso país que ele coloca que isso foi construído historicamente e só vai ser superado historicamente, né. Eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre essa questão e que a gente entende a Educação de Jovens e Adultos... ao trazer jovens e adultos pro nosso Instituto é olhar de frente pra nosso país e não dar costas as costas pro nossos pro nosso país e olhar pra Europa, né. Porque, em geral, como a gente vive numa sociedade capitalista, como Josué diz, em que a realidade não não... a gente não vê, a realidade a gente vive na aparência, na irracionalidade, né, e nessa perspectiva e irracionalidade, gostaria que vocês, a mesa aí falasse um pouco, sobre alguns mitos que a gente escuta dentro da própria Instituição e um deles, que tá entre o corpo docente, e também entre a o mundo em que a gente vive, é que, pra dar aula pra Educação de Jovens e Adultos eu tenho que baixar o nível daquilo que eu tenho que ensinar. Eu gostaria que vocês falassem um pouco sobre isso.

Aluna Marileuza: Bom dia! Meu nome é Marileuza. Eu sou do 4º período do Técnico de Alimentação. Eu achei interessante vê vocês falarem que o sujeito do EJA é negro, é pobre, então tá falando de mim, tô aqui. E entrar nessa discussão foi encarar os jovens que olham pra gente e falam “lá vai o velho do EJA, no corredor”. Você vai na frente e vai ouvindo eles falarem nas suas costas. É encarar os professores, é todos os dias pegar duas condução e chegar em casa meia noite, ser

assaltado como aconteceu com alguns colegas aí, durante esse período, é não jantar, é assistir aula com sede, muitas vezes, e deixar filho sozinho [??] tem amigas que deixam sozinhos em casa pra poder vim estudar. Então, é muito interessante ver vocês sentados aqui discutindo isso. Essa sala é até boa, tem ar condicionado, muito confortável as cadeira, mas muitas vezes as cadeira que nós sentamos não é confortável. Muitas vezes na hora que nós estamos assistindo aula a cabeça tá zoendo(?), tem alguma coisa... tá sempre passando mal por causa de alguma coisa, por falta até de alimentação. Então, esse aluno que vocês estão discutindo é uma pessoa, pessoa de verdade, é um trabalhador que sofre, que [??] na sala de aula. Vocês se aplicam muito como professores, mas o aluno também se aplica muito. Recentemente, eu aprendi a gostar de Machado de Assis que eu odiava, porque eu não entendia ele. Eu aprendi a gostar de Shakespeare. Pela primeira vez eu gostei de Romeu e Julieta. Eu também não gostava. E recentemente eu pude ensinar a minha filha a fazer uma redação. Que que é uma redação? E, mais recentemente, eu ajudei ela a passar no vestibular na Universidade Federal. Ela é... agora está cursando Farmácia. Então, isso aqui não é só uma discussão, não é só uma estatística, é realidade, é sofrimento, é dia a dia. O Tião que já deu aula pra gente em todos os períodos, ele sabe muito bem como chega um aluno na sala de aula. Ele sabe muito bem que tem dia que um quer matar o outro, de tão nervosa que tá, porque a maioria é mulher e no dia que todo mundo tá de TPM é [??] salve-se quem puder, coitado dos homens [risos], mas até o professor roda(?) às vezes. Mas, eu vou falar uma coisa, esse trabalho não é só estatística, é pessoas, é pessoas que tão entrando aqui [?] muito problemas. Eu fui eu fui fazer a minha inscrição pra chapa do grêmio, quando eu perguntei qual era o nome da chapa, eles falou Chapolin, falei gente, mas que nome é esse pra uma chapa, só tem criança nessa chapa. E eu quero... eu luto muito pelos meus colegas, eu vou atrás, eu vou na coordenação, eu vou na Jacqueline, eu vou correr atrás de tudo o que eu posso pra trazer de volta os meus colegas, eu eu ligo na casa deles pra saber porque eles não estão vindo pra escola, porque eles não tão vindo pra aula. E é um trabalho [?] do professor, mas não se esqueça que do aluno também é doído. Então, quando acha professor como o Tião, como o Adolfo, como a Kênia, não tem como não se apaixonar, não tem como não haver um relacionamento mútuo. E, no Tião ele tem um um item nele que ele gosta dos alunos mas ele tem um um jeito de fazer a mulherada calar a boca pra

ouvir ele. Isso não é fácil! [risos] Parabéns pra vocês! E, muito obrigado por vocês estarem nesse trabalho. [aplausos]

Aluna Lilian(?): Eu posso dar a minha opinião? Minha opinião sobre o Proeja é o seguinte: todos vocês são engajados, mas eu acho se tivesse um pouquinho mais de Tião, de Kênia, de Adolfo, eu acho que o Proeja ou o EJA já seria campeão há muitos anos, porque aqui tem sim o preconceito no Proeja, nos velinhos do Proeja como disseram. E eu acho que o a técnica pro Proeja deslanchar de vez é ter de dez, dez são engajados, mas cinco é muito forte, é engajado cem por cento (100%). Três, dois, é mais ou menos. Três é mais não é. E os outros cinco não quer nem saber em falar... do Proeja. Aí é que tá a grande diferença do Proeja, onde o Proeja não tá dando certo, é a falta de engajamento, a falta de vontade de alguns. Quisera nós aqui na Instituição tivesse mais Tião, mais Kênia, que luta com unhas e dentes por nós. Que ela nos faz sentir a vontade de vir para o Instituto. Ela faz a gente lembrar dela, da Instituição, aonde quer que a gente esteja. Não importante aonde a gente esteja a gente lembra do Tião, quando a gente vê as guerras [?], nós lembramos da Kênia quando a gente vê as pessoas falando a política incorretamente, fazendo uso do seu poder incorretamente, a gente lembra da Kênia porque ela tá ali firme e forte defendendo a gente como uma mãe, como uma leoa defende os filhotes. Eu acho que o... a... como é que eu vou dizer... a sementinha que tá faltando é um pouquinho mais de engajamento de alguns porque tem pessoas no Proeja que se deixaram desistir por professores, que disseram a eles “esse curso não vai te dar base pra você prestar um vestibular”. Tem professores que não ajuda o aluno de forma adequada. Tem pessoas na Instituição que olha pra o Proeja quando a gente tá trabalhando e fala assim, “ah! essa aqui é [?], ah! esse aqui, esse aqui é o Proeja!”. Com com preconceito muito grande. Eu senti na pele como meus colegas também já. Isso não é inverdade. Faça uma pesquisa se quiserem e vai procurar a verdade do que eu estou dizendo. Eu não estou aqui dizendo que os professores são ruins, muito pelo contrário, eu estou dizendo que a Instituição precisava de mais um Tião, mais uma Kênia, um Adolfo. Esses sim tá de corpo e alma no Proeja e é esses que vão levar o Proeja rumo a vitória. [aplausos]

Aluna Valdivina(?): Bom, eu não sei falar tão bonito quanto as pessoas falaram aí, mas eu quero deixar uma experiência de vida aqui pros alunos do Proeja que eu também sou do 5º período. Quando fala em discriminação, éh, eu não tenho medo da discriminação. Já fui muito discriminada na minha vida. Quando eu era criança eu ia pra escola dois quilômetros de distância, na fazenda. E eu era filha de criação e os parentes, todos, da família, me criticavam na estrada, éh, faziam brincadeiras chatas comigo e às vezes tirava a minha vontade de ir a escola. Aí quando eu vejo outras pessoas aqui igual da minha sala, fala assim, “ah! você ouviu? tá discriminando nós que é do Proeja!”. Eu não vejo assim. Eu tenho dó daquelas pessoas que discrimina a gente. Eu olho pra eles e desprezo eles, porque eles não tá merecendo a minha confiança, a minha amizade. Porque eu me sinto aqui no Proeja, assim como se eu tivesse num navio indo na primeira classe, porque esta oportunidade é única. Porque eu tive muito oportunidade na minha vida. Eu fui militante como vocês na educação. tive oportunidades que eu joguei fora. Porque com dezessete (17) anos eu já era professora. Me deram essa oportunidade porque achou que a minha vida não tava boa. Fui morar no grupo de fazenda sozinha. Aí então lutei. Aí depois que casei, alguma pessoa tirou o meu incentivo, tipo assim, não precisa, não vai mexer com isso. Na época, lá na minha cidade, o doutor(?) Edson entregou livros pra mim e falou “ó, você come esses livros porque eu parei na sétima série, porque eu sei que você tem um grande futuro e eu quero te ajudar.” Mas, eu joguei fora a oportunidade que as pessoas me deram e aqui, estando aqui agora, eu não tô nem aí pra discriminação. Eu tenho vergonha é de eu não poder, éh, éh, como é que fala assim, é corresponder a expectativa dos professores que esperam de mim, né, porque hoje eu tô com a cabeça cansada, já passei por muitas coisas, tenho preocupações com a família como todos aqui que tão fazendo o curso tem, então, a gente não tem mais aquela habilidade de aprender, né, tá com a cabeça um pouco tampada, mas o que eu tenho a dizer, não reclamo de nenhum professor, cada um tem o seu jeito de ensinar, eu acho que todos nós temos que respeitar os professores, principalmente, os novatos que entram aqui na Instituição, porque eu já tive oportunidade de entrar em outras salas, não na minha, e escutar alunos falando assim, “esse professor é padre”, mas será que eu tô integrado aquele professor? Eu falei pra ele, “por que que você não chega pra ele, conversar, fala assim, professor, eu acho que é melhor assim”, né, no entanto vai falar mal do professor. Isso vai atrapalhar aquela pessoa

aprender, com certeza, né. Então, o que eu tenho pra dizer pra vocês é isso, que eu fico agradecida por estar aqui, não me importar com discriminação. Ninguém deve importar com isso. [aplausos]

Prof. Adolfo (mediador da mesa): [...] mais um pouquinho... um intervalo aí pra segunda mesa.

Prof. Sebastião: Queria aproveitar... tô com medo... Aldemir está saindo ali... Aldemir antes de você sair deixa eu aproveitar a sua presença. Quando eu acho que muita coisa que foi demandada aqui acaba passando, éh, de uma certa forma específica pela área da reitoria, extensão, licenciatura e me parece que é fundamental que as autoridades as pessoas que tem uma uma função diretiva, né, de formular e de inclusive de sensibilizar aquilo que é demandado e, mas também tem a vontade política de realizar a a... e a EJA precisa muito disso, né, é uma pergunta... eu acho que na fala da... de muitos aqui, por que paramos no primeiro Proeje, né? Porque não abrimos outros cursos? Tranquilamente, a resposta eu acho que você depois no processo... o Aldemir é uma pessoa que tem tentado se aproximar dessa polaridade dessas coisas. Então, por que não abriu outros cursos? Por que não incentivar, né? Só pra aproveitar sua... eu acho que ficou o desafio pra gente, né. [alguém fala algo no auditório]. Tá bom! Éh... bom... é um infinidade de questionamentos, né, de de, éh, não vou dar conta de maneira nenhuma de atender a tudo que a Emília, Mad'Ana, Alessandra, éh, Maria, esqueci o nome aqui, ah, Maria Gomes, esqueci do S, ah, Maria Aparecida, Miriam, Luciane, Jacqueline, Marileuza, Lilian e a Valdivina, por último, colocam, todos coisas muito importantes. É, até a preocupação... bom Emília coloca essa... eu acho que fazendo essa pergunta pro Aldemir, né, eu acho que eu já tou tentando entrar naquilo que você... como é que a gente faz aqui no IFG pra que o IFG chegue até o sujeito da EJA, né? Eu concordo com a Lilian quando diz assim, as coisas não estão abertas aqui ainda! Eu acho que a gente tá no processo de abrir o Instituto, né! Então, tem um esforço de abertura, mas existe uma inércia estabelecida, existe uma antipatia estabelecida, existe uma coisa que está cristalizada, que é a o, que o Instituto ele é um centro de excelência, que ele é um centro pra privilegiados, que a Mad'Ana coloca muito bem, eu acho que nós temos que superar isso. Concordo com a Mad'Ana que sem Proeja não tem qualidade, pelo

menos a qualidade social aqui nesse Instituto. Bom, mas você, éh, como é que a gente faz, né, como é que a gente faz? Eu acho que tem que através da militância forçar, forçar. Tem um filósofo que fala “faça, force, fuce”, né. Eu acho que a gente tem que forçar, fuça, todas as possibilidades da escola, se abrir pra criar novos cursos, criar... pra atender, tentar se abrir pra essa demanda. Eu tava dizendo, ela não tá, ela não reivindicante a priori, né! É quando ela tá dentro que ela se acha, se sente, então trazer pra dentro, é preciso um esforço institucional muito grande, né, e de uma certa forma, você, em algumas falas percebe certa acusação acerca da Instituição de fazer pouca força ou de não fazer força pra abrir. Então, aí você, você entra na questão do ensino, né, como é que a gente poderia, éh, éh... coisa muito difícil porque, éh... a menina tava falando a questão da nota, acho que ela não tá mais ali, mas ela dizendo assim, a dificuldade, né, acho que é você, a dificuldade... eu dô prova, eu eu quero o nível, né, e aí eu pensei, bom, acho que entra um pouco naquilo que a Emília... e eu acho que é precisa da prova, é preciso ter nível mesmo, né, e mais tem um cara que discute avaliação que é o o Luckesi, Cipriano Luckesi, eu acho que ele ele ele muitas vezes assim, né, na EJA, o menino tirou nota dois, vou dar o exemplo que o Luckesi dá, o menino tirou nota dois na prova, depois por um processo que você possibilita, ele tirou oito, aí muitas vezes você vai lá e faz média cinco e esquece que ele saiu de dois pra oito, porque esse cinco é injusto com esse crescimento, né, aí você fica amarrado naquele dois, o cara tá amarrado naquele dois, você num num num larga mão. Ele já tá no oito e você quer puxar ele pro cinco, porque as malditas médias né. Pois então, eu acho que isso, e falando isso a gente já mostra a necessidade da gente pensar sobre as nossas, as nossas concepções, né, sobretudo de avaliação, éh, o Luckesi no no trabalho dele ele discute ou põe o que é avaliação, o que é avaliação, e ele optando por avaliação formativa, né, ele vai entrando nessas questões. Por que que a gente amarra a pessoa no fracasso? A gente tem um pouco de medo do sucesso, né! Para que a gente tem uma priori na cabeça na hora do exercício docente, não, se esse cara é ruim, ele é ruim, é ruim, então, esse cara não pode tirar dez comigo senão uai, incompetência minha, né! Aí eu amarro ele, eu amarro ele, né. Isso, você tá vendo, é profundamente teológico, isso não tem muita coisa haver com a produção do conhecimento, e é preciso então avançar esse sado de teológico, tradicional, no sentido de perseguir o erro aonde ele vai e esquecer que essa modalidade exige...

não é ter, você tem que perceber o movimento, não pode perder o movimento, né. O Modeu(?) ele falava assim, Modeu(?) é um pinto impressionista e ele ficava louco porque ele falava, ai, ele queria pegar o momento, né, e ele falava, nossa!, não dei conta de pegar aquele verde, ele ficava... as pinceladas pra não perder, porque se fazer isso ele acha que tá perdendo, perde o que ele queria mostrar. Eu acho que o docente na EJA ele tem que ser meio assim, ele não pode ficar perdendo os momentos, sabe, em função da daquelas coisas que ele entende como o formalismo, né, aquela é preciso classificar, eu preciso... então, seria muito interessante. Eu acho que passa pela gente assumir assim, éh... é o sujeito que é burro ou é o professor que é despreparado? Volta nessa questão, né. Eu acho que em grande medida é o professor que é despreparado, porque o saber, né, eh... pessoa burra, né! Pessoa burra! Difícil, né! Tem nada haver com a espécie. Burro é burro e homem é um ser que vai se tornando, né. Agora, quando você impede a pessoa de se tornar, né, aí é burrice. A burrice tá é no impedimento do ou... na dificuldade do do... não deixa o outro se tornar, é burrice, né! Bom, qual que é a importância, a Mad'Ana coloca a dificuldade a a... qual a importância do Proeja pra instituição IFG, né? Eu acho Mad'Ana que pra quem milita e como você coloca, total, ela é é... a qualidade tem haver com a gente empreender demandas, empreender políticas pra ampliar, mas existe, se a gente for... a gente pode responder essa essa pergunta no sentido negativo dizendo assim, importância muito pequena, se a gente considerar o fato. Se a gente considerar as lutas que a gente tem empreendido e o pouco fato, ah, esse povo tá dando pouca importância, tem uma um descompasso entre assumir compromissos, fazer falas de apoio e agir no sentido da ampliação, né. Eu, falando com o Aldemir, acho que já falei isso com o Paulo César, eu acho que a gente precisa realmente falar, a gente precisa falar, falar é importante pra que as coisas aconteçam, mas a fala não garante que as coisas aconteçam, é preciso é é como diz o Cazuzza, né, se as suas ideias correspondem a fatos, o que vale isso? Né, é preciso fazer essa correspondência. E os fatos é é... os fatos dizem pra gente assim, por que? Por que só um curso? Por que tanta... ? Adolfo quando pegou a coordenação aqui pegou porque não é possível, tá morrendo, uma vez o Adolfo falava isso. Tá morrendo, vamo ter que pegar firme. Saiu uma pessoa, Jacqueline era uma militante muito assídua, saiu pra fazer uma outra função, ah!, vai morrer! É tudo muito... as coisas não se sustentam. Por que que as coisas não se sustentam?

Porque ela ainda tá muito presa a militância. Ela tem que ser institucionalizado, as nossas ações, ela não pode ficar... Lilian quando coloca ali, o Tião, a Kênia, o Adolfo, podia colocar mais um monte de gente, né, tá o Paulo aqui, tá a Jacqueline ali, tem outros professores, Josué que tá chegando agora, tá tá fazendo mestrado em EJA. Quer dizer, mas tá, existe uma militância, mas tem uma instituição que não tá sensível. Então essa militância vai ter que desenvolver, vai ter que deixar de ser, éh, apenas pessoas abnegadas, tem que propor políticas, tem que forçar, tem que... até que isso se institucionalize, mas aí você poderia dizer, não, Tião, já tá institucionalizado, tem um curso, já formou turma. Mas eu não tô falando meramente disso, eu tô falando da necessidade disso que você tá falando, óh, identificar o instituto com a ampliação do Proeja, isso é... vai exigir um esforço nosso imenso, não é, até que a gente consiga institucionalizar isso aqui. Bom, nossa, são tantas coisas, né! Eu acho também que o... a gente tem que enfrentar o que a Mad'Ana fala que é o Cefet ainda se posiciona no lugar de privilegiados, né, ah... deixe me ver. A Jacqueline coloca uma questão, éh, tem muita gente que colocou assim, como é que a gente faz pra abrir o Instituto, como é que faz pra abrir o Instituto? Éh... tem um ditado lá do do... eu acho quando a gente tem pouco tempo pra falar, uma metáfora às vezes ajuda, né, um poema, o o o o Paulinho da Viola ele fala assim, é, as coisas tão no mundo, mas não adianta elas estarem no mundo se eu não apreendê-las, né, elas só vão estar no mundo para mim, se eu apreendê-las, elas estarem no mundo sem que eu as apreenda, não significa muita coisa pra mim. Agora, como é que eu faço, né? Como é que eu faço pra apreender as coisas que estão no mundo, né? A gente vai ter que botar a cara, a gente vai ter que se organizar. A Jacqueline fez uma provocação aqui, ô, Tião fala um pouco da superação histórica da desigualdade. Ai ai ai! Eu acho que o estabelecimento, o estabelecimento do do do Proeja aqui a partir de 2006, tá vendo como é que é novo? São quatro pra cinco anos, né. Éh... é uma é um é um elemento que aponta pra essa pra essa superação da... na medida em que inclui, na medida que diz pra essa instituição, ó, vocês estão errados, isso aqui não é centro... isso aqui é uma instituição pública e ela tem que se abrir pra essa demanda, né. As coisas, como é que as coisas mudam, né? As coisas mudam o tempo inteiro, as coisas mudam o tempo inteiro. O grande problema é que às vezes a gente só consegue perceber a mudança quando ela já é resultado. Quando as coisas já mudaram. Não é mudar, já tá mudado. É como o passado. Você fala assim,

ah!, mudou. É duro quando a gente tá no processo de mudança... eu considero, eu sou bem otimista em relação ao que a gente tá vivendo agora, que a gente tá num processo de mudança, mudando, a gente tem uma dificuldade muito grande de ver as mudanças que estão em curso. No geral pra gente mudança é aquilo que está ligado ao passado, né. Eu acho que que estabelecer o EJA, lutar como políticas, é que é o caminho pra pra diminuir a desigualdade. Agora, superar... vamos desenvolver projetos políticos aí, né! Novas estéticas, novas, éh... bom! Eu também tenho dó, concordo com a Valdivina, tenho dó de quem discrimina também [?], porque eu acho que esse povo não sabe bem o que faz quando discrimina dentro da Instituição. É muito mais assim, é muito mais assim uma, ai, quando eu digo assim... sabe aquele ditado quem desdenha quer comprar, quer dizer, ah, a Instituição tá se abrindo e parece que esse se abrir... eu sou igual, eu sou igual a essa pessoa, eu tô aqui com a capa da excelência, mas eu sou igualzinho, eu sou o [?] na realidade livre, que o Manoel fala. Mas às vezes e aí a gente tem que, tem que... esses processos, esses processos assim de é é estatísticas, pois é, mas estatística é desfavorável aqui no Instituto, né, só tem um curso, éh, é muito pequenininho, éh, tem uma instituição muito grande, a instituição agora tá, é universitária, é a pós-graduação, né, então, se você for vê o que aponta o Cefet, a gente mata o Proeja, não é. Então, a gente vai ter que dizer, olha, nesse apontamento de crescimento e de tudo a gente tem que entender que a essência é manter os médios integrados que tá na história da instituição e que a gente vai ter que ampliar, éh, crescer pra outros rumos, licenciaturas, pós-graduações, mas não perder esse rumo, né. Bom, pessoal, eu vou parar por aqui. Vou passar pro Josué.

2 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DA MESA DE TROCA DE EXPERIÊNCIA - CURRÍCULO INTEGRADO

Prof.^a Jullyana (mediadora da mesa): [...] literatura brasileira e o, acho que a grande contribuição aqui, principalmente, pra esta mesa redonda, casa bem, é que a professora Kênia participou da elaboração do projeto pedagógico é desde a estruturação mesmo do Projeja aqui no Instituto e eu acho que a gente tem muito, éh, o que dialogar aqui com a professora. Então, a palavra está com você professora.

Prof.^a Kênia Bueno: Boa tarde, pessoal! Quero agradecer a atenção de vocês. Agradecer a participação dos alunos nas falas, né, e a oportunidade de aqui pelo Instituto a gente poder tentar estabelecer com vocês esses diálogos é em relação a esse processo de formação que tem no currículo integrado o seu pressuposto, né, a sua estruturação. A o o nesse Diálogos Projeja a a discussão nuclear do do currículo integrado, ela ela se coloca como uma prerrogativa né, pra que a gente possa entender bem essa proposta na sua integralidade, pra que a gente possa tentar, não é, elaborar as nossas as nossas, éh, discussões, éh, as nossas análises, os nossos estudos pras disciplinas com as quais a gente trabalha, éh, buscando esse horizonte desta integração, não é, então nós fizemos aqui... estamos propondo uma exposição em que a gente vê, é reiteradamente falado o que significa essa integração, não é, pra o currículo, éh, ter esse curso, mas também pra que ele seja pensado na sua extensão a todo o ensino profissionalizante, profissional, e de maneira ampla todo tipo de formação, porque no limite toda formação é formação para o trabalho. Acho que isso é uma coisa que fica claro, né, não importa a profissão, não importa a a, né, a escolha individual, mas todos nós estamos nos preparando num percurso formativo pra atuar um dia na sociedade dentro daquelas nossas perspectivas individuais. Mas, éh, dizer que a discussão do ensino profissionalizante tem o seu próprio caráter e tem as suas próprias exigências é algo que não não pode ser é é ignorado, não pode ser, vamos dizer assim, subsumido, né, nos apontamentos dos elementos de formação que nós temos que construir as várias área do conhecimento. Então, a discussão do Projeja e a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o Projeja na Educação Profissional da Rede Tecnológica ele tem é essa proposta fundamental, que seja uma formação humana na na

modalidade da Educação de Jovens e Adultos com a procura e a garantia, né, de elementos mínimos de uma educação integral. Então, as concepções... o currículo, né, o que que é o currículo? Basicamente o que que nós temos que pensar quando a gente pensa em currículo? É como a gente trabalha a ideia dos conceitos. O que é currículo, né? É fundamentalmente isso, é aquela organização dos conhecimentos que são necessários para a formação em determinada área do conhecimento. Então, se nós estamos na Construção Civil, no Meio Ambiente, etc., qualquer que seja a área de formação, nós temos uma proposição de disciplinas e conteúdos que vão ser desenvolvidos e trabalhados e ao final desse trajeto formativo, desse percurso formativo, nós teremos minimamente os elementos essenciais, básicos, basilares, para a atuação em determinada área formativa, então quer dizer, é o currículo que vai dar a marca da formação que foi trabalhada, que foi aprendida, não é, as disciplinas que aparecem, os seus conteúdos é que vão formar esse currículo. Então, currículo é essa organização desses conhecimentos nas área de, éh, nas diferentes áreas do saber. Alguns conhecem como matriz curricular, não é? Tem alguns algumas é é é grade curricular, mas o currículo é essa organização dos conhecimentos. Então, só sabemos que o currículo é sempre uma seleção de conhecimentos a serem ensinados e serem aprendidos dependendo da finalidade e dos objetivos educacionais, quer dizer, éh, dependendo da formação que nós queremos alcançar, nós vamos construir, vamos elaborar toda uma proposta de elementos que nós consideramos fundamentais pra essa formação, então, ele é sempre uma seleção por parte desse pressuposto, o currículo ele não ele não está dado, é despretensiosamente, desvinculado de alguma objetivação com essa formação. O currículo é selecionado. Ele é pensado por especialistas, por professores, não é, por pessoas que estão trabalhando na área de forma que ao ao se colocar aquela proposta de formação ele contemple esses elementos pra formação dos indivíduos. E como a proposta da da formação aqui pra Educação de Jovens e Adultos é a proposta da educação integral que já vem já vem historicamente sendo debatida pelos segmentos mais progressistas na na busca de uma educação profissional que dê condições do sujeito construir a sua emancipação, então, nós podemos afirmar que nós defendemos a formação integral plena, completa, não é, e que é essa formação integral plena e completa é, só vai ser viabilizada pela concepção de currículo integrado. Agora, quando a gente fala de

formação integral plena e completa a gente tem que saber que todo conhecimento ele é limitado, todo conhecimento ele apresenta, não é, seus entraves, as suas lacunas. O que nós queremos dizer quando nos referimos a essa plenitude, essa completude, essa integralidade é: trabalhar uma formação que seja seja possibilitadora de uma visão de uma visão da complexa realidade em que nós estamos inseridos, ou seja, é retirar da formação aquele perfil, éh, histórico de ser uma formação pra execução de determinadas tarefas, não é, pra execução de determinados ofícios, pra pra domínio técnico de determinados saberes, mas desvinculado de uma visão de realidade de contexto, de individuação, de individualidade, socialização. Porque em todas as áreas independente de da denominação de educação profissional, nós sabemos que a humanidade ela caminha em busca da superação, não é, dessa visão utilitarista e paradigmática do homem, quer dizer, os seres humanos independente da da da sociedade em que ele tá inserido, ou seja, essa esse é o grande propósito, essa é a grande odisséia humana, a odisséia humana de se de se fazer homem, de se construir homem na plenitude da sua humanidade. E essa plenitude humana, ela é uma plenitude carregada de de embates, de entraves e de enfrentamentos. Então, nós não vamos ter o poder completo, perfeito, exato de educa..., de formação, de de de proposta curricular, mesmo porque, mesmo que tivéssemos, que tenhamos a melhor proposta curricular, nós sabemos que as fases de aprendizado elas se sucedem, né, elas são acrescidas de novas abordagens, de novas de novas experiências educativas, de novas procuras, né, e de novos é é é, [?] assim, de novas a a objetivações que nós vamos construindo ao longo da vida. Então, não há um tempo exato de formação. A formação ela não termina em determinada é é é aquisição específica de conhecimento. É um processo ininterrupto. É um processo pra vida toda. Né, Kenedy(?), por exemplo, o poeta alemão que morreu com oitenta e três (83) anos, ele não cansava de dizer, eu passei oitenta (80) anos da minha vida lendo e devo dizer que não me dou por satisfeito. Então, não há fim. Quando a gente fala dessa ideia de plenitude, de completude, é no sentido mesmo de dar elementos construir elementos pra que esse ser humano na busca dessa sua autonomia ele possa se orientar na melhor maneira possível diante de todos os limites que lhe estão postos. O problema é a cegueira e aí vamos chamar o Saramago, não é, esse esse filme que recentemente nós pudemos ver, a a obra em si, o problema é a cegueira. A

cegueira que vai fazer com que pessoas extremamente competentes, que tem uma a um reconhecimento social, um reconhecimento estimado pelas universidades, um conhecimento legitimado pelo conhecimento científico, atue como bestas feras, atue como seres desprovidos de de de moral mínima, de condição mínima, de de se vê no mundo, de se perceber como sujeito social que tem subjetividade e que vai trabalhar essa subjetividade com os outros seres. Então, essa essa esse desafio pra buscar esse estatuto de homem é o desafio de todos os níveis de ensino. Isso não tem que começar no ensino médio e no ensino profissionalizante. Isso tem que começar na educação infantil. Na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, na nos cursos superiores e e claro, não é, nas especializações e nas pesquisas, nos projetos de pesquisa, nesse fazer ininterrupto do conhecimento. Portanto, a ideia de currículo, que é essa composição de elementos mínimos pra determinado ponto da formação que é um determinado curso da formação é... na verdade jamais deveria ter sido considerado de outra maneira que não fosse por essa ótica. Jamais deveria ter sido pensado outro tipo de currículo. Não é? Assim, a gente fica pensando que tipo de educação que nós temos, que nós tínhamos, que nós teremos? Quer dizer, nós já demos um grande salto de hoje nas escolas públicas municipais, estaduais, nas instituições de ensino público. Isso que eu digo, não hoje, né, 2010, mas historicamente isso vem sendo construído e, hoje, ninguém mais admite uma formação pragmatizada, ninguém mais admite que o sujeito vai ser formado pra adestrar, apertar parafuso. Pelo menos nos discursos, né. Agora, aí na sala, no chão de fábrica que é a sala de aula, aí nós vamos perceber que as dinâmicas nem sempre sustentam essa proposta, porque essa proposta ela é de um desafio permanente pra o educador. É um desafio é é ininterrupto, que vai exigir de nós pesquisas permanentes, estudos e leituras de referências permanentes. Então, ah, a ideia, né, dessas concepções, desses princípios de uma política pública, ela vem oficializada, no caso aqui do Proeja, no caso da do do do da Rede Federal de Ensino Tecnológico a partir de um documento chamado Documento Base do Proeja, né, quando é que isso é institucionalizado como uma política pública. Então, nós vamos ver que esse documento vai ser a a aquele instrumento legal, instrumento político, que vai estabelecer o referencial pra oferta desses cursos nessa modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Então, tem um documento. Esse documento é extenso. É um documento que pressupõe que todos os professores, gestores e

coordenadores deveriam ter tido acesso, no momento da elaboração da proposta, no momento do do do da execução disso, né, da da, vamos dizer assim, da do amadurecimento dessa proposta, quer dizer, quem ainda não teve acesso a esse documento deveria procurar acessar pra se fundamentar aos poucos, né, porque texto legal às vezes é pouco é indigesto, às vezes a gente não tem uma vontade, né, de de de absorver tudo aquilo que tá ali, mas é um instrumento de de consulta, de pesquisa. Que que é que essa política pública propõe, né? Assim, como é que ela foi sistematizada? E como é que essa articulação da Educação de Jovens e Adultos com a Educação Profissional? Como ela ela se estabelece? Quando ela se estabelece? De que maneira o governo, o o o governo estabelece e exige isso? Não é, então, nós vamos ver toda uma trajetória política que vem... os colegas anteriormente apontaram, não é, de uma de uma ruptura já de uma educação que tinha um perfil de integralidade, no governo Fernando Henrique a gente vai ver que houve um decreto que, né, rompe isso, estabelece uma dicotomia muito absurda já pra quadra história que isso vem se, foi se, colocado, mas que com esse documento de 20 de junho de 2005, né, através do decreto 5.478, é é essa educação ela passa a ter esse perfil de uma educação com um um um teor profissional, quer dizer, que tenha amarras no campo da profissionalização. Ela se enraíza. Já não se pensa mais a Educação de Jovens e Adultos sem um enraizamento na discussão de uma profissionalização. E, aí nós temos, então, estabelecidos no país uma política que vai apresentar pra nós essas concepções e princípios pra orientar, pra dar o referencial pra essa educação e, aí vem a ideia de concepção de educação integral. Primeira... elemento básico é: é trabalhar a concepção de educação integral contrapondo-se à dualidade estrutural. A dualidade estrutural todo mundo já ouviu falar muito bem sobre ela. Aquela coisa. Você forma dois tipos de sujeitos, o sujeito que vai trabalhar, vai cumprir ordens e que vai fazer, éh, executar é é atividade absolutamente mecânicas, repetitivas, desconectadas de uma referência e de um pensamento sobre o processo todo, inclusive, eu até digo mais, mais do que do processo de produção, do processo de relações em que essa produção se dá. Um indivíduo desprovido de senso crítico, né. Limitado pela capacidade de análise daquilo que o cerca, dentro das relações de formação, né, de de atuação profissional. Então, tinha-se essa dualidade. De um lado se forma, tem se a educação propedêutica, que é a educação do ensino médio numa perspectiva de

preparação, de conhecimentos amplos, formação básica sólida, e aí vamo chamar aqui pro pra pra fala, as escolas de ensino médio do Setor Bueno, por exemplo, do da da rede privada, que a gente sabe muito bem o status que isso tem o status que tem essas escolas de ensino médio, porque essa escola de ensino médio é aquela vai dar toda essa, vai tentar trabalhar essa amplitude de conhecimentos, valorações, de saberes ligados as várias áreas do conhecimento, não é, tentando, éh, desenvolver o máximo de competências, o máximo de habilidades possíveis, pra que esse aluno possa escolher um boa profissão e ter condição de de né de competir e ir pra uma universidade e cursar aquilo que é de seu interesse. E, a educação do trabalhador é aquela educação, fragmentada, não é, aquela educação que vai fazer com que ele tenha uma uma uma prática, éh, uma prática voltada pra um fazer específico, ele vai tê que ter as habilidades e domínio desse fazer específico e, aí, supõe-se que ele não precisa mais do que isso. Ele não precisa saber muito mais do que isso. Éh, pra ser um bom apertador de parafuso basta fazer o curso com a formação técnica e ele ser competente nisso. Como é que ele vai se arranjar na vida? Como é que ele vai ver a realidade? Como é que ele vai se colocar, inclusive, como um sujeito que vai reivindicar, não é, melhoria salarial, melhoria de condições de vida, isso não interessa, isso não é problema da escola! Isso nunca foi problema da escola. Tem que dar habilidade técnica pra esse sujeito e pronto! Esse é a realidade da educação da da dessa dualidade, uma educação academicista que supõe-se formar esse ser com essa amplitude de visão e, essa educação instrumental, que vai limitar a prática da sua atividade de formação. E o que é que esse concepção, então, essa concepção de educação integrada rompe a concepção de educação dual? Primeiro ponto. Ela rompe. O que é que ela traz, então? Se ela rompe, ela traz a política de uma formação que integre a ciência, que é o conhecimento, a tecnologia, dentro da rede, não é, a cultura geral que é aquilo que tá pressuposto lá no ensino médio, né, e o trabalho, porque é é educação profissionalizante. E nós vamos ver que essa procura dessa educação integral que vai se vai se contrapor a essa educação dual, essa educação fragmentada, polarizada entre os que vão gerir e os que vão servir, né, os gestores e os que vão executar as tarefas mais básicas. Essa concepção... nós temos que pensar sempre sobre isso, sempre sobre isso, inclusive pra reivindicar nos nossos cursos que tipo de formação a gente tem recebido. Nós somos capazes de avaliar, aquilo que faz

com que a gente avance ou não, que a gente cresça nas nossas percepções e e nas abordagens e nos conceitos que nós vamos apropriando ou não. Então essa concepção de educação integral, desse educando da Educação de Jovens e Adultos que vem pra educação profissional tem esse objetivo, né, formar esses cidadãos profissionais. Não são só profissionais mas são cidadãos profissionais. A cidadania como um requisito fundamental, que sejam capazes de compreender a realidade social. A realidade social a gente sente no lombo, a gente sente no lombo, não é, nas nossas condições objetivas de salário, nas nossas condições objetivas de transporte, nas nossas condições objetivas de consumo, de manutenção da educação de nossos filhos, a gente sente, a gente tem as referências dessa realidade vivida, vivida, mas às vezes a gente não elabora. Não elabora pra fazer questionamentos, inclusive, que possam nos eximir de levarmos os estigma de que nós somos culpados pela frustração do limite da vida que a gente carrega. Se nós não compreendemos os tipos de relações que estão, né, na base né dessa realidade, dessas experiências imediatas, se nós não compreendemos isso nós nunca vamos ser capazes de nos posicionar. Então... experienciar é uma coisa, abstrair, elaborar e e fazer disso condições de intervenção, mesmo que seja no plano mais individual do sujeito, mesmo que seja naquele plano mais pessoal, mas você se vê e vê, o meu limite é esse e e essa é a realidade que tá posta, agora como é que eu vou construir essa concepção de visão de mundo se eu não tenho elementos que me digam sobre ela? Me informe sobre ela. Ninguém é melhor do que o outro, não é, éh, nesse sentido de ter uma atuação, de ter uma militância, se você não se não se considera a formação que esse sujeito carrega que esse sujeito tem. Então, não dá pra esse sujeito ser essa essa, vamos dizer assim, idealização que o texto da lei traz, não é, sem que a gente construa as mediações pra que isso ocorra de fato. Quem não quer ter essa competência de de fazer leitura de realidade, de ser interventor nessa realidade, de mudar sua realidade, quem não quer? Preceder os elementos que fazem, que pelo menos compreendam isso, e ao longo da vida vá construindo mecanismos capazes de me tornar capa... éh éh... de me viabilizar essas intervenções. Então, assim, eu tenho muito cuidado quando a gente fala dessas proposições sem que a gente construa essas mediações que que são, não é, éh, que são fundamentais pra gente perceber os limites, sabe gente, porque não fica... não vamo pintar o quadro róseo e dizer é o cidadão trabalhador que nós queremos, é

uma transformação da sociedade que nós queremos, uma uma uma... uma intervenção política que nós queremos, quando você olha pra o sujeito e e e e o que você vê? Você vê uma estrutura esvaziada. Você vê uma estrutura esvaziada, não é. E se não houver uma internalização dessa desses conceitos, discussões, pelas disciplinas, a história vem, a sociologia vem, a língua portuguesa vem, não é, a biologia, a nutrição, todas essas disciplinas, partindo dos seus campos específicos de for... de percursos formativos, mas com esse horizonte de debate, não é possível, não é?! A gente fica até imaginando. Não é possível! Se esses elementos dialogassem mesmo, entrassem numa relação interdisciplinar, que é isso que é a interdisciplinaridade. Se de fato isso acontece, éh, nós vamos construir sujeitos de de de... de uma posição, assim, vou chamar aqui de posição mafaldiana, né, eu trabalho muito aqui no Cefet com com o cartunista Quino, éh, e e de toda Mafalda, com toda a discussão que a Mafalda traz, quer dizer, nós temos que construir sujeitos, e que tipo de sujeito? Que recusem, que recusem, que recusem ser explorados, que recusem o os os estigmas, que recusem inclusive status de de se colocar diante dos seres humanos numa relação de exploração. Pensar que nós vamos construir sujeitos que digam não, eu não vou suportar os outros como eu vejo a maioria explorar. Eu não quero ser um sujeito que vai ter a chibata na mão. Agora, pra você dizer por sujeito pra ele ser desse tipo, né, de sujeito. Você tem que vim construindo isso com com muita convicção, com muito, né, referência teórica, muitos elementos que deem conta de formar essa integração, inclusive, para os educadores, né, que não vão mais ser capazes de trabalhar os conteúdos específicos das suas disciplinas, dis desvinculados desse horizonte. Não serão capazes, não é possível voltar atrás quando se alcança esse nível de formação, de compreensão, de comprometimento com a educação. Então, a gente vai encontrar meios, a gente vai fazer o possível e o impossível, sabe, vai vai tentar encontrar meios pra viabilizar isso, claro né, só o conhecimento dá conta disso, quer dizer, dá conta de nos possibilitar, né, éh, de engajamento mesmo, né, a questão aí do engajamento do sujeito, éh, eu acho que aí o campo da subjetividade individual, né, haja psicologia, haja Freud pra dá conta de fazer os sujeitos de envolver, porque tem muita gente que tem muito conhecimento, mas não quer esse compromisso. E aí a gente vai entender que isso aí é ideologia de classe. O sujeito ele fala de um lugar, ele tá num espaço e ele não vai se comprometer, embora ele ouça tudo isso, ele

saiba de tudo isso, mas o lugar dele tá definido por ele e aí né falta alguns elementos subjetivos né que não fazem com que ele se identifique com o outro, mas com alguns outros, né, alguns sujeitos pra ele são referência, outros não são. Então, é isso tudo, a gente tem que pensar quando pensa nessa integração, nessas proposições, nesses princípios. Pode parecer que é tudo muito simples e prescritivo, né, nós temos prescrições a fazer, nós somos médicos aqui, doutores, vamos fazer prescrições pra coisa funcionar. Não é assim, nunca foi, não será, né. Então, o Documento Base do Proeja ele apresenta princípios do programa que é esse programa de Educação de Jovens e Adultos na profissionalização oferecida pela rede tecnológica. O Proeja vem então pra... o Proeja vem então pra pra essa discussão da rede tecnológica. Os princípios, né, o primeiro é a inclusão dos jovens e dos adultos que foram excluídos, aí nós temos aquela discussão toda pela manhã que referenda isso e aí a rede também se compromete com essa política, não é, de de atendimento dessa demanda, que é avassaladora, que é assim um quantitativo absurdo, então, agora a rede, oficialmente, ela tem um compromisso com essa demanda, com essa demanda desse desse desses trabalhadores, jovens e adultos, antes ela não tinha. O documento coloca isso, né. O segundo princípio, essa modalidade de Educação de Jovens e Adultos agora ela passa a ser integrada à Educação Profissional, nos nossos sistemas educacionais públicos, né. E aí não só a possibilidade de trabalhar a educação profissional na rede tecnológica como também fora da rede. Uma formação de trabalhadores é ministrada, veiculada pelo estado e pelo município. E aí a gente vai pensar, mas como é que o estado e o município vão dar conta dessa dimensão de uma formação profissionalizante quando a gente aqui na nossa realidade, a gente pressupõe essa formação com os laboratórios, não é, com a prática institucionalizada via trabalhos de laboratórios, quando a gente sabe que a rede estadual ela ela ela tem seus limites, não é, não sei como é que anda, a quantas anda essa discussão da Educação de Jovens e Adulto Adultos vinculada a profissionalização nas outras instituições públicas do estado e do município. Tá claro isso que eu tô colocando aqui? Porque nós aqui, nós temos uma trajetória de cem (100) anos de profissionalização e o estado e o município, eu não sei como que a a a essa demanda da prática ela vai ser desenvolvida lá, mas o fato é que o documento diz, essa educação profissionalizante ela não se restringirá a rede tecnológica, ela também será trabalhada na no estado e no município. Ah, o terceiro princípio pra

esse documento que a ampliação do direito da educação básica pela universalização do ensino médio, né. Então, a universalização do ensino médio passa a ser uma exigência de formação desse sujeito, dessa contemporaneidade. Então, não basta mais cê tê aquilo que nós considerávamos ah o ensino fundamental até oitava série. Todo mundo sabe que na prática das relações que nós estabelecemos isso tá colocado. As pessoas não se satisfazem mais, ainda bem, não é, por uma formação... mas mais que procurar essa formação por consciência, por por criticidade, as pessoas estão sendo levadas a buscar aaaa buscar essa formação porque que o mercado diz, se você não tem nem uma graduação, onde é que você vai arrumar emprego? Os dessem os desempregados também estão entre os graduados. É ou não é uma realidade do país? Então, hoje, o mínimo que se tem é a educação básica é uma educação que tem que compor o a o ensino médio. O ensino médio ainda é uma exigência de educação básica, passou a ser uma exigência de educação básica. Isso é um progresso, né, eu acho que é um progresso, mas a gente não pode deixar de pensar do porquê dessa exigência nas relações de mercado e de emprego. O trabalho, né, o trabalho nesse documento já que se coloca pra modalidade de Educação de Jovens e Adultos o trabalho como princípio educativo, ele tem que ser colocado assim bem determinado, bem enfatizado. Que que é o trabalho como princípio educativo, não é? A gente já fala, na fala anterior já deu pra gente entender bem isso, não é o trabalho como uma uma um aprendizado de operações mecânicas e repetitivas. Não é um trabalho como uma uma funcionalidade pra execução imediata de uma atividade, mas o trabalho como formador do homem. É no trabalho que nós nos construímos, quer queiramos admitir isso ou temos idade suficiente pra admitir isso ou não. Nós nos formamos enquanto sujeitos é pelo trabalho, gente. Agora, é claro que esse trabalho deveria vir em condições de humanização, não é, de sentimento de de de de de participação, de de envolvimento, de motivação, o trabalho tem que ser motivador das ações humanas, mas o trabalho quando ele é pensado como princípio educativo ele é é é um grau máximo de conceito de trabalho. Não se tem um outro conceito que supere esse. O trabalho como princípio educativo. O homem se formando pelo trabalho, intervindo, agindo na natureza, transformando essa natureza pra atingir os seus objetivos, mas ao ao fazer isso ele intervém, mas ele se constrói e constrói os outros também nessas relações. E isso é é é um movimento universal, da universalidade do homem,

né. Então, o trabalho como princípio educativo ele não pode ser de jeito nenhum menosprezado nessa concepção aqui, né, nessa concepção e que é a concepção que a gente acredita que deveria ser a concepção é de toda a modalidade de educação. A a pesquisa é um princípio dessa formação, a pesquisa como fundamento da formação, então, nós vamos ter, nós vamos ter as propostas de ensino, as disciplinas, nós vamos ter a sistematização desses saberes. Nós temos que lembrar que nesse documento a a proposição de construção desse estudante pesquisador investigativo, não é, que não decora mas que vai vai descobrir e vai acumulando e vai sistematizando é uma das mais belas proposições do projeto. Eu vejo dessa maneira. Do ponto de vista metodológico essa proposição da pesquisa como uma uma uma ferramenta, um instrumento de aquisição de conhecimento é fundamental pra pra sustentação disso aqui. Então, se a gente pensar, o que é ensinar português? O que é ensinar História? O que é ensinar Química, Matemática, pela perspectiva da pesquisa? Que nós muitas vezes nem sabemos ensinar nessa perspectiva. Por que que não sabemos? Porque o percurso formativo de muitos de nós professores daquilo que compõe os nossos quadros não teve essa perspectiva da pesquisa. Nós vamos descobrir a pesquisa na pós-graduação, às vezes. Não é? Na graduação já, claro, não é possível também que nada aconteça, não é! Mas assim, a a pesquisa parece que ela aparece como alguma coisa que é diária, cotidiana, éh, na graduação, na pós-graduação. Claro que eu não tô aqui colocando as escolas de excelência né gente, que as escolas de excelência nunca abriram mão da perspectiva da pesquisa e aí a pesquisa ela vai se inserir na educação infantil, inclusive. Essa instigação desse espírito investigativo tá lá na educação infantil como uma uma uma um dos grandes quinhões né das das boas escolas, das escolas que tem um conceito uma fundamentação política pra isso. E aquilo que o Tião e o Josué falaram muito, né, que nessa modalidade de educação, de currículo integrado, nós temos que pensar esse público e as relações todas que são, éh, mediadoras desses sujeitos, né, as relações étnico-raciais, éh, que são fundantes das das das relações humanas, dos modos de se produzir conhecimento, de se produzir as identidades sociais. Então, o documento ele traz concepções e princípios universais. Não na... nas melhores discussões sobre o que é formar um homem, educar um homem, é impossível que essas questões não estejam dadas, não estejam postas. Agora, como é que nós vamos fazer isso aqui?

Na na integração desse currículo com essa modalidade, né, de Educação de Jovens e Adultos. Bom, eu vou dar uma [riso]... vai mais um aí, eu fiz uma sistematização muito cuidadosa, mas é que eu falo muito também, então, eu eu acho que meu tempo já esgotou e eu tô aqui, um terço da fala, mas enfim eu vou eu vou tentar agora objetivar aqui em cima da da questão aqui do currículo proposto. A coordenação de Turismo e Hospitalidade a partir dessa orientação, do decreto, desse documento, então decidiu implantar o Proeja aqui e essa essa coordenação teve uma participação política determinante pra implantar esse curso aqui, tanto que depois a gente viu que isso não teve, éh, isso não ressoou, isso não teve eco, não se expandiu e e essa coordenação de turismo e hospitalidade vai oferecer essa modalidade num primeiro momento e a gente espera que a gente consiga, mas a partir dessa documentação, éh, a a toda lida, pensada e discutida entre os professores... Como é que nós resolvemos trabalhar essa concepção de educação integrada, né, aqui na na modalidade de Educação de Jovens e Adultos? Éh, eu quero deixar claro que a concepção de educação integrada, de currículo integrado, que abrange essas formações com eu coloquei, né, a profissionalizante, a execução de determinada determinado ofício, de determinada profissionalização e a a formação, essa ampla, humana, éh, absolutamente voltada mesmo pra um conhecimento de uma historicidade humana, né, que busca essa superação da da dominação, busca construir esse sujeito emancipado, não é prerrogativa do Proeja. É uma determinação para os cursos do ensino médio das instituições de ensino profissionalizante. Então, esses jovens que estão aqui no Cefet pela manhã, que fazem ensino médio integrado, na modalidade mecânica, na modalidade música, na modalidade éh, né, em alguma área específica de formação, eles também tem o direito da educação integral por determinação legal. E na nossa Instituição a partir do momento em que se colocou esse ensino médio integrado nós percebemos que nós não conseguimos estabelecer discussões, fóruns de discussões aqui pra que nessa modalidade regular, regular, de educação integrada, ensino médio integrado regular, que funciona, né, majoritariamente aqui no período matutino e a gente tem alguns cursos do do ensino médio regular, também alguns cursos que funcionam à noite, éh, a gente não teve, nós ressentimos de discussões pedagógicas, discussões temáticas, que falassem dessa integração, dessa educação profissional, educação básica. Então, isso não é uma prerrogativa do Proeja. Isso é uma determinação para

o ensino médio profissionalizante. Então, nós não estamos aqui desvinculando isso. Tá! Agora, o que caracterizou pra nós a intervenção dessa educação integrada na modalidade Educação Jovens e Adultos? A proposição de uma intervenção mais efetiva, né, talvez até por ter tido tantos debates sobre as especificidades dessa formação, éh, optou-se pela discussão dos eixos temáticos. Então, se vocês forem olhar as propostas dos demais cursos de ensino regular de educação integrada no Cefet, vocês não vão ver esses elementos, eixos temáticos. Nós optamos pelos eixos temáticos. De onde vem a ideia dos eixos temáticos? Né, surgiu de onde, né? De que fonte nós bebemos? Que a gente teve embasamento, né, dessa proposição. A nossa proposição, éh, vem do documento também que põe essa possibilidade de trabalho com os eixos temáticos. Eu não tô dizendo que não coloca essa discussão pro ensino médio regular, mas o ensino médio regular não apresenta isso concretamente, vocês estão entendendo?! Não apresenta isso concretamente nas suas propostas de curso. Agora, o Proeja na elaboração do seu projeto aponta para a necessidade de trabalhar com essas com esse feixe, com essa discussão em eixos temáticos, né, então, éh, essa discussão de tematizações que seja que fossem afins elas deveriam estar permeando também a formação, éh, integrada do ensino regular, mas não está, ela está, éh, claramente colocada no projeto político do Proeja. E no nosso caso a partir das dis... então, de onde nós fomos pegar? Do documento mais, e aí eu quero colocar isso porque, até pra pra que sirva de de sugestão de pesquisa e de de embasamento também, né, pra que a gente possa tentar encontrar os nossos meios de atuação, no material excepcional produzido pela CUT no ano de 2000. A CUT trabalhou projeto de formação integral pra ensino fundamental e ensino médio e todo esse trabalho da CUT foi feito com essa proposta de tematização dos eixos, né, de conceitos que vão se interligar. Então, aqui pelo Cefet nós, nesse curso, a partir de algumas reuniões, nós estabelecemos que essa integração desse currículo, essa formação descrita anteriormente ela teria mais esse elemento de referendo sendo trabalhado por esses eixos. Nós elencamos quatro: trabalho, cultura e alimentação; conhecimento, tecnologia e alimentação; sujeito, desenvolvimento e responsabilidade socioambiental; serviços de alimentação e mercado e gestão de alternativas de trabalho e renda. Aí vem toda uma fundamentação pra cada um desses eixos. Cada um desses eixos nós vamos funda... ..ção(?), ela sendo ela sendo percorrida e executada por todas as disciplinas, todas.

Da formação geral e da formação técnica. Não é, quer dizer, pra isso a gente precisaria de muita conversa entre nós professores da formação geral e da formação técnica, especificamente, né, pra vê onde um pode contribuir com o outro, né, de que maneira também a gente pode se apropriar do conhecimento da área técnica e alguns elementos mais específicos desse conhecimento pra abordagem na nas discussões e nos encaminhamentos das nossas disciplinas de de formação geral e vice-versa, e vice-versa, porque a área técnica também se comprometendo coma formação geral, se não a coisa não funciona. Currículo integrado pra ser integrado tem que ter a essa esse movimento, né. Esse movimento de as ciências dialogando, construindo suas interfaces, estabelecendo os seus campos de comum acordo, de comum discussão, né, de de de referência mútua, referência mútua. Então, aqui que que nós fizemos? Nós apresentamos esses eixos e fundamentalmente alguns conceitos pra cada um dos eixos, éh, o eixo trabalho, cultura e alimentação. Nesse eixo, o trabalho como categoria central ele ele vai ele vai ser... o trabalho vai aparecer ininterruptamente em todos os eixos, mas às vezes é preciso centrar alguns enfoques em cima de conceitos, concepções, relações, né, éh, análise de realidade pra entender a a dimensão do trabalho, o, éh, essa concepção mesmo de trabalho como, éh, princípio educativo e como práxis humana. Então, nesse eixo, nesse eixo o trabalho ele vai direcionar as discussões as interfaces com cultura e com o setor de alimentação, porque o curso era Técnico em Serviços de Alimentação, é ainda né, pra quem ainda tá nessa grade anterior e, Técnico em Cozinha, então, o campo é o campo da alimentação. O trabalho como práxis humana, como conjunto de ações materiais e espirituais que o homem enquanto indivíduo e humanidade desenvolve pra transformar a natureza, a sociedade, os outros homens, a si próprio, com a finalidade de produzir condições necessárias a sua existência. Conduzir, éh, construir condições necessárias a sua existência não é só vi, éh éh, garantir as necessidades básicas, mas existir, o que é existir para o sujeito? O que que faz o sujeito se sentir pertencente, se sentir alguém que existe em todas as suas possibilidades e dimensões? Então, o trabalho como práxis é essa atuação material e espiritual, essa atuação plena do ser humano nesse processo de construção. Trabalho como práxis humana. Trabalho pra construir o homem e construir o homem na interface com as suas necessidades de sobrevivência, mas não só necessidades materiais como também as necessidades espirituais. Isso é

práxis. Então, a gente tem... às vezes a gente vai passando nos conceitos e eles vão se diluindo, mas se você não volta nesses conceitos pra que eles referendam seu trabalho lá pedagógico. Trabalho pedagógico ele tem que ser pensado na dimensão do trabalho como práxis, pra quem recebe essa formação e pra quem atua nessa formação. A a mediação do trabalho nessa práxis na transformação desse homem ser social, não é, porque vai colocar esse homem em contato com outros indivíduos e todos objetivando a produção da vida, todas as áreas de atuação. Então, é na construção com o trabalho que a gente vai se colocar na na relação com os outros seres humanos, né, aí gente pensem em todas as profissões, no médico, engenheiro, professor, não é, do padeiro, todo mundo, todo mundo que constrói essa sociedade, todos nós, cada um, né, na sua função, cada um com a sua, com o seu percurso formativo, nós vamos pensar em todos nós. Nós estamos nos formando uns aos outros. A atuação individual ela reflete-se, constrói atuação coletiva, e a coletiva interfere na formação individual, né, é via de mão mão dupla, né. É uma interface uma interação permanente. E no trabalho a gente vai construindo a consciência de si, o homem constrói a consciência de si no trabalho, consciência dos outros, consciência da sociedade. Aqui tá um dos pontos fundamentais da educação integrada. Como construir... como trabalhar o percurso formativo que dê condições de uma uma profissionalização mas que dê essa consciência, essa condição de estabelecer essas formas de consciência? Como é que se constrói formas de consciência do sujeito, da relação com os outros e do contexto todo da sociedade na sua totalidade? Esse é o grande desafio da educação integral! Não é não é só essa questão, éh, de conceitos que se que se que são colocados como, éh, vamos dizer, avançados, mas no fundo e no limite é a construção da consciência do homem. Então, desse ponto de vista toda e qualquer educação será sempre educação para o trabalho. Toda e qualquer educação é educação para o trabalho. Nós professores que passamos por nossa formação na nossa graduação lá na universidade, nós estávamos sendo formados pra vir aqui ensinar, isso é o nosso trabalho, não é, e e e claro que isso sucessivamente em todas as dimensões. Por isso que a gente diz, não é, que a formação integral ela ela ela tem que ser realçada porque esse essa formação profissionalizante resente dessa concepção, dessa abordagem, dessa perspectiva. Ela se resente dessa perspectiva na sua historicidade, mas no fundo é isso que nós temos, né. Bom, aí nós temos... um segundo eixo, conhecimento,

tecnologia e alimentação. Éh, a ideia de entender as diversas concepções de conhecimento e de tecnologia. Concepções de conhecimento, concepções de tecnologia, elaboradas pelas diversas sociedades nos seus diferentes momentos históricos, né, aí vocês poderiam pensar assim, mas aí isso virou curso de sociologia! Como é que é isso, pensando nessas diversas concepções de conhecimentos, diversas sociedades nos seus diversos momentos históricos? Nos elementos mais simples de trabalho é possível o resgate disso, claro, né, que dentro do processo de compreensão disso. Por que que nós temos um mudança nas práticas alimentares? Da onde vem essa mudança das práticas alimentares? Vem de um tempo outro de vida, né, as pessoas saem comem na rua, comem qualquer coisa, não é assim! Nas grandes cidades, então, não tem horário definido pra nada, né, dia e noite se misturam e não há separação mais. Então, quer dizer, se nós pensamos que nós vamos discutir com o nosso aluno o declínio da comida regional, ele não vem do do vazio, ele tem enraizamento na história. Então, quando a gente fala de concepções de de tecnologia do alimento, como é que se produz esse alimento, como é que a indústria alimentícia ela avança e em que tipo de tipo de oferta ela ela ela se... pra que tipo de oferta ela se direciona? A gente vai perceber que isso pressupõe tipo de conhecimento, não é assim! Tipo de conhecimento sobre o homem, sobre a sociedade onde ele tá, sobre o mercado, sobre as condições de consumo e série de elementos. Então, se a gente pensa nesse nesse nesse conjunto de referências, a gente sabe que a gente pode avançar muito quando se discute o conhecimento e as tecnologias para o trabalho. Nós estamos focando na alimentação porque esse é o eixo dessa formação. Éh, a produção dos conhecimentos científicos relacionando saberes e práticas, né, então quer dizer tem que produzir esse conhecimento, mas nós temos que o tempo todo pensar nisso, que o conhecimento ele vai se viabilizar ele vai se concretizar é na prática, é na prática, na execução, é é, muitas vezes não numa prática só materializada, não é, mas uma prática de conceitos e construções intelectuais e formativas e de divagações, inclusive, da própria subjetividade, né, é assim que a coisa é o tempo todo ininterrupto. Ah, o conhecimento como fundamentação dos processos sociais e produtivos contemporâneos, né. Nós estamos vivendo essa quadra da história, nós vamos pra esse mercado dessa quadra de história, da história, nós estamos nessa realidade mais imediata, historicamente falando. Então, nós temos que entender

como isso tudo tá posto aqui, não é, e nós temos que pensar com é que é o mercado da alimentação? Como é que são as relações de trabalho? Quais são as políticas públicas pra essa alimentação, não é, que a gente percebe? Éh, as normas de produção? Os elementos que vão constituir esse esse referencial que nós temos sobre o conceito da alimentação, nossa e dos outros? Não é só nossa né, sempre voltando pra questão da totalidade do homem, né, não só nossa, eu não tenho que me preocupar só com o que eu como, como eu como, mas eu tenho que me preocupar como as sociedades, as comunidades, as pessoas, as crianças, os adultos, todo mundo nesse país, no mundo, come! Não é?! Éh, quais são as demandas da produção moderna? O que que querem que a gente coma? São questões que... por que há esse interesse em determinados estímulos? Em determinados é é determinada produção? Então, é uma discussão muito forte, né, muito intensa. Éh, e aí aquela coisa, o conhecimento para constituir a cidadania. Conhecimento, né, desde a Grécia até aqui referendando a história, ah, é sempre isso, né, a participação do homem tentando construir essa participação do homem pra que seja a cidadania se contrapondo a barbárie, não é!? A superação da condição de barbárie do do sujeito. Então, a a tecnologia da alimentação, ela tem que ser pensada nessas relações, de cultura, de economia, não é, de mercado, né, tem que ser pensado. E quando mais elementos, éh, e quanto mais complexidade o tratamento dessas questões, mais elementos, não é, complexidade não no sentido de dificultar o discurso mas complexidade de mostrar o emaranhado que isso tudo representa, a teia que constrói tudo isso, que não é fácil de ser percebida, não é fácil de ser desvelada, de ser compreendido, não é, de ser assimilado, mas quanto mais a gente conseguir avançar mais nós estaremos com condições efetivas de garantir essa educação integral que a gente tanto quer que a gente vê nos textos como proposições, que a gente assume como proposições, mas que às vezes na prática ela nem, às vezes, pequenos ensaios dessa proposta. Sujeito, desenvolvimento e responsabilidade socioambiental é uma discussão polêmica, vasta, ela traz muitos elementos, elementos que confirmam, que afirmam essa exigência, mas outros que revelam, também, né, algumas incongruências, algumas ideologias que estão, né, na base dessas discussões, mas enfim, é a nossa casa, meio ambiente nós nós construímos, né, o meio ambiente é o que tá lá fora é o que tá aqui dentro, né, o espaço onde nós estamos inseridos e nós temos que pensar nisso. Então, essa

ambientação em relação a alimentação é fundamental, né, porque são duas coisas que tão umbilicalmente ligadas, ambiente e alimentação, né, assim, então, essa questão da alimentação, éh, e e essa discussão, éh, né, do ecossistema tão muito amarradas e a gente sabe que a gente tem às vezes ameaças absurdas de falta de água, de falta de alimento, não é isso?! E tudo levado pra um processo predatório, destruidor desse meio ambiente, né, das relações desse meio ambiente. Então, assim, tem coisas, éh, elementos riquíssimos, né, e problemáticos e potencialmente complexo pra se discutir. Mas, a gente quando pensou essa discussão pra essa área aqui, então, a gente percebeu uma afinidade muito grande, né, essa essa interface da da da do ecossistema e a produção alimentícia, né, e as relações com esse setor. E... vai mais rápido aí porque [risos] tinha muita coisa, eu falei, né, mas aqui... a... uma, éh, uma das questões muito importante que a gente não pode perder de vista é a o serviço de alimentação e o mercado porque é uma questão mesmo de trabalho, de de de construção dessa práxis, desta formação desse sujeito. Então, serviço de alimentação e mercado. E aí nós temos as disciplinas, né, da área, éh, da área específica, né, que trabalha muito alguns elementos desse mercado, o tempo todo colocando elementos desse mercado. Mas, a gente quer mais do que só, éh, registrar o funcionamento do mercado, hã, contestar o mercado, entende como é isso?! Contestar o mercado. Precisa contestar a lógica do mercado. Porque a lógica do mercado nós sabemos muito bem qual é e, nesse sentido, nesse processo de tentativa de contestação, quais são as alternativas de trabalho e renda? Quais são as alternativas de trabalho e renda? Então é, é tão complexo isso aqui que assim falando muito rápido parece ser simples, mas não é tão simples. Nós temos o mercado, temos o curso, e nós queremos que tenhamos compreensão sobre como funciona esse mercado, mas nós sabemos os limites desse mercado, então, nós queremos superá-lo. E, se nós queremos superá-lo, quais são as alternativas de trabalho e renda, nessa área de formação? E aí a gente vai falar, tem que se falar, do início ao fim desse curso, nas transformações do mundo do trabalho. Como é que isso tem sido processado? As perdas, não é, os, éh, o saldo assim de perdas, é uma coisa muito assustadora, né, tem ganhos, o trabalho claro que tem, o trabalho é práxis, o trabalho tem que ser visto pela ideia da práxis, mas esse mercado não considera o trabalho como práxis. Então, a gente vai ver que tem dilemas que a gente precisa enfrentar, conceitos, abordagens... a questão da qualificação

profissional pra esse mercado. A questão da qualificação profissional pra autonomia, né! Quais são as transformações dos processos produtivos na área da alimentação? Saber disso pra um profissional da área é muito importante. É muito importante saber, saber da sua área de formação, poder dizer dela nos momentos que for chamado a isso, né, em momentos de entrevista, momentos, éh, situações de de... infelizmente nós sabemos que tudo funciona mesmo pela competição do mercado... entrevistas, concursos, mas nós temos que ter compreensão da totalidade desse mercado da alimentação. Quais são essas alternativas e se elas existem de fato? Elas existem, né, mas quais as experiências que a gente vê em curso que podem ajudar a referendar, que podem ajudar a iluminar esse esse mercado, esse... E, a gestão dos serviços de alimentação. É é uma discussão que eu penso que a área de formação técnica também tem feito... eu eu eu tenho ouvido em algumas reuniões algumas falas, né, processos de gestão, éh, mas também a gente queria dizer, né, que na contrapartida de só apresentar aquilo que efetivamente se dá, quais são as alternativas de contraposição pra que a gestão do serviço seja diferente? Então, isso é formação integral! [??] Não se desvincula da política, não se desvincula da economia, não se desvincula dos processos culturais, mas nunca também vai abrir mão, vai vai vai, né, se esquecer que tem que construir esse perfil de profissional. Esse perfil de profissional que sabe sobre seu mercado, que sabe sobre o seu fazer. Ele tem que ser garantido. Por isso que nenhuma área de supera, nem uma área de formação se sobrepõe à outra. Ambas, na perspectiva, deverão estar intimamente ligadas, não é, porque, éh, você vai garantir essa formação, se você garantir essa competência desse fazer. Essa competência, eu sei, eu sou profissional dessa área, eu tenho domínio do conhecimento dessa área. Agora, não pra ser subserviente. Não pra ser um subsumido. E aí vamo todo mundo levantar a bandeira e vamo provocar uma revolução. Revolução ela tem que ser [?] pensada, né, já tentaram várias vezes e outros tentarão e nós tentaremos, talvez em instâncias menores. Mas, o fato é, se o sujeito não revoluciona o espaço pra si mesmo ele não vai revolucionar pra ninguém. Então, quando a gente percebe o sujeito que que tem consciência de si, que tem consciência de sua área de atuação, que tem domínio das técnicas da sua área de de de... e que tem leitura de conjuntura, é capaz desses elementos. A gente pode ter as incompletudes todas, mas minimamente a gente tem a a tentativa, né, e certezas mínimas que foi uma educação que integralizou o sujeito, né. Então,

só pra fechar, éh, a última, aqui, né, a última discussão, éh, lá no final mesmo... o caráter político do currículo. O currículo é uma produção cultural, um jogo marcado pela negociação entre discursos culturais em que resistência e dominação não ocupam posições fixas, nem se referem a sujeitos ou classes sociais específicas. Lutas simultaneamente políticas e culturais nas quais se disputa a possibilidade de significar o mundo, produzem o currículo, o currículo nas escolas. O currículo deve ser projetado para a formação de determinadas identidades, pra crítica aos propósitos pragmáticos do conhecimento científico, com a valorização de propósitos emancipatórios por intermédio desse mesmo conhecimento. Nos espaços de construção do currículo podemos construir diferentes sentidos que sejam potentes na luta política pela significação da cultura. É na contingência das nossas lutas cotidianas do presente que disputamos, disputamos como preencher esses significantes, sendo o currículo um dos espaços-tempo em que essa luta é desenvolvida. Então, pra quem às vezes pensa, as bandeiras caíram, ninguém faz revolução, ninguém fala disso, fazemos, fazemos tentativas, ensaios, lutas, travamos, e compor um currículo é compor um espaço de luta. Executá-lo é realmente fazer valer toda essa perspectiva. Nós tamos lutando gente! Nós tamos lutando quando nós estamos construindo esse sujeito por esse tipo de currículo. E, aqui, o o desafio pedagógico e político, aqui. Agora, a última parte [risos]... eu vou ler aqui um texto do secretário de educação profissional e tecnológica, Eliezer, em que ele faz um resuminho rápido e fala isso: “a integração entre ensino médio e educação profissional para o público EJA é uma novidade no quadro educacional brasileiro. Assim educadoras e educadores deste país estão desafiados não apenas a discutir esse programa em suas variadas dimensões e potencialidades, mas também a se engajarem nos esforços que os diversos atores comprometidos com essa proposta já estão desenvolvendo com o Proeja. Busca-se resgatar e inserir no sistema escolar brasileiro milhões de jovens e adultos possibilitando-lhes acesso a educação e formação profissional numa perspectiva de uma formação integral. O Proeja é mais que um projeto educacional, ele, certamente, será o poderoso instrumento de resgate da cidadania de toda uma imensa parcela de brasileiros expulsos do sistema escolar por problemas encontrados dentro e fora da escola. Temos todas as condições para responder positivamente esse desafio e pretendemos fazê-lo.” É uma fala do secretário, né, de educação, Eliezer Pacheco.

Então, assim, se nós contamos com uma política que nos respalda, né, então, não há porque não, não é, não investimos, e nessa nessa nessa luta e tentar construí-la, né, pois tá tudo por fazer, na verdade [???]. Obrigada pessoal! [aplausos]

Prof.^a Jullyana (mediadora da mesa): Obrigada professora Kênia pela fala. Realmente é uma fala assim muito pertinente e, apesar de, não termos tanto tempo assim, realmente fica aí mais um reforço pra necessidade da continuidade do Diálogos do Proeja, né, pra debatermos eu acho cada um dos temas aqui de cada mesa merece um um, realmente, um olhar, éh, mais aprofundado, mesmo. Eu agradeço a professora Kênia. Agora, eu gostaria de passar a palavra para a professora Gleice. A professora Gleice Alves de Sousa, ela é graduada em Gestão Hoteleira pelo Instituto Federal, ela é da casa, né, formação de casa, éh, retorna agora como docente efetiva do Instituto. É especialista em Docência do Curso Superior e trabalho com, éh, faz parte do grupo da área técnica do curso. Com a palavra professora.

Prof.^a Gleice: Olá, boa tarde a todos! Eu serei breve pra pra elucidar(?) o nosso tempo está esgotado, alguma pergunta (?) posteriormente. Éh... sou professora da parte técnica, minha parte é restaurante e bar bem específica dos alunos do Proeja... éh... atualmente trabalho no grupo de serviço de alimentação [???] serviço de alimentação, depois, agora, é técnico em cozinha, então, ele tá como serviço de alimentação. Você bem bem direta, né, já a Kênia já falou sobre os princípios da base do Proeja, sobre os eixos temáticos, vou falar diretamente do do currículo integrado. Atualmente, o currículo integrado... qual que qual que é o fundamento nosso trabalhando aqui com a parte técnica e a e a e a parte geral, e a parte comum? Nós tentamos trabalhar com a interdisciplinaridade, é o que nós buscamos todo momento e estamos conseguindo. Atualmente, nós da parte técnica, querendo ou não nós trabalhamos sendo divididos porque nós podemos sempre ter todos juntos, então, nós da parte do grupo da parte técnica nos reunimos semanalmente, estamos buscando todo momento, éh, uma parceria com os professores das partes específicas. Só pra vocês terem conhecimento, atualmente, nós temos algumas parcerias. O que que acontece? Éh, trabalhamos com a professora... éh, no meu caso específico da parte de bebidas, trabalhamos com a professora de Inglês. O que

que nós trabalhamos? Éh, eu fico com os alunos com a preparação de coquetéis e os meninos fazem o que, a preparação em inglês. Qual que é a importância pra esses meninos? Mesmo eles tendo todo, éh, a dificuldade de não saber, de de não ter um curso, de não sair daqui falando inglês. Eles vão sair daqui para o mercado de trabalho sabendo o básico necessário para trabalhar em restaurante. Então, eles vão saber falar como servir uma bebida, falar coisas básicas mesmo e eles vão sair daqui felizes. Aconteceu um fato tão interessante, que entrei numa sala de aula de uma amiga minha que dá aula de inglês, e tava escrito no quadro assim, “eu não sei falar inglês”, quando a professora perguntou se eles sabiam falar inglês, eles falaram, “eu não sei falar inglês”. Eu fiquei assistindo a aula e no final da aula, o quadro estava cheio de palavras que eles falaram que não sabiam falar inglês. Então, é muito interessante que nós achamos, nós estudamos, achamos que não sabemos, até com profissionais, e quando nós colocamos à prova, nós percebemos que sabemos muito. E, eles não sabiam o tanto que eles sabiam de inglês. E saindo dali eu fui pra uma aula e, acho interessante, que eu cheguei numa turma do sexto período, eles tavam revoltados falando que não aprenderam nada durante o curso. Aí eu achei interessante porque eu escrevi no quadro a mesma coisa, “eu não aprendi nada no curso”. E quando eu comecei a perguntar: gente, vocês sabem somar? E fiz brincadeiras de matemática. Fiz perguntas sobre como escrever um texto. Perguntei sobre Química. Fiz um monte de perguntas relacionada a minha disciplina, mas voltada pra outras disciplinas, e eles perceberam que eles sabiam, falaram que não sabiam. Eles falaram que não aprenderam nada em inglês. Coloquei no quadro palavras em inglês que está envolvido o nosso cotidiano. Coloquei pra eles palavras de espanhol. Então, eles achavam que não tinham aprendido e a todo momento eles aprenderam, mas aprenderam de uma forma diferenciada, porque nós buscamos hoje, éh, colocar isso pros próprios alunos que é diferente. Não adiante eu como professora da parte prática específica chegar... eu como já fui professora do SENAC é um pouco diferente dessa forma que eu ministro o curso no SENAC e a forma que eu administro pra esses meninos que é é diferenciado, né. Então, mostrei pra eles que não, por mais que às vezes eu não vou lá escrevo um mais um mais dois, eles aprenderam a somar, aprenderam a calcular custo de bebida, aprenderam calcular como elaborar um evento, aprenderam a escrever um contrato, aprenderam a ler um contrato, aprenderam como que é a

parte química... A professora de Química tem uma parceria muito interessante que eu falo da parte da fermentação das bebidas, da destilação e ela leva eles para o laboratório e faz esse projeto, ela faz com eles o que é uma fermentação, porque na sala de aula enquanto eu digo o que é o processo de fermentação de um suco de uva que resulta no vinho, ela falou qual é o processo, mostrou todas as fórmulas, porque quando nós estudamos no segundo grau a professora enchia o quadro de fórmulas e nós não entendíamos nada do que ela dizia, né, nós decorávamos um monte de fórmula. E agora, agora eles estão estudando pra que serve aquilo, então isso com... é uma forma que nós temos tido que fazemos com que o aluno entenda bem aquilo e como consiga entender a razão de tá aprendendo aquilo. Éh, nós tivemos uma formação com a nossa professora que está presente aqui, ela disse que as pessoas, éh, na aula de matemática, o professor falava assim, quando que é dois mais dois, o aluno ficava pensando, aí, não vou fazer diferente, você tem dois reais eu te dou dois reais quando que você vai ter? O aluno, quatro reais. Então, quando nós trazemos pra realidade do aluno esta, essas informações eles aprendem com maior facilidade. Não adiante eu, às vezes, como eu trabalho muito com termos em francês, inglês, nós brincamos com esses termos e eles acabam aprendendo, tá no dia a dia deles e eles não percebem isso. E e, hoje, atualmente, com essa parte da interdisciplinaridade, que é um um uma coisa que tá tendo bom resultado no instituto, tá tendo bons produtos, boa produção, nós temos o Festival Gastronômico que envolve vários professores, professor de Artes que trata com os alunos com a parte de decoração dos pratos, decoração do ambiente, com os professores, éh, de Espanhol, professor de Línguas, todos os professores estão envolvidos de alguma forma, tem uma interação entre os professores de gastronomia, serviços de alimentação, professor de hotelaria, então, envolve todo o grupo, então, eles conseguem entender qual que é o objetivo do curso, que, um dos objetivos, que eles saiam daqui profissionais pensantes, né, como a Kênia defendeu bem e é o que nós buscamos sempre, que esses alunos saiam daqui buscando cada vez mais algo melhor pra eles, como ela disse sobre a gestão, éh, os meus alunos estavam falando aqui comigo agora que eu passo um trabalho pra eles, que eu sempre passo, é, elabore o seu restaurante. Professora, mas eu não vou ter condições de abrir um restaurante! Não, não, vocês esperem um pouco e elaborem o seu restaurante. Chegar em tal disciplina o professor de gestão vai mostrar pra vocês em que locais

vocês vão buscar esses recursos, como buscar esses recursos. Então, vocês tem que começar a imaginar. Ah! Eu quero montar uma banca de lanche na feira. Mas, você tem que planejar isso. Então, foi ali a gente fez o plano de negócio e eles tem o caminho todo pra seguir, pra fazer o seu empreendimento. Então, o curso pra eles não simplesmente chegar, sentar na cadeira e ouvir o professor falando. Nós tamos tamos o tempo inteiro discutindo com eles, mostrando pra eles que eles tem oportunidade no mercado, que eles tem oportunidade não só na área específica, que eles podem ser docentes, que eu deixei bem claro que eu era aluna do Instituto, fiz Hotelaria, fui pro mercado de trabalho e voltei hoje como profissional, como professora. Então, todos tem essa vontade. Nós temos alunos do Proeja hoje que terminou que tá fazendo Hotelaria, que isso pra nós é um ganho muito grande, é muito interessante isso. Nós temos alunos que saíram que do... uma senhora que ficou muitos anos fora da escola e voltou agora como nossa aluna do Proeja, a do do do curso superior. Isso pra nós e um [?] muito interessante. Isso dá uma força para nós professores e para os colegas, estão cada vez mais, éh, buscando estar no mercado de trabalho, tá querendo estudar, tá buscando mais informações, isso pra nós é muito interessante. E, como nós trabalhamos com esse esse esses alunos, nós gostamos sempre de trabalhar como a Kênia falou, nós buscamos, éh, que eles, mostrar a importância de todas as disciplinas. Éh, como nós [?] éh a parte geral e a parte técnica, temos alunos que, um só vem para a parte técnica, outros vem pra parte geral. Como o nosso curso tem as duas ao mesmo tem e ao mesmo momento às vezes os alunos ficam desanimados com uma parte ou pra outra, então o objeti... é obrigação nossa dos professores estar a todo momento incentivando eles, éh, sempre chega, “professora, tá tão difícil a matemática!”, “tá tão difícil a química!”, então, nós temos que mostrar pra eles, buscar instigar neles essa vontade de participar da parte geral, da mesma forma os professores da parte geral, “ah! professora, a parte técnica é tão difícil, tem uma complicação!”, talvez só gosta de uma parte não gosta de outra, então, obrigação nossa como professor a todo momento é instigar o nosso aluno a querer buscar mais informação, a ver a disciplina de uma forma, “Ah! Eu não gosto de trabalhar na cozinha!”, mas você trabalhar na parte de, na parte administrativa da cozinha, você pode trabalhar em vários momentos, mostrar o quanto o mercado de trabalho é grande e as opções de trabalho que você tem pra pra executar, não somente na parte de produção, na parte

prática, tem também a parte de pensar mesmo, de elaborar um evento, de elaborar projetos, de dar consultoria, então é a todo... os alunos têm que estar preparados para o mercado de trabalho de todas as formas possíveis não somente a parte de produção, a parte prática, mas os departamentos que é possível tá ministrando aí, tá. Éh, eu falei bem rápido porque o nosso tempo está bem estourado pra deixar vocês falarem, tirem as dúvidas [??] mais clareza. [aplausos]

Prof.^a Jullyana (mediadora da mesa): Agradeço a fala da professora Gleice. Agora nós gostaríamos realmente de deixar aberto, né, pro diálogo, pras exposições, perguntas, trocas de experiências. Vocês estão com a palavra.

Aluna Sônia Cristina: Éh... boa tarde e a todos e a todas! Éh... meu nome é Sônia Cristina pra quem não me conhece. A Gleice acabou de citar o meu exemplo. Eu fui aluna do Serviço de Alimentação e logo que eu terminei o curso eu prestei vestibular e passei com uma boa classificação. E, realmente, realmente, o queacon... éh... a importância da interdisciplinaridade é fixar ao aluno a matéria. Porque é meio complicado você chegar na aula de Química, eu por exemplo detesto Química, odeio [risos], nada contra os professores, mas não gosto. Se fosse algo em separado da matéria, éh, do curso, eu teria tido mais dificuldade. Ôche, minha professora de Química está ali, caramba! [risos] Éh... eu teria tido mais dificuldade, assim como outras pessoas da matéria de Português, tem gente que não gosta de Português, gente que não gosta de Filosofia, né, [?], éh, e aqui, na Matemática, [?] tá ali, é seria realmente um pouco complicado. Os meninos que estão aqui concordam comigo, eu acho, né. E, então, assim, éh, eu quero deixar bem claro que é importante o casamento das disciplinas, vou usar a palavra casamento pra, éh, ficar no campo mais popular. É importante o casamento das disciplinas sim. Por que? Éh... só conjunto leva as pessoas a alcançarem degraus maiores.

Aluno Alessandro: Boa tarde! Meu nome é Alessandro. Sou aluno do Proeja, do 5º período. Éh, eu gostaria de fazer uma pergunta e uma colocação a respeito da fala, fala sua professora. Éh, do começo da sua fala você fala sobre a extensão humanista, humanista dentro da educação nessa modalidade, né. Éh, quer dizer, éh, deixar de construir o tecnólogo totalmente burocratizado e desprovido de senso

crítico e humanista, né. Aí, eu pergunto: éh, mas dentro do contexto em que o Proeja tá inserido dentro da Escola Técnica Federal que é produzir mão de obra tecnológica qualificada pra atender as empresas, éh, uma educação totalmente instrumentalizada como você colocou, né, então, éh, acho que essa pergunta não vai só pra você mas, essas pessoas estão envolvida dentro da formação do da grade, né, então, éh, às vezes eu veja que há um estranhamento muito grande dentro das classe quanto a um professor que quer fazer uma abordagem justamente na construção desse senso crítico pra o aluno ter a ideia pra que ele veio aqui não só pra poder cozinhar mas ele precisa aprender, éh, contextualizar e entender a realidade que nos cerca, né, do mundo, como é que se posiciona o mercado de trabalho lá fora? Como vai vender a mão de obra dele? Éh o que que ele vai aprender aqui? Como vamos usar isso lá fora em prol dele, né? De uma forma vantajosa, né! E parece que isso tá tão distante, né, cada vez mais cê vê que instrumentaliza mais ainda, né. Agora tão falando de o ensino médio ser totalmente ligado ao curso profissional, né, [???] não sei nas rede privada mas tem esse projeto né éh o ensino público tanto na fede... nos Institutos Federais como nas redes estaduais também já está interligado a uma profissão, né, o que é uma educação totalmente para o trabalho, né, e voltando ao seu contexto de educação que você falou, que educação é um conceito de formação humana, não vou aprender pra mim ganhar salário, eu vou aprender pra mim antes de tudo ser um ser humano que possa [?] com os outros, éh, assim, não sei, como se daria a construção disso dentre desse curso da gente, por exemplo?

Prof.^a Elza: Boa tarde! Éh, eu sou a professora Elza de Artes Visuais do campus de Anápolis. Eu e meus colegas aqui estamos pensando no que a professora Kênia falou em relação a feitura realmente do currículo, porque você adentrou já aos quatro eixos que vocês escolheram pra elaboração desse currículo e já está, realmente, vinculado às matérias aos eixos de trabalho do curso daqui. A nossa realidade é um pouco diferente, o nosso curso é Transporte de Cargas Proeja e tá começando agora e a gente tá participante dessa elaboração de currículo. Então, a nossa pergunta é à etapa anterior a esse processo. Éh, como vocês selecionaram os quatro eixos? Qual foi o envolvimento dos professores? Qual foi a parte cabível, éh, ao técnico administrativo, a participação do aluno nesse processo, se houve uma participação

da comunidade? Éh, que tipo de pesquisa foi feita, éh, no campo de trabalho que seria de atuação desses profissionais formados pelo Proeja aqui? Que é esse processo que a gente tá vivenciando agora, né! A gente tá implantando o curso vai precisar passar por todo esse processo de, éh, pensar e discutir e rediscutir sempre que preciso, esse currículo que a gente tá montando agora. Então, queria que você falasse esse processo um pouquinho anterior. Éh, se esses quatro eixos são por exemplo relacionados às quatro áreas, éh, dentro do... isso... e como isso foi distribuído, dividido, éh, coletivamente construído entre os professores. Ah!, isso, e assim, se existe períodos pra se trabalhar cada um desses eixos, se eles vão ser retomados, éh, se há prazos, como é que isso vai ser trabalhado? Obrigada!

Prof.^a Jacqueline: Éh, dentro da fala da Kênia... Jacqueline... só queria lembrar, né, Kênia, que eu também posso fazer a integração dentro da disciplina que eu trabalho, né, uma vez que a disciplina que eu tô trabalhando ela faz o diálogo com os eixos, que o sentido dos eixos era justamente de tirar esse isolamento da disciplina porque essa é uma formação que a gente tem, vamos dizer assim, éh, fordista, né, a gente tem tudo fragmentado, eu por exemplo, dentro da próprio Química eu posso fazer esse trabalho. Agora, esse trabalho é um trabalho que exige muito do professor, né, ou seja, além de ele ter que conhecer muito a disciplina com que ele trabalha ele tem que ousar porque ele tem que ir além da formação que ele teve, que foi a formação que não deu, vamos dizer assim, condições de tá fazendo isso, né, e a necessidade dessa discussão que a gente busca que de fato é um diálogo entre as ciências exatas e as ciências humanas, que é uma superação dessa formação fragmentada. Isso não tem condição de ser feito se não for através desse diálogo entre às áreas. Então, a gente tem a dificuldade de tá fazendo isso uma vez que a nossa sociedade é uma sociedade para o indivíduo individual é o indivíduo é é solitário, essa perspectiva coletiva é uma perspectiva que, vamos dizer assim, não é o que predomina nessa sociedade, né. Então, você fala o quarto eixo quando a gente busca desconstruir o sistema capitalista e a gente tenta mostrar pros alunos que essa formação que é a química que a gente tenta trabalhar com ele, na verdade esse alimento que a gente alimenta não é alimento, né, é uma mercadoria, e que isso é importante pra gente enquanto cidadã e enquanto consumidor, às vezes a gente nem sabe, éh, agir como consumidor, não sabe o que que a gente come e grande

parte do que a gente come é só a mercadoria, não tem valor nutritivo algum, né. Então, mostrar isso e trabalhar isso com o aluno, né, e a perspectiva também de como eu posso... porque existe muitas questões aí ser trabalhadas, né. Então, assim, é um desafio e é importante e os novos campus a gente tentou fazer esses projetos também direcionados pros eixos, é uma discussão que a rede vai ter que fazer, né, em relação a essa questão, que a gente tem consciência que essa formação ela não não não tá posta, ela tem que ser construída, né. E, aí, assim, cabe esse desafio que pra nós é o centro da da das questões, né, que a gente de fato quer um indivíduo emancipado, né, porque, qual que é a questão central que a gente vê na Educação de Jovens e Adultos, né? Não é questão de estatística, né, mas nós temos a chance de mais de sessenta e cinco milhões de pessoas, de quem sabe uma formação emancipatória, né. Éh, essa formação ela passa por uma escola e não foi a escola que a gente teve, né, que é a escola tradicional, é uma outra escola que a gente sonha, né, e conseqüentemente numa sociedade justa, solidária, não é na qual a gente vive, né. Então, quer dizer, é um esforço que não dá pra ser individual, né, Gramsci fala que a gente tem que juntar aí o que está disperso numa perspectiva de uma condição melhor do que uma condição... pelo menos a condição dá gente é a condição de trabalhador, ou seja, eu tenho que vender a minha força de trabalho pra sobreviver, né, eu não sou um pequeno burguês, eu não tenho ninguém trabalhando pra mim, né, pra me dar mais-valia, né, sou eu que vendo a minha força de trabalho. Então, essa perspectiva de trabalhar também, né, revelar o que é o sistema capitalista através daquela cultura que a gente trabalha é muito importante sem deixar de trabalhar os conceitos, que esse é um desafio extremamente importante e daí não dá pra fazer isso sem a pesquisa, né, a pesquisa ela é fundamental, formação continuada ela é fundamental e a gente percebe assim que dentro da rede, né, a gente já passou pela Escola Agrotécnica, éh, Escola Técnica, né, Cefet e, agora, Instituto Federal, a gente sabe da onde tá falando, né, que realmente é uma realidade que precisa ser repensada porque, qual que é assim a perspectiva que a gente pensa em termos de sociedade brasileira e ao olhar pro nosso povo brasileiro e pra cultura do nosso povo, né? Que é a questão de a gente ter uma técnica brasileira. Com é que a gente vai construir essa técnica brasileira, né? Que é os nossos alunos saber de fato saber fazer, mas construir outros fazeres para além daquilo que a história, né, já já nos trouxe, que a gente tá aqui, tá

presente, ou seja, se tá presente é porque não passou, é um passado que não passou e que tá presente. Porque a gente sonha também com a perspectiva de construir tecnologias brasileiras, né. Que a gente sabe que o nosso país é um país dependente, né. E nessa condição de país dependente a gente quer técnica e tecnologia brasileira mas socializada, né, não com a propriedade privada que alguém vai consumir isso aí, se beneficiar de lucro disso, mas que isso seja socializado, porque a gente... hoje existe muitas tecnologias da qual eu como trabalhadora eu não tenho condições de comprar, né, e e isso foi conhecimento construído historicamente ele tem que ser socializado com todos.

Aluna Edélia: Meu nome é Edélia. Eu tô vindo aqui hoje pela primeira vez participar. Sou aluna do Proeja. Faço terceiro (3º) período. Hoje eu tô vendo realmente que isso aqui é uma integração. Fiquei maravilhada de ver a participação tanto dos alunos quanto dos professores e de outras cidades. Não são todos daqui. E, achei muito bacana. Só tô lamentando o fato do IF do Estado de Goiás ter simplesmente esse curso, que é o que eu estou fazendo de Técnico de Alimentação, que é esse Técnico de Cozinha. Podia ter vários outros pra oferecer. Outras modalidades pra todos. Esse processo seletivo espero que vai ser ampliado, modernizado, porque tá... como foi colocado por ela aqui... eu não sei o nome dela... Janina... foi muito bem colocado, eu participei dele, éh, realmente é igual você falou, né, éh, exclui mas não exclui também, né, porque lugar pra pobre é o Proeja [risos], mas é verdade! Aí eu fiquei assim pensando... tanto ela falando ali agora e agente fica, como aluno, né, na expectativa, eu quero melhora, eu quero solução, eu quero melhora, eu quero progresso, com senso crítico, todo aluno tem que ter, éh, participar, éh, criticar, éh, reivindicar, éh, pra isso que a gente tá... só assim que vai melhorar? É só assim! Hoje eu aprendi assim, acho que com a idade que eu tenho [??] [risos] éh... uma aula que foi esplêndida. Aprendi hoje coisa... poxa... currículo integrado! É claro que eu tô muito assim questionada. Eu sou aquela aluna que questiona mesmo. Eu quero discutir, éh, sobre a educação, aí [??] não tô aqui pra discutir, éh, como é que fala?... não não é criar polêmica... é assim... éh... ensino... aprendizagem de aluno agora assim... ara mais gente se eu não questionar, se eu não perguntar, quando é que vai melhorar?! Eu quero melhora, né! Acho que todo mundo que tá aqui, éh, reivindicando, querendo... é uma coisa que também eu tô querendo questionar também... vê se tem

jeito... muitos colegas aqui fala, “ah, não sei falar bonito igual vocês!”, tá certo eu sou aluna e não sou professora, mas eu tenho participado, éh, o curso que eu tô fazendo, Técnico de Alimentação, não tá na grade aí do MEC, bom, eu fico pensando, eu vou continuar fazendo isso? Cinco, cinco aluno só que conseguir fazer o estágio. Eu já fico é meio decepcionada. Será que eu não posso mudar não. Queria ir pra outra coisa. Eu quero melhorar. Eu quero [???] passou. Nossa, foi um incentivo maravilhoso! Até a pouco tempo eu fiquei sabendo que você tinha passado, todos também, né. Então, eu quero é assim, uma coisa diferente. A professora Gleice, todas, maravilhosas, aqui a... Pollyana ali, outros, não vou nem citar o nome, é todos, eu não posso excluir um professor que eu tenho até hoje aqui porque todos fizeram parte da minha história. Quero crescer com vocês, não quero parar por aqui não. [??] Muito obrigada! [aplausos]

Aluno Claudinei: Boa tarde a todos e a todas! Meu nome é Claudinei. Eu sou acadêmico de Matemática. Eu quero fazer só um comentário que eu achei interessante com relação ao Proeja, aqui, é essa formação integral, né, que [?] você alia o conhecimento mais a profissionalização. Esse eu acho que é um grande desafio, essa formação, mas nós não devemos nunca deixar essa perspectiva do conhecimento de lado, deixar só a formação profissional e deixar o saber de lado, porque eu acho que não tem como uma coisa se distanciar da outra, uma coisa completa a outra, né, que isso é muito importante e o grande desafio mesmo seria essa esse esse convívio, de como seria isso, como se daria isso, né. Buscar [?] porque essa formação integral com certeza ela vai ser mais atrativa para o aluno, como a própria colega citou, só o conhecimento específico da Química em si não despertava nela mais mas como ela era casada com outra atividade já tinha o interesse do aluno. Então, isso realmente é um grande incentivo, um estímulo. Eu acho que o desafio é por aí mesmo [??]. [aplausos]

Aluna Marinelza: Boa tarde! Meu nome é Marinelza. Eu sou do quarto (4º) período. Eu gostaria de fazer uma pergunta para a professora Gleice e pra Kênia, que elas são de, cada uma de uma área, uma da técnica e outra geral. Quando vocês se integram uma com a outra não chega a atrapalhar? Porque eu, por exemplo, eu não quero ficar só com o técnico, eu quero fazer concurso público, eu quero prestar

vestibular, então muitas vezes a química fica batendo na parte de técnica, em vez de ela tá fazendo o... ensinando a gente a parte química, ela tá falando da proteína, do carboidrato, mas que nós já vimos na nutrição. Então, uma coisa acaba entrelaçando com a outra. Essa integração, às vezes, me assusta um pouco, porque e a outras matérias que eu vou precisar? Que eu vou precisar pra prestar um concurso público, que eu vou precisar pra fazer um vestibular, e aí? Aí vem o professor e me fala assim, “ah, mas isso não interessa pra vocês, pro curso de vocês!”. Aí eu quero saber, eu quero fazer essa pergunta pra vocês. Esta integração demais ela não atrapalha? Ela não diz uma coisa com a outra? Não deixa uma lacuna aí no meio? Então, essa é a minha pergunta, professora.

Prof.^a Gleice: Vou responder direto a pergunta da Marinelza. O que que acontece, no meu caso os professores com quem eu faço as aulas juntas, é pequenos momentos, por exemplo, vocês lembram do sarau que aconteceu na Instituição? Que foi eu e a Kênia, né, eu e o grupo de línguas. O que que aconteceu? Nós pegamos um livro, né, que foi “Alice no país das maravilhas” e pegamos o que, a mesa do livro e optamos, usamos na minha aula prática, minha aula juntamente com a dela. Então, em alguns eventos, em alguns momentos que acontece isso. Eu não sei se é todos os professores. Por exemplo, eu como professora a [?] na parte de inglês, acontece em um dado momento um evento, acontece, eu dou a minha aula separado de bebidas, ela dá a aula de inglês separado, porque ela já tem já, tá preparada aquela aula e, um momento acontece um evento daquela forma. E assim com o professor Júlio [?], com os outros professores, tudo acontece um evento específico. Não sei se acontece com eles, mas nós trabalhamos a nossa disciplina e colocamos um evento, uma aula, pra acontecer mais específico essa interdisciplinaridade. Entendeu? Tá no meu caso com [?] e a Jullyana vai complementar.

Prof.^a Jullyana (mediadora da mesa): Éh... complementando aqui a resposta da professora Gleice, apesar de recente aqui no IF, né, eu, nós temos trabalhado, éh, também preocupado assim não só a parte geral como você colocou Marinelza, às vezes você se sente assim, “ah, eu tô aqui na química e eu queria ver exatamente assim o que vai cair no vestibular”, né, tem alunos que chegam em mim e no final da aula me perguntam “na prova é assim?”, porque é isso que esperam, às vezes, né. O

que a a gente, éh, gostaria assim de, éh, trazer de, que eu acho que é muito importante é que esse, pra gerar realmente um conhecimento, conhecimento tem mudar alguma coisa na nossa vida, assim como é as vezes para passa no vestibular, eu passei por essa experiência, às vezes a gente passa no vestibular com dezessete (17) anos, com dezoito (18) anos e não tem a formação crítica, né, naquele momento pra entender aquilo que você tava estudando. Às vezes a gente decora, não é verdade?! Tô vendo um monte de sim, assim [movimenta a cabeça de cima para baixo] na plateia. É verdade, às vezes a gente decora e não vê sentido naquilo. Vocês estão tendo a oportunidade de ter sentido no que você está estudando, então, quando a química, quando a biologia, alia com a nutrição, com hotelaria, com serviços de alimentação, o objetivo não tirar de vocês a oportunidade de prestar um vestibular. Nós sabemos que a continuidade do estudo é importante, né, concurso público, todos nós aqui, né, queremos ou pensamos algum dia, né, às vezes não é o desejo de todos mas é da grande parte da população mesmo. Você não é diferente não Marinelza. Todos nós também temos esses sonhos e a diferença é só essa: é dar realmente corpo pra esse conhecimento. Então, quando é é... esse professor trabalhar dessa forma integrada, éh, essa tentativa, ele não quer que você decore pra passar no vestibular, ele quer que você já escolha seu curso de forma crítica. Por que que eu tô escolhendo esse curso? É só porque é o da, do momento? Tá na moda ou não?! É porque eu acho que dessa forma eu posso melhorar mesmo o meio em que eu vivo, a minha comunidade, às vezes a minha vizinhança, né, então, essa essa é o grande objetivo da integração, essa visão crítica. Agora vou passa a palavra para a professora Kênia se não a mediadora se empolga demais aqui [risos].

Prof.^a Kênia: Bom, eu eu... voltando aqui a fala da Sônia, éh, quando ela usa a metáfora do casamento, éh, eu pego a fala do Tião pela manhã quando ele afirmou, né, quando alguém usa metáfora porque assimilou e faz uma representação, né, uma simbologia do significado. E a metáfora do casamento ficou muito boa, né, assim, casamento, né, não divórcio, mas é o casamente. Antes essas áreas de formação estavam divorciadas, agora tem que ser pensadas na perspectiva de casamento. Como todo casamento, né, os enfrentamentos, os desafios cotidianos pra sobrevivência do casamento estão postos. É uma metáfora muito boa, viu Sônia, parabéns, belíssima metáfora! O casamento, né. Esse currículo integrado... éh... mas,

enfim, éh, o estranhamento, né, que o Alessandro coloca parece tão distante essa proposição assim, né, elaborada, parece tão distante do que tá acontecendo e aí roupa suja se lava em casa. Nós estamos em casa com convidados, mas nós vamos lavar aqui mesmo, ou seja, ele toca numa questão que é um desafio pra nós mesmos, éh, executores, elaboradores do projeto. Como realizar essa integração nessa perspectiva da orientação política, como fazer isso? Se nós não partimos daquilo que Jacqueline reforça muito claramente na fala dela, tem que haver um coletivo mas muito integrado, por isso, essa imagem das mãos com as linhas entrelaçadas [apontando para a projeção] mostra muito bem esse movimento, né, é um é um um todo que é constitutivo de fios mas que estão ali num arranjo, num num entrelaçamento que que representa essa essa exigência. Então, nós precisamos articular no no aqui no Instituto Federal nossas reuniões, né, metodológicas, de método mesmo, não é nem pedagógica mais, porque quando fala reunião pedagógica fica todo mundo assim, né meu Deus, reuniões metodológicas de execução de projeto. Éh assim, nós fizemos algumas tentativas no início do projeto há quatro anos com a Mad'Ana na coordenação e nas primeiras experiências... depois eu falo [?] das professoras, né, professora Elza, né?!... nós fizemos essas tentativas no início, mas depois ao longo do tempo nós fomos nos distanciando dessa exigência, viu Alessandro. Então, assim, é isso que tá aqui como proposta, o como realizar isso não está tão claro e nem efetivamente sendo executado. Então, nós temos ações pontuais. Nós temos alguns professores que fazem um esforço individual, ou às vezes até assim, né, de diálogo um com o outro, mais um mais outro, dois três professores, que tentam dialogar nessa perspectiva, mas pra que de fato nós déssemos conta dessa demanda a proposição inicial é a construção de material nosso pro curso nessa nessa perspectiva coletiva. Construir um material. E aí o nosso referencial era o material da CUT como eu volto a reforçar para os pesquisadores que estão aqui. Tentem resgatar esse material da CUT do ano 2000, 2001, ensino fundamental, ensino médio, é um espetáculo, mas foi desarticulado o projeto nacional [??] que depois serviu de orientação, era até pra ter sido encampado de fato pelas instituições públicas e não foi. Gente, assim, olha, especialistas de de estatura reconhecida nacionalmente ajudarão a construção do projeto da CUT, né, então nós fizemos assim, uma análise desse projeto, nos aproximamos desse projeto. Como foi isso? A CUT precisava de um

reconhecimento, de certificar os seus alunos, não é, e precisava de uma instituição, não é, de de... um órgão oficial pra isso da da área da educação. Então, a CUT estabelece uma parceria com o Cefet, aqui, a CUT daqui de Goiás estabelece uma parceria. Na época quem viabilizou isso foi a professora Ivone, né, que agora está no MEC, né Paula?! Está no MEC e grupo de professores, éh, se reuniram e analisaram esse material produzido pelos estudantes lendo as propostas e concepções do projeto da CUT. Eu fiquei assim, vislumbrada naquela ocasião, sabe como é você se deparar com um material formalizado, sistematizado, com seus cadernos temáticos, vários cadernos para o ensino fundamental, pro ensino médio, com textos riquíssimos, que muitos poderiam até questionar, mas isso aqui... não tô nem falando pra o ensino médio, tô falando do ensino fundamental... mas isso aqui pra aluno de ensino fundamental, daria conta disso? A questão é como fazer a mediação e o caderno metodológico ele orienta o educador fazer essa mediação. Material da CUT, gente, pra a educação de trabalhadores, é um dos melhores materiais que eu já vi. O outro material que eu fiz questão de trazer, que reforça aquela ideia que eu tinha apontado, Ensino Médio, a proposta de ensino médio é a proposta de uma educação, éh, integrada, a proposta tá aqui sistematizada, éh, também pela Acácia Kuenzer, né. Ela faz uma análise de uma proposição para o Mato Grosso e e e, assim, fazendo essa análise com as disciplinas. Nesse material aqui é incrível assim, as sugestões, né, o delineamento pra história, pra biologia, pra química, um material de primeira qualidade, né, já assim pegando a rede oficial. Então, a gente tem o material da CUT que eu não... é imprescindível, esse material da Acácia Kuenzer, se alguém quiser dar uma olhada, pra isso. Agora, volto a fala do Alessandro, nós não conseguimos efetivamente, metodologicamente, viu Alessandro, viabilizar isso, porque é preciso que nós construamos nossa possibilidade das reuniões e da construção dos diálogos entre nós da das áreas. Pra isso nós precisamos: horário garantido pra nosso, os professores, entendeu!? Assim, éh, tanto da.. tem que ser junto, não dá pra ficar o grupinho da área de formação humana reunido e o grupo da área de formação técnica reunido. Ocasionalmente sim. São às vezes questões mais pontuais, mas nós temos que, éh, desenvolver essa metodologia e isso nós não fizemos. Fizemos na elaboração do projeto, depois não. A gente precisa de carga horária pra isso. Precisa estudo, né. Material socializado entre nós. Referenciações teóricas. É trabalho e portanto tem que contar como carga horária nossa, tem que

contar como carga horária nossa pra gente poder ter tempo pra se debruçar nessas teorias, nessa referências, nesses documentos, nessas políticas. Então, Alessandro, quando você fala assim, professora parece que está tão distante, parece que é tão mais claro para o lado da instrumentalização, sua leitura está correta, viu! É porque o processo não está de fato sendo executado para dar conta dessa proposta. A proposta é essa para o curso de vocês, pro nosso curso, mas do ponto de vista da efetiva implantação dele os limites estão postos. Professora Elza, a... no início foi mesmo assim no individual, sabe, a professora Mad'Ana saiu conversando, a professora Gil(?), professor Mad'Ana, elas nos chamaram, né, a Jacqueline, vamo fazer, foi um por um, né, e aí nós reunimos e nós tivemos assim umas oito reuniões, num me falha a memória, Jacqueline me corrija aí, mas sistematicamente a gente ficou pensando e construindo esse texto, né, a gente encarregou alguns colegas de elaborar por escrito, não é, mas todo mundo vez algumas ponderações. O que eu achei muito complicado e aí foi uma experiência vivida, foi a carga horária dessas disciplinas, e eu quero resgatar aqui a briga histórica pela disciplina de Língua Portuguesa que acho, respaldado em análises de especialistas da área de formação e tal, nós precisaríamos, né... eu me lembro de um parecer do do... de de um uma de uns consultores do MEC em relação ao ensino de Língua, né, do início da década de oitenta esse parecer, dizendo o seguinte: pra dar conta de todas essas dimensões dessa linguagem, dos processos de construção dessa escrita, né, desse diálogo com essas variações linguísticas, de tudo isso que a linguagem escrita pressupõe, né, as elaborações todas, e aí a literatura que é fundamental nesse processo de formação, a gente precisaria no mínimo de seis aulas no ensino fundamental e médio. Seis aulas de língua. Então isso pressupõe no mínimo três encontros aqui na carga horária nossa de uma hora e meia, né, no mínimo, três encontros de uma hora e meia. E desde o início da nossa construção, da nossa grade curricular, a... não havia condição por conta dessa carga horária de de manter, nós ficamos com duas aulas de língua, tô falando da minha disciplina, no primeiro e segundo se... primeiro e segundo períodos, então, eram dois encontros, quatro aulas. No terceiro ao sexto, um encontro, duas aulas. Aquilo que... eu queria morrer, né, porque na verdade as especialistas reivindicavam seis aulas, no mínimo três encontros, éh, isso lá na década de oitenta. Agora com todo com todas as exigências de comunicação, essa comunicação que que é tão é tão multifacetada, né, exige tanto da produção escrita,

principalmente, aí a gente não tem uma carga horária mínima e... éh... eu me lembro que o impasse é... na minha briga era pela carga horária de língua. Com o Técnico em Cozinha reduziu mais, então nós passamos a ter quatro aulas no primeiro período e duas, daí do segundo ao sexto período, ou seja, um encontro no segundo, no terceiro, no quarto, no quinto e sexto, por semana. Aí há um esforço muito grande... e aí... e e o conceito que dá conta de nos ajudar é o da pesquisa, gente, aí sim nós temos que trabalhar com a perspectiva da língua pela perspectiva da pesquisa. Então, eu proponho os textos pra leitura e interpretação e peço pra que eles façam isso, façam mesmo a leitura desses textos de uma semana pra outra e não são poucos. São coletâneas de textos. Esses textos são inseridos nessas temáticas, sabe, cidadania, leitura, individualização, socialização, éh, a comunicação midiática, as relações de simbologia, de valorações culturais, éh, são textos que tentam ampliar isso, né, vão em busca desse objetivo. Agora que é uma loucura, é uma loucura! Porque nós temos que trabalhar com essa realidade, né, desse aluno que por todas as contingências colocadas, ele ficou fora, ele tem lacunas e e e e ele tem uma uma, às vezes, até um estranhamento com essas novas abordagens com o ensino da língua e tudo. Aí você tem que tentar correr atrás de todas as frentes pra, né, pra assim... éh... é complicado falar isso, né, mas a gente às vezes fica um, meio que angustiado, eu sou muito angustiado [riso], na sala de aula às vezes até os alunos percebem isso, angústia permanente, porque você percebe, eu preciso fazer isso, eu preciso fazer aquilo, e você não consegue. Não consegue pela carga horária, pela condição desse trabalhador, né, mas a é uma co... uma situação complicada. Então, éh, um ponto professora Elza, a discussão do que que comporia, que carga horária se destinaria. Isso foi pensado por nós mesmos. Claro que os professores da área técnica, né, referendavam e articulavam essas disciplinas nos períodos pensando o que seria melhor discutir esse esse aspecto da história, história da alimentação e história, né, como é que seria, que período seria isso. E e esses detalhes da construção desse currículo, dessas disciplinas, a sequenciação, a progressão da apresentação dessas disciplinas, eu confesso que em muito momentos às vezes eu fiquei assim meio que... éh... porque a formação a área do colega, né, um pouco assim sem entender muito bem, éh, a necessidade de de ser nesse ou naquele período, né, é uma coisa até boa da gente esgotar porque a curiosidade é uma coisa muito importante pra gente, né, por que que essa disciplina

tá aqui? Assim, em alguns momentos a gente discutiu isso mas em outros não. Depois de feitas essas reuniões, aí eu volta a insistir, como é que vocês fizeram as relações com os eixos? Nós fizemos as relações com os eixos baseada na relação dos eixos da CUT. O documento da... o documento do governo é ponto pra discussão dos eixos, mas os conceitos, os temas, etc., nós fizemos uma cola [riso], vamos falar assim, né, no bom sentido daquilo que seria a proposição da CUT mas trazendo pro campo do serviço da alimentação. Então, o projeto da CUT pra nós foi fundamental nesse sentido dos eixos. Éh, as pesquisas foram essas, cada um de nós, éh, ajudou a construir a proposição do eixo temático. Alguém pegava um conceito, né, trazia um parágrafo escrito. Você fala da tecno... me lembro bem que a Jacqueline ficou com o eixo D lá da tecnologia, né, conhecimento e tecnologia, trabalho, ela ficou com essa parte, foi fez referências teóricas e... éh... os períodos! Seis períodos, éh, olhamos a carga horária que a lei prescreve para a formação geral e para a formação, né, específica, profissionalizante, tem que cumprir esse negócio lá, sabe professora, tem matematicamente fazer isso, né, nós, e aí essa parte nós tivemos muita ajuda da professora Gilda que que ajuda essa coisa da legislação, ajudou muito pra adequar essa essa concomitância dessas disciplinas, essas cargas horárias, mas nós fizemos isso. Nós nos reunimos desde a proposição até a a feitura do projeto. Feito isso não não conseguimos mais avançar que era pra construção do material, né, e também a sedimentação da proposta pra nós mesmos, né, inclusive esse momento aqui tá sendo um momento muito importante pra nós mesmos. Porque o projeto já tá aqui há quatro anos e nós não tivemos um fórum com convidados, com os alunos, como vocês aqui, esse tempo todo. Nós não tivemos um fórum. Nós temos tendo esse primeiro fórum com a participação da Universidade, com a pesquisa nos ajudando, nos apoiando, que é isso que a Universidade cumpre seu papel social, né, de de ajudar a sustentar esses projetos, viabilizar os projetos. Isso aqui é uma uma ação, né, da Universidade, né, de apoiar o Instituto, porque nós aqui dentro não demos conta de fazer isso sozinhos. Quem sabe agora com os campi, né, na interação com vocês que tem esse interesse, né, com os novos professores, a gente tenha mais fôlego, sabe. Precisa de uma injeção de ânimo que a gente consiga levar o projeto adiante, expandi-lo, né. É uma coisa que... éh... algo, éh, colocou, né, como é que exigia, né, pensava... foi a Idênia, né, foi, é preciso que isso se expandisse. Olha, a demanda é é muito grande, é muito grande, né, e uma das uma das

ponderações que as pessoas fazem aqui é, por exemplo, né, éh, e a gente tem visto mesmo... a gente houve tanto falar que a a o mercado da construção civil tá em alta, não é assim que a gente ouve falar?! Não tá em alta?! [o auditório responde “tá”] Vocês acham que realmente não tem uma demanda pra esse trabalhador que precisa dessa qualificação, construção civil, por exemplo? Não só a construção civil, mecânica, não é a mecânica?! Todos... meio ambiente, todos os cursos têm no Cefet que a gente tem um leque bom, um leque amplo, todos os cursos do Cefet tem condição de oferecer essa modalidade e precisariam pensar nisso. Transportes... vocês tão é com transporte de cargas lá. Nós temos aqui éh transportes no Cefet mas não temos Proeja no Transportes. Então, quer dizer, essa demanda ela precisa ser considerada, precisa da... a gente precisa fazer isso, né, mas é pelo convencimento, é pela sedução, é pela é pela, né, éh, pelo debate, pelo diálogo na tentativa de conscientizar mesmo, consciência de si, dos outros, do mercado, da vida, né, quer dizer, a gente tem que vê rever muitos pontos, isso é do processo, mas a gente precisa realmente tomar algumas atitudes pra que isso efetivamente se dê, porque... e precisa ter intervenções políticas, internas do Cefete pra garantir isso, porque do MEC já tem, né, o MEC pede isso, insiste com isso e a gente precisa que os Institutos e os gestores tenham mais força pra, éh, não é impor, nós não queremos nada imposto, que sejam abertos novos fóruns, novos espaços pra gente discutir o Proeja. Eu penso que a a a a pergunta da Marinelza, “atrapalha?”, olha, não atrapalha, em dimensão nenhuma atrapalha, essa discussão posta da maneira que ela tá aqui sugerida, mas não ainda executada, e aí Marinelza o que os professores tem que lembrar sempre é que se a gente vai buscar as referências, inclusive dos vestibulares e dos concursos, e traz essas provas e coloca essas provas como um um material a mais pra ser pesquisado, ser discutido, eu faço isso, isso é uma prática da mi... do meu trabalho em sala de aula, questões..., eu trabalho muito muito com as abordagens da Universidade de Brasília, UnB, o PAS, sabe o PAS? Eu trabalho muito com as abordagens do PAS. Acho que quando um professor pega o caderno de provas do PAS e analisa os eixos temáticos, não tem uma disciplina que não é contemplada ali nessa dimensão aqui, todas elas são... claro que você vai ajei... vai adequando, você coloca ali, você cola uma questão, não é, de um nível que dá pra... mas não aparte o aluno desse diálogo desse texto acadêmico que tá lá como um uma, né, um processo seletivo. E os concursos, provas de

concursos, que exigem o ensino médio, que exige o ensino médio, então, eu eu trabalho nessa perspectiva também. Se a gente for olhar essas provas como elas têm sido elaboradas, né, elas têm tido esse cuidado, pelo menos nas melhores Universidades e nos melhores concursos. Fazer uma discussão com esse candidato no sentido de percebê-lo como leitor da realidade do mundo. Esses professores universitários estão tendo esse cuidado. Então, trazer esse material pra esse menino fazer, trabalhar com ele em sala como pesquisa é outra... mas aí a gente tem que, com a carga horária tão pequena, a gente acaba trabalhando muito mais em casa do que em sala, sabe, pra dar conta dessa dessa realidade toda, dessa dimensão toda de fazer as interfaces. Então, não atrapalha Marinelza, agora não pode é faltar com a desculpa de que esse ensino é só profissionalizante, entendeu? Tem que vir essa esse essa compreensão esse diálogo pela... no cotidiano da sala de aula, né, esse material mas não pode é faltar também, ignorar essa abordagem. Como é que, éh, aspectos de nutrição estão sendo trabalhados em algumas questões? Pra isso o professor tem que ser pesquisador, pesquisador do quê, dos cadernos de prova pelo menos da UnB e da UFG. Nós estamos aqui em Goiás e são as, né, as que estão mais próximas da nossa realidade. Ter esse contato permanente com esse material produzido, que é investigativo da formação do estudante, não é verdade gente?! Esse material produzido é investigativo, então, nós não podemos ignorar esse material da UnB, da UFG, não podemos. Nós temos é que dar conta de fazer as mediações e fazer com que esse aluno assimile isso. Então, éh, a fala da Jacqueline, acho assim que foi uma exposição, uma fala que ela coloca, eu espero que os alunos que estão aqui, os estudantes, os professores, os jovens professores percebam, quanto tudo isso é rigoroso, quanto isso é complexo e quanto é importante pra nós, não é!? A professora Jacqueline ajudou a formular, quer dizer, são muitas mediações que nós precisamos construir, precisamos refletir sobre, precisamos debater e eu tentei fazer uma fala que que mostra essa dimensão. Não se se eu alcancei porque eu pulei muitos slides, eu sou muito meticulosa, vou mostrando tudo, inclusive os tópicos que a gente aponta pra cada eixo aqui na apresentação tava colocado. Mas, eu quero dizer a vocês o seguinte: vocês devem deverão, eu acho que vocês devem pegar o projeto, éh, como análise, né, como uma pesquisa do que nós fizemos aqui, mas lembrando que ele sai do projeto da CUT, da referência pra ensino médio integrado que é esse material aqui, são os dois

materiais básicos pra nós, éh, e dizer que infelizmente, né, o Alessandro tem toda a razão, tá longe, viu Alessandro, *seculus seculorem*(?), não, nem tanto né, acho que a gente só de propor o projeto já deu um passo, não é não Paulo, mas que precisa muita coisa, precisa. Então, acho que respondi a todos, né. Você queria falar Maria Emília?!

Prof.^a Maria Emília: Não, é só uma preocupação, porque assim, quando você desenvolve o currículo integrado, a perspectiva interdisciplinar ela diz isso, interdisciplinar não perde de vista a disciplina. Você não pode perder de vista a sua área de conhecimento, agora, o profissional ele tem que tá aberto, pra conhecer o que o outro está fazendo, estabelecer articulações, que às vezes o conteúdo que ele ia trabalhar lá na frente, ele vai trabalhar aqui, porque possibilita essa visão mais ampliada e, por sua vez, é fundamental o diálogo pra não haver sobreposição, né, porque se não fica todo mundo falando a mesma coisa e aí se não há esse momento de encontro, por mais que o profissional busque, né, estabelecer essas relações com o próprio curso, com o pensar sua área de conhecimento e articular com as outras, de repente ele tá pecando exatamente nessa articulação por falta de diálogo. Então, não tem como você realizar um trabalho, seja interdisciplinar, organizando através de projetos, de temas, né, mediado aí pelo eixo temático, se você não tem realmente momentos de encontros com os outros profissionais. Então, isso precisa ser garantido no horário, né, então assim, não dá pra pensar “não, daqui uma semana nós vamos... daqui um mês nós vamos pensar nossa reunião...”, não, isso já tem que estar estabelecido pra que todos os profissionais já, na hora de montar sua agenda, esse horário já está lá, é o momento do nosso encontro, entendeu. É isso que vai garantir que aquilo que tá colocado como proposta possibilite uma concretização mais próxima, claro que a sensibilidade desse profissional, o querer, o estar aberto é fundamental, mas ao mesmo tempo é essa infraestrutura, né, as condições pra que isso efetivamente ocorra.

Prof.^a Jullyana (mediadora da mesa): Obrigada, professora! Obrigado a todos pela colaboração, nosso horário mais uma vez está um pouco adiantado, né, adiantado que eu quero dizer é, prorrogamos muito, né, [risos] estamos atrasados no relógio,

éh, teremos um intervalo de dez minutinhos e retornamos com a próxima mesa redonda.

3 TRANSCRIÇÃO PARCIAL DO BALANÇO DA EXPERIÊNCIA PROEJA - DIÁLOGO COM OS ALUNOS

Prof.^a Gilda Guimarães (PROEN-IFG): Estou também presente deste a noite de ontem. Quero dizer que é um enorme prazer poder receber estas pessoas aqui no campus Goiânia e poder tá discutindo as questões que envolvem a Educação de Jovens e Adultos. A Pró-Reitoria de Ensino... éh... está a frente dessa discussão do Proeja desde 2005, né, que culminou com a implantação dos dois primeiros cursos, o Curso de Técnico em Serviço de Alimentação, em 2006, campus Goiânia e o Curso Técnico em Edificações, éh, na modalidade também de Educação de Jovens e Adultos, campus de Jataí. Eu queria só retomar um pouquinho essa história, talvez até pra gente entender melhor o momento que a gente tá vivendo hoje. Eu entrei na Instituição em 1986, como professora, e na época... éh... o Instituto era ainda a antiga Escola Técnica Federal de Goiás. Não atuava na oferta de ensino superior, só atuava na oferta de ensino técnico e, a experiência que a gente tinha de oferta do ensino técnico era a experiência do currículo integrado que vocês debateram hoje com a professora Kênia. Nós tínhamos cursos, éh, técnicos integrados ao ensino médio período matutino e tínhamos cursos técnicos integrados ao ensino médio do período noturno. Já naquela época com essa formatação de oferta nós tínhamos duas clientelas com bastante diferenças, a do matutino e a do noturno, predominando no noturno uma população já mais adulta, né, formada por trabalhadores e que faziam o ensino médio, éh, todo ele junto com a formação técnica no período noturno. Então, já naquela época a gente tinha esse esse demarcador aí, essa diferença. Em 1997, nós começamos assim... um um um desmonte, vamos dizer assim, do do da proposta pedagógica que se constituído ao longo dos anos, foi a chamada reforma da educação profissional e tecnológica e a partir daí nós começamos a trabalhar a oferta do ensino médio separado do ensino técnico. Isolamos os alunos do ensino médio no período da tarde e ofertávamos o ensino técnico... éh... na forma concomitante, paralela ao ensino médio, pra alunos que mantinham na instituição duas matrículas, distintas, e à noite para os alunos que já tinham o ensino médio, o chamado pós-médio. Então, de 1997 até 2006 nós mantivemos essa formatação pedagógica. E aí 2006 nós retomamos a experiência do currículo integrado quando o decreto que amparava a reforma da educação

profissional foi revogado pelo presidente Lula. Era uma reivindicação da sociedade inteira que a gente pudesse tá retomando a experiência pedagógica que o Instituto tinha acumulado, né, na antiga Escola Técnica na oferta dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Então, quando nós retomamos a experiência do currículo nós retomamos com o público de jovens e adultos. Então, [?] o Curso Técnico de Serviço de Alimentação e o Curso Técnico de Edificações do campus de Jataí. Na época nós vivemos o seguinte dilema: o que que nós vamos apresentar agora que o decreto foi revogado pra gente retomar a oferta do ensino técnico? Nós vamos brigar pra ofertar exclusivamente ao público de jovens e adultos ou nós vamos continuar atendendo a clientela dos alunos na faixa etária regular que ainda permaneciam na escola fazendo somente o ensino médio? E aí nós dissemos o seguinte: nós não vamos deixar de ofertar as vagas pra os alunos que estão na faixa etária regular pra pegá-los depois lá na frente como grupo que não teve acesso a escolarização na faixa etária regular, ou seja, nós não iríamos simplesmente fazer uma adesão a oferta do público de jovens e adultos dando as costas para aquele público da faixa etária regular que nós vínhamos atendendo no ensino no ensino médio e que atendíamos antigamente, né, antes da reforma na modalidade do técnico integrado. Então, o que que nós definimos? Que pra continuar atendendo o público jovens e adultos como já era nossa anseio porque nós retomamos a integração por esse caminho, nós precisávamos de suporte técnico, financeiro, de pessoal, por parte do Ministério da Educação pra que ampliássemos a oferta de vagas no Instituto. Então, de lá pra cá a gente tem trabalhado muito nesta direção, né, de buscar a ampliação das condições de oferta para que a gente possa continuar atendendo os alunos na faixa etária regular e que a gente possa também absorver a grande demanda e a grande necessidade social do público de jovens e adultos. E, daqui a pouco, nós vamos tá indo também a começar as nossas experiências de implantar aqui a universidade da terceira idade, enfim, outras experiências de prosseguimento de estudos pra uma população que cada vez mais tem elevada a sua expectativa de vida e que quer viver essa longevidade da melhor forma possível e uma das grandes formas de viver essa longevidade é continuar sempre aprendendo, e continuar sempre tendo dentro do espaço da escola esse espaço que a gente tá vivendo nesses dois dias, ontem e hoje, que é o espaço da socialização, é o espaço do crescimento intelectual, humano, né, pessoal. Então, a escola ela vai se

revestindo de uma importância cada vez maior, principalmente porque os espaços sociais tendem cada vez mais a se encolherem, as alternativas tendem a se encolherem, mas amplia o papel social das instituições de proporcionar essas vivências, né, seja através dos processos de escolarização, seja através, de processos, né, de interação da escola com a comunidade. Então, a gente... éh... vê aí esse esse grande... esse grande desafio. O Instituto hoje ele trabalha com a oferta de Educação de Jovens e Adultos em todos os campi a exceção do campus Itumbiara, que deve tá começando a oferta do primeiro curso agora no ano de de 2011, mas a oferta é pequena, e são pequenas também e poucas, até o momento, as possibilidades. Eu gostaria muito que a Caetana pudesse tá aqui porque uma das coisas que a gente gostaria muito de ver dentro do Ministério da Educação são ações concretas no sentido de ampliar as condições de oferta para a Educação de Jovens e Adultos, inclusive, direcionando vagas específicas pra seleção e contratação de pessoal pra trabalhar, éh, com o público de jovens e adultos. Então, se nós temos aí uma projeção de oferta de vagas pra professor em concurso público, que a gente pudesse tá adicionando a isso também uma quantidade de vagas, que a gente pudesse tá buscando profissionais também pra fortalecer a atuação institucional no campo da Educação de Jovens e Adultos. Existem algumas questões institucionais que vocês devem ter colocado muito no debate de hoje, que infelizmente não pude acompanhar ao longo do dia, mas que com certeza, éh, apareceram, que são quais os níveis, né, de embates que a gente vive dentro da Instituição pra poder manter a oferta do ensino técnico para os alunos da faixa etária regular, a oferta do ensino técnico integrado na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, e pautar a experiência das licenciaturas, que é um outro desafio, atuar na formação de professores e, a atuar também na oferta dos cursos superiores de tecnologia e bacharelado. Então, é um leque muito diverso que exige da Instituição muita agilidade e agilidade que às vezes a gente não consegue ter pra dar resposta a tempo e a hora na medida em que as transformações são muito intensas em um curto espaço... espaço de tempo. Mas, em relação ao Proeja, a gente já pensou de diversas formas. Vamos baixar uma resolução aqui dentro dizendo: toda grande área vai ter que ofertar o curso de Proeja. Vamos diversificar a oferta. Ontem uma aluna chamava a atenção pra essa necessidade de diversificação de oferta. Bom, vamos baixar essa resolução! E aí vamos obrigar as áreas a ofertar isso daí! E, aí uma outra

questão vem vem à tona, né, será que a gente obriga uma área inteira a fazer uma proposta pedagógica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos que isso vinga da melhor maneira possível? Então, é uma questão também que a gente tem discutido. E, eu, enquanto Pró-Reitora de Ensino tive muito cuidado em tratar essa questão, primeiro porque a questão da discriminação, que foi levantada aqui hoje, né, na verdade... ontem a... Neusa, a nossa pedagoga lá na Pró-Reitoria de Ensino, fez uma fala que... olha, uma coisa tão simples e chamou muito a atenção. Será que são os meninos do Proeja que são discriminados ou será que são os meninos do Proeja que falam o que acontece na sala de aula? Que denunciam as questões quando elas não estão colocadas de uma forma justa e adequada por parte do professor ou do coordenador? Será que é o aluno que é visto meio que enviesado ou é aquele aluno de EJA que percebe que foi visto de forma enviesada e chama a atenção praquele praquele comportamento, né? E aí quando a Neusa falou “não, o problema não é que são tratados dessa forma, os outros também são, é porque eles vão rifá-lo(?), eles vão e corrigem a questão na hora em que ela aparece. Quem foi aluna nossa tempo atrás tá lembrado, né, do professor Valmir, dava aula de Sociologia, se achava e ainda se acha mesmo porque ele é um professor que se acha mesmo, né... muito bem preparado... e ele é uma pessoa muito bem preparada, só que tem toda toda uma postura, né, de um professor acostumado a lidar com os alunos aí do ensino superior, os alunos do técnico integrado, e aí os meninos do Proeja, “Epa! Que que é isso? O senhor já falou falou e ninguém entendeu! Eu vou perguntar de novo, como é que é?” Aí o Valmir falou, “Oh! [?] querem falar de mim!” Não, mas os outros também pensa, é porque não vieram falar pra nós, e os do EJA vem e fala. Então, foi um momento interessante de diálogo com o professor, né. Então, esta esta característica do público de jovens e adultos torna o público jovens e adultos muito mais exigente, vamos dizer assim, né. É o público que exige mais, é o público que marca mais a sua presença, que tem posicionamentos definidos. Então, essa questão ela ela é importante pra gente pensar quando a gente também pensa em que caminhos a gente pode percorrer pra expandir a oferta da modalidade da Educação de Jovens e Adultos sem sem tornar isso uma camisa de força que depois engesse a nós mesmos, né, que fique no no nos travando ao invés de nos fazer avançar. Eu estive numa mesa hoje de manhã que diferentemente do que ocorre aqui... eu acompanhei todo o debate de ontem à noite, quanto mais as

peessoas falavam mais o assunto ia ficando confuso. Por que? Porque predominava na discussão uma visão tão tecnicista... e o tecnicismo tem isso, ele vai girando em torno dele mesmo daí a pouco ninguém mais sabe do que que tá falando e a discussão era sobre plataforma, né, plataforma, sistemas, como é que faz a gestão da formação do professor via todos esses programas criados aí para desenvolver a formação dos professores. Então, aqui a gente percebeu ontem, que o diálogo ele tem proporcionado abrir, éh, caminhos e abrir horizontes para a ação. Ele não tem feito o... ele não tem tido o efeito contrário, né, que é de confundir. Então, me pegando muito ontem pela fala da Margarida e e amadurecendo pelas intervenções que vocês fizeram também no microfone, a gente já visualiza algumas coisas muito concretas, né, primeiro, é a possibilidade de que a gente tem um diagnóstico melhor de qual é na verdade a oferta do do de Educação de Jovens e Adultos no Instituto, que cara ela tem, que contornos ela tem, tanto em relação ao público atendido quanto em relação a nossa capacidade de atendimento e aí eu faço uma proposta concreta e gostaria que ficasse registrada aí nos Diálogos, né, que é primeiro, a professora Dianina(?) está aqui presente, que a gente possa tá tabulando todos os dados do diagnóstico do perfil socioeconômico dos candidatos que se cadastram nos processos seletivos [...]

ANEXOS

DIÁLOGOS PROEJA NO IFG - CAMPUS GOIÂNIA

Aconteceu entre os dias 30 e 31 de agosto de 2010

OBJETIVOS:

- Refletir sobre o Proeja no IFG e sua importância na formação da Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos;
- Criar um espaço de diálogo, reflexão e trocas de experiências sobre os cursos de Proeja ofertados no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás.

Memória do evento

Dia 30/08/10 às 19:00h

Cerimônia de abertura:

- **Apresentação Musical:** Mile e Beto (professores do IFG), repertório variado de Músicas Populares brasileiras.
- **Na mesa de abertura:**

Estavam presentes:

Prof. Edson de Almeida Manso – Diretor Geral do IFG - Campus Goiânia

Prof.^a Caetana Juracy Rezende Silva – (MEC)

Prof.^a. Mad'Ana Desiree R. de Castro – IFG – Coordenadora da Pesquisa Proeja no IFG

Prof. Adolfo de Oliveira Mendes – IFG – Coordenador do Evento

Valdivina de Sousa Nunes – Aluna Proeja

Adolfo de Oliveira: fez a saudação os componentes da mesa (indevidamente), e os agradecimentos aos colaboradores do evento, como o grupo de Pesquisa sobre Proeja da UFG e IFG, os servidores administrativos, aos colegas professores, alunos, estagiários

Adolfo agradeceu a presença de todos como de todos que colaboram para a realização do evento que será de suma importância para a formação tanto dos educadores quanto dos alunos do Proeja.

Adolfo destacou a importância de conhecer as características que formam os sujeitos dos cursos de Proeja reforçando a necessidade de ampliar os cursos, a necessidade de conhecer seus alunos. Por fim convidou todos os presentes para participar do evento ontem.

Valdivina representante dos alunos destacou a importância do curso na formação dos educandos e oportunidade de dar continuidade a formação um dia interrompida. Ela agradeceu a oportunidade de diálogo, expor as opiniões e idéias. Agradeceu a oportunidade de formação no Instituto.

Mad'Ana fala da alegria em voltar para a instituição (para o evento), uma vez que está de licença para doutorado, e ver a quantidade de alunos e professores envolvidos, uma vez que antes eram pouco menos de 20 alunos, professores e a coordenação. Ela agradece o professor Adolfo, e diz que ele está na categoria das pessoas imprescindíveis para o Proeja hoje

Caetana diz de sua felicidade de estar de volta ao Instituto uma vez que já foi aluna desta instituição. Citou a importância de a instituição escolar estar comprometida com o Proeja, pois sem o esforço da instituição de nada adianta as ações do ministério tendo em vista melhorar as condições de acesso a educação, além disso parabenizou os alunos pelo esforço em continuar sua formação.

Edson de Almeida: Justificou a ausência do reitor neste evento, pois ele está no adversário do campus de Itumbiara, que havia sido agendado antes deste. Diz o que é o Proeja no IFG hoje: para ele é mais um curso, inserido em um departamento com o mesmo peso e importância dos outros cursos do IF. O Proeja é hoje uma realidade assim como qualquer curso desta instituição ele vai se tornar tão importante como todos os outros cursos.

Entre os participantes do evento estavam:

Prof^a. Gilda Guimarães - Pró-reitora de ensino do IFG

Pró-Reitor de Extensão - Aldemir Coelho Lima

Paulo Francinete Silva Junior - Diretor Geral do Campus Anápolis

Adriana dos Reis Ferreira – Coordenadora de Turismo e Hospitalidade...

Dia 30/08/10 (2^a feira) às 19:40h

Mesa: A importância do Proeja no Contexto Nacional e

Vídeo com os egressos.

Prof^a Dr^a Maria Margarida Machado - Pesquisadora na UFG, no tema Proeja

A palavra foi passada a Professora Margarida (destacar a formação) com o objetivo de mostrar a importância do Proeja a partir do olhar dos alunos egressos da instituição que concluíram o curso. Foi apresentado o Vídeo.

Pensar a partir da fala dos alunos sobre a importância do estudo, O Proeja (ensino médio) é para aqueles que por algum motivo não tiveram a oportunidade de concluir o ensino médio. Voltar a estudar e romper com os próprios preconceitos, tomar posse do direito de estar na escola, ter claramente a certeza que volta a escola pelo direito, a educação profissional não é treinamento, é a possibilidade de se reconhecer como profissional valoroso, como cidadão de direitos capaz de se relacionar com os outros de modo igual. O Proeja é uma oportunidade de estudar e acima de tudo é um direito; apenas o começo de uma formação para além do espaço escolar, uma formação continuada para além da vida.

A clareza de que a educação é um direito, um direito de todos, independente do tempo que se ficou fora da escola. A ideia de direito deve estar clara no momento do enfrentamento, enfrentamento de dizer “isso ai eu não sei” “isso ai eu não entendi” “você pode repetir” sem vergonha, se a ideia de favor.

Essa volta pelo direito porque de fato não há idade de aprender, agente nasce aprendendo e morre aprendendo.

Faz parte do sentido do Proeja, as pessoas que se manifestaram (no vídeo) mostravam isso; o Proeja não é para se ter um diploma de profissionalização, uma vez que muitos dos que falaram já tinham uma profissão, porém o curso faz uma qualificação profissional, complementa o saber da experiência (o que o educando fazia, de salgado, jantar ou por hobby), assim educação profissional (neste caso específico técnico) não é treinamento, a formação profissional é muito mais, ele deve fazer o curso e sair diferente, com a capacidade de sair sabendo valorizar seu trabalho, com uma formação de cidadão. O curso auxilia na vida no cotidiano, na presença e na participação cidadã.

Não estamos no Brasil da década de 40, que o trabalhador era treinado para trabalhar e se quer passava na porta de uma universidade ou de Instituto Superior. O Proeja não é a porta de chegada, mas a porta aberta para continuar os estudos, e não parar, seja em uma pós-graduação ou uma formação continuada.

Outro ponto, que aparece nos olhos dos educando é o orgulho, pois esta é uma escola de excelência e é o lugar dos educandos estarem, muitos já passaram na porta há alguns anos e disseram “isso ai não é para mim” “eu não dou conta de passar no vestibular”. Uma vez que já passou pela conclusão do ensino fundamental de EJA onde a formação aligeirada e as metodologias não dão conta de uma boa formação; Proeja tem um sentido muito especial, é daqui do lugar de excelência, da formação de trabalhadores de nível médio que se quer ajudar as secretárias de educação melhorar suas escolas de EJA. Isso não que dizer que toda a EJA deve

virar Proeja, mas significativamente a maior parte dos educando de EJA hoje teriam no Proeja uma experiência significativa, perceberiam que pode continuar estudando.

Na fala dos alunos outro ponto apontado é o crescimento, não só pessoal, mas da turma e dos colegas, eles se ajudam para superar as dificuldades e limites. O curso não é fácil, mas faz sentido quando o coletivo se ajuda coletivo esse entre os alunos, professores e gestores.

Porque a existência do Proeja?

Esse curso que foi construído numa luta histórica dos trabalhadores pensando a importância da formação do trabalhador na escola pública. Ele nasce de um debate intenso com o MEC (principalmente 2004 - 2005), para que as experiências que já existem da educação básica e da técnica. Com a criação o MEC passa a exigir das instituições uma porcentagem obrigatória de Proeja. Essa obrigatoriedade abre a oportunidade da instituição se repensar enquanto instituição formadora de trabalhadores.

Os questionários respondidos pelos alunos dizem das dificuldades de serem alunos de EJA no Instituto hoje, é preciso pensar como melhorar o atendimento aos alunos do Proeja. As aulas de Proeja devem ser um constante diálogo, que nos ajude na superação das dificuldades na formação do Proeja, ajudando a melhorar o curso. É fundamental entender que a existência do Proeja depende da insistência, da teimosia dos alunos permanecerem no curso e reivindicar mais curso, ela também depende dos professores compreenderem a dinâmica diferenciada do Proeja (não deve ser tratado de maneira desigual, mas respeitados em suas diferenças). Por isso a pesquisa, extensão e o diálogo são importantes.

A Sônia (Vídeo dos alunos egressos), diz da importância dos fóruns de EJA GO, que gera diversos seguimentos. Dês de o início do Proeja, o fórum vem provocando o Instituto na sua participação, uma vez que ela percebeu a importância da participação ativa no fórum, porém o Instituto não está participando.

Quatro aspectos ficam evidentes com relação ao Proeja:

Formação integral, fora da lógica do adiestramento.

Currículos diferenciados, repensar o currículo dos cursos técnicos tradicionais uma vez que os educandos do Proeja são diferenciados dos educandos dos demais alunos

Tempos (horário de entrada dos alunos) e espaços (espaço físico, acomodação dos alunos nas salas) adequado, esses aspectos devem ser pensados reconhecendo as dificuldades dos educandos e dos professores, o diálogo pode ser uma saída

Formação dos professores do Proeja, os professores precisam estudar, porem eles perenizam de tempo para estudar, essa questão deve ser discutida, por que se não será possível pensar na expansão do Proeja.

Margarida abre para que os presentes falem de aspectos e dificuldades que não foram abordados em sua fala e na fala dos egressos (Vídeo).

Uma aluna fala da sua dificuldade de encontrar estágio na área de alimentação, em especial nas cozinhas industriais a contratação é praticamente masculina.

Outro aluno, diz que é imprescindível que as pessoas diretamente envolvidas no Proeja estejam empenhadas, e não estejam prestes a se licenciar ou prestar Doutorados e outros, pois este distanciamento é prejudicial ao curso e interrompe o dialogo. Pois quando esse afastamento ocorre os alunos sofrem.

Com relação à formação dos alunos, os alunos fazem a sugestão de que ao em vez de cada aluno procurar estágio a instituição encaminhe, para os estágios.

Duvidas em relação à quantidade de horas do estágio.

Uma aluna, falou da sua felicidade em ver cogitada a possibilidade de novos cursos de Proeja no Instituto, pois essa não é área dela, porem após 25 anos fora da escola essa foi uma oportunidade de terminar o ensino médio.

Margarida solicita para que o professor Adolfo componha a mesa com ela para responder as questões, uma vez que são muito especifica da instituição e relativas ao estágio.

Margarida: com relação à contratação de mulheres, temos um elemento histórico onde a inserção de mulheres no mercado de trabalho e difícil em alguns lugares elas exercem a mesma função que os homens e recebem menos. Com relação ao curso o Instituto pode pensa em uma forma de sair e divulgar o curso para as empresas.

Seria bom se todas saírem para fazer Doutorado, só não pode ficar sem substituição de professores da mesma qualidade, por isso o trabalhar na instituição deve ser em conjunto, para quando eles saírem não haja uma ruptura no trabalho feito.

Adolfo: o estágio tem realmente levantado duvidas e preocupação nos alunos; e para que os alunos procurem os estágios sozinhos realmente é complicado; talvez a professora Adriana pode pensar em uma forma da viabilizar esses estágios .

Um dos alunos que já havia perguntado volta a questionar: Por que esse curso não figura no catálogo de cursos técnicos do MEC, essa não seria uma forma das empresas reconhecerem o curso

Caetana responde: a criação do catálogo (onde traz todas as denominações) de cursos técnicos iniciou em 2006, a atualização é anual, quando em uma determinada área um nome atenda mais a região pode ser que o nome mude. Antes da criação do catálogo havia vários cursos iguais porém com nomes diferentes por todo o Brasil, o catálogo foi criado no sentido de convergir os cursos e, portanto esclarecer as áreas de serviços. Assim o curso de Técnico e Serviço de Alimentação passou a se chamar Técnico em Cozinha.

Uma das egressas, que estavam presentes, fala a respeito dos professores, ao professores que tem são mais engajados com o Proeja que tenham mais atenção e cuidado, uma vez que os alunos ficaram muito tempo fora da escola e essa volta é muito difícil no início.

Adriane (Coordenação) fala sobre o estágio, que é contado com estágio obrigatório a partir do terceiro período. Esclarecimento sobre o estágio, nós identificamos esse problema e se a instituição exige o estágio, a instituição tem que buscar alternativa para que o estágio aconteça, estamos com uma equipe formada por: mim (Adiane), Juliana, Maria José, Ariandene, em que vamos elaborar um questionário para o terceiro período traçando o perfil dos endereçados em estágio. Nós não temos uma coordenação para estágio, mais queremos fazer esse trabalho e uma parceria com a Associação brasileira de bares restaurantes e similares. Dês de o primeiro período os alunos podem fazer estágio, porém não conta como curricular. Nós vamos passar essa semana esse questionário. Essa é uma oportunidade de divulgar o curso, pois quando entramos em contato com os restaurantes e muitos não conheciam o curso.

O aluno da fala anterior, referente os professores saírem para doutorado, se pronuncia a favor das mudanças. As mudanças são bem vindas desde que haja substituição das falhas.

Uma aluna do Tec. Em cozinha questiona sobre os nomes dos cursos: O curso Tec. de alimentação mudou o nome para Tec. de cozinha; o curso Tec. em Cozinha já tem reconhecimento e como fica o reconhecimento da formação dos Tec. em alimentação e os meus colegas que estão formando com o curso sem reconhecimento?

Kênia: A questão da formação integral ressurge no Proeja de forma muito acentuada, e resgata o espaço de discussão de pública de educação profissional de formação ampla. O Instituto não deve se isentar dessa discussão, tendo que se levar em conta todas as mediações possíveis e imagináveis dentro da educação tem que se levar em conta que qualquer educação é para adentrar no mercado de trabalho,

mesmo os filhos da burguesia. Questão que nós somos um país de excluído e não temos o direito político de nos isentarmos de tentar fazer propostas serias de mudança. O que, que acontece com o Proeja: O Proeja resgata uma discussão que estes Institutos e todos os outros têm que resgatar, é claro que existem professores com uma visão ampla de historicidade, de conjuntura, de formação sociológica... Porém, em sua grande parte as instituições carregam uma formação técnica e pragmática, de subserviência do trabalhador as leis de mercado. E tem como mudar esse quadro sem uma formação ampla em outros moldes? Não tem. Por que, que estamos em um Instituto como esse e tão pouco envolvimento? Por que estamos nesta situação? Porque, as maiorias dos meus pares tiveram uma excelente formação técnica, mais ou se apartaram ou não receberam na sua própria formação condições objetivas de pensar a educação no que ela tem de mais caro, que construir a emancipação do homem e da sociedade. Vemos essa renitência absoluta, para que os cursos pensem o Proeja como uma possibilidade real, por que é da formação desses professores. Nosso precisamos de uma nova concepção de educação dos educados, para dar conta dessa demanda. Por nós podemos fazer parcerias com os sistemas municipais e estaduais para trazer essa formação para dentro dessas instituições, essa resistência não se justifica do ponto de vista da demanda e cada condição dessa sociedade. Eu faço um apelo aos professores dessa forma, que procurem se formar e informar das demandas desses cursos sem baratear as discussões e formação dos alunos.

Renata: Estamos plantando sementes dès de 2006, na elaboração do projeto; e fico feliz, por que agente vá uma luz no fim do túnel, como os novos professores que estão participando das reuniões de capacitação, que procuram entender as demandas que estão postas. Não entendo que com a mudança de nome tenha prejudicado o curso, más sim se adequado ao catalogo, vocês não vão perder em questão de conteúdo, por que foi um trabalho de dias, para fazer a mudança. Entendemos que nossos alunos teriam mais oportunidade sendo um técnico em cozia e também possibilidade estar no salão (de festas ou de restaurantes).

A palavra voltou para Maria Margarida, que acredita que muitas questões que as professores colocaram vem esclarecer essa mudança, amanhã quando a Caetana estiver aqui podemos voltar nessa discussão, pois nós estamos pensando um Proeja melhor para os que viram então quem sabe a possibilidade de manter os dois cursos, uma vez que os catalogo se renova todos os anos. Temos que repensar o Proeja com todas as dificuldades lembradas pela Kênia e tomando o cuidado para que o Proeja não se transforme em inclusão, pois nós queremos construir a viabilidade daquilo que atenda as necessidades do trabalhador, neste ponto, temos que mexer na Instituição, se não ela pode ser uma educação excludente. O Proeja deve ser pensado e repensado, porém não dever ficar centralizado na área de

hotelaria e turismos, pois há muitos jovens trabalhadores esperando para entrar nesta instituição e que deforma não vão entrar.

Margarida comenta sobre a programação do dia seguinte, e convida os alunos para participarem do evento durante o dia a partir das 8:00h e a noite.

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 8h

Mesas de troca de Experiência: Sujeitos do Proeja

Prof. Sebastião Cláudio Barbosa – IFG

Prof. Josué Vidal Pereira – IFG

Prof. Adolfo de Oliveira Mendes – IFG (Mediador)

Após o professor Adolfo convidar os professores para compor a mesa e fazer as de vidas apresentações. O professor Josué inicia falando.

Professor Josué fala da importância da modalidade EJA. Quem são os sujeitos EJA? E o porquê das dificuldades de permanecer na escola. Fala sobre a importância de pensar que o público da EJA, vem da exclusão como sendo membros de uma sociedade que tem como fundamento a própria desigualdade social. É necessário que este cidadão como portadores de direito tenham acesso a educação para eles também se perceberem como tal. O professor traz alguns dados da Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílios que mostra exatamente quem é o público da EJA comprovando que é necessário que haja políticas voltadas para esse público. O sucesso da política do Proeja na opinião do professor Josué, mostra a capacidade que essa rede tem de incluir. Destaca ser fundamental perceber que o jovem e o adulto não podem ser tratados de forma infantilizada pelo professor, que muitas vezes tenta aplicar a mesma metodologia de uma turma do ensino médio.

Há uma necessidade da qualificação do educador. Tem que haver um diálogo entre o aluno e o professor da EJA, o qual deve usar metodologia que vai ao encontro do mesmo.

Reforça que segundo o Parecer de 2000 (dois mil) a EJA tem 3 (três) funções básicas: a função reparadora, que é tentar resgatar o público que não teve acesso a esse nível; a função equalizadora que tem haver com a questão da igualdade, criar condições para que eles cheguem lá, para que se coloque no patamar mais ou menos de igualdade e a função qualificadora que é pensada como uma educação permanente. A evasão na EJA tem haver com a manifestação de um conjunto de problemas que não diz respeito só ao aluno, a questão do trabalho família renda, mas, também com outras esferas da sociedade, com próprio

professor, escola, gestão as políticas públicas de modo geral. O professor faz uma série de levantamentos dos vários fatores de exclusão dos estudantes da EJA. (acredito ser necessário completar)

A palavra foi passada para o professor Sebastião que faz um breve histórico dos sujeitos da EJA. Para o professor a EJA é um espaço em que os meninos acham que aprendem muito com a gente, mas, aprendemos muito mais com eles. Você só vai reconhecer o sujeito da EJA se apreender á sociedade entendendo como ela funciona. É preciso uma política que vise superar a desigualdade. Para perceber o sujeito da EJA, é necessária uma concepção ampliada de educação. A grande equação do Proeja é que se estabelece como uma formação integral porque isto é que é o sentido da EJA, agora para ver a educação de forma ampliada o professor precisa se formar. A EJA por causa da desigualdade exige da gente, uma capacidade muito maior de apreensão daquilo que a entendemos como diversidade. Esta modalidade é para superar a desigualdade e para enfrentar a forma que esta sociedade desigual se reproduz, precisa estabelecer no seu processo o desenvolvimento da consciência, a pessoa precisa se ver como um sujeito de direito. Em seguida o professor Sebastião apresentou o vídeo do Manuel, um sujeito da EJA que na opinião do professor aponta muitas soluções, se posiciona muito bem, transmite muita honestidade nos seus posicionamentos e mostra uma visão de Brasil.

Fala dos alunos e do auditório

No auditório constaram com a presença da professora Dr.^a Maria Emília da Universidade Federal de Goiás, que questionou o fato dos alunos jovens e adultos de muitos deles não buscarem este ensino, não chegarem até o ensino médio, não estarem pleiteando o ensino médio porque muitas vezes não acredita na possibilidade dele, a auto-estima está muito baixa e pergunta: como pensar do Instituto Federal de Educação o ir até ele para convencer a estar conosco? Porque esse é um direito. Ressaltando que a LDB fala que é responsabilidade do Estado recensear, garantir acesso, a permanência. Mas como estamos pensando isso dentro do Instituto Federal de Educação, dentro das redes Municipais, dentro da rede Estadual, como possibilitar este aluno o acesso e a permanência? Uma coisa que afasta o aluno é que ele tem uma capacidade muito grande de refletir sobre seu processo de aprendizagem e se ele não esta aprendendo ele não fica nesta escola, porque para ele uma bomba é muito triste, bomba explode a pessoa. Para tentar garantir a sua permanência como pensar a avaliação e auto-avaliação ao longo do processo? Ainda que este não seja o foco de vocês, mas penso ser importante. Faz ainda uma breve reflexão sobre o vídeo do Manuel e pergunta como pensar a questão: “entre ter este aluno 40min na sala de aula e não tê-lo qual que é melhor?”.

Mad’Ana ressalta o seguinte: não são questões são reflexões do que vocês falaram. O Josué traz uma fala que diz o sucesso do Proeja é o sucesso da

Instituição isto nos reveste a pensar qual é a qualidade da Instituição? Qual é a importância do Proeja para a Instituição? A importância do Proeja para a Instituição é ampliar a sua qualidade. Sem Proeja, sem assunção na Educação de jovens e adultos o Instituto Federal ou a rede Federal não é uma escola de qualidade ela é uma escola de privilegiados porque a qualidade é muito maior do que apenas transmitir conhecimentos, criar tecnologias etc., é olhar para a realidade e dar conta da demanda que esta realidade traz, porque afinal, a rede federal é a realidade. Sem Proeja o Instituto não tem qualidade sem educação de jovens e adulto no Instituto a qualidade é pequena. Existe um mecanismo na sociedade que é um mecanismo próprio do estranhamento, a sociedade se faz a partir de ocultar aquilo que não pode ser para todos, se começamos a enxergar a EJA e os sujeitos dessa modalidade de ensino nós vamos empurrar para a universalização, para igualdade, e a igualdade não combina com a sociedade que se fundamenta na desigualdade, então o que estar posto é o que não se pode ver, porque se você vires vai criar um problema, o que estamos tentando aqui é criar um problema de ver essas pessoas de trazer essas pessoas e dizer que elas fazem parte desta realidade.

A palavra foi passada para a aluna Alessandra do Proeja do centro de alimentação que estar no quinto período: vejo o Proeja como um privilégio, porque hoje nós damos conta de nos debatermos de estarmos aqui dentro deste auditório e saber reivindicar nossos direitos dentro do serviço Proeja e vendo a vida de Manuel é um pouco da vida de cada um de nós na verdade. Eu vejo que neste momento para que pudéssemos olhar para o horizonte e ver ele nós tivemos que subir em ombros de gigante e nossos gigantes são vocês, hoje o Proeja é visto como a nossa segunda casa e aqui somos bem acolhidos. Eu comecei fazer a EJA em uma escola municipal e deixei, vim para o Proeja, eu passava por esta instituição e falava “será que um dia vou estar aqui”, e hoje eu estou aqui nesta instituição com muitos horizontes em poder dar continuidade ao meu processo e prestar vestibular e como eu me sentia um peixe fora d’água, eu não daria conta de falar tudo isso se eu não tivesse o apoio de todos aqui da instituição que nos abraça. O Proeja tem que ter segmento tem que continuar e muito mais forte, que esta seja a primeira, mas de muitas outras que virão.

Aluna Maria Gomes do terceiro período de técnico em alimentação, eu vim da EJA e considera a EJA muito importante. Faz menção ao vídeo do Manuel e sua fala de que “existe burro ignorante e tem burros carregados de livros”, e continua: ele usou a sabedoria, se ele não tivesse sabedoria não teria continuado, eu mesma enfrentei barreiras na EJA, graças a EJA estou aqui no Instituto, tive problemas? Tive, mas resolvi com sabedoria, com diálogo. Quanto à taxa de analfabetismo o índice estar muito grande está trabalhando como recenseadora e ta difícil, me choca quando chego em uma casa e todos são analfabetos e a maioria das pessoas estão desempregadas, quando eu vejo isso, tenho mais vontade de estudar de continuar,

eu não quero parar neste técnico, vou prestar vestibular e com a ajuda de vocês de colegas eu vou conseguir.

Maria Aparecida de Urutaí, minha expectativa é muito grande quando a gente vir que as formas da gente buscar este público lá fora existem sim, que a gente não pode fechar os olhos e tem que ser diferenciada. Nós viemos de Urutaí para ter este momento de reflexão e fortalecer o nosso trabalho a gente precisa da qualidade, e o nosso trabalho só vai ser de qualidade se nós tivermos o Proeja fortalecido, buscar a demanda da região, uma qualificação pertinente para o nosso público. Então, todos esses estudos, essa abertura dos campos para esta necessidade começa a fortalecer o que a gente busca, e acredito que a gente vai conseguir construir uma política pública. A partir do momento que o Proeja entrou no campus Urutaí eu produzir mais, não vai deixar que nos Instituto fracasse esta modalidade, desejo fazer este momento em Urutaí porque a gente aprende mais.

Miriam de Ceres: tenho uma preocupação, muitos chegam para salvar. Tem que ocorrer mudança na EJA, não é salvar não é resgatar e criar. O que nós professores, não fomos preparados para trabalhar com esta clientela podemos fazer para aumentar esta nossa perspectiva de visão? Sei que nós temos um preconceito, quais são os passos e os caminhos para melhorar a nossa parte pedagógica na sala de aula? As avaliações? Eu acho que eles merecem a mesma qualidade da escola regular, mas, tem todas as diferenças e todas as desigualdades que surge, tenho que mudar. Como fazer esta mudança? Eu tenho que me mudar primeiro para mudar o outro e para levar o outro a esta liberdade a essa capacidade de cidadania.

Luciane professora de matemática do IF Ceres: agora em maio eu fiz a defesa da minha dissertação de mestrado no Rio de Janeiro Universidade Federal Rural e a nossa discussão foi exatamente a utilização de metodologias que garantam esse acesso a esse número, em que a gente envolve o conhecimento do aluno e o conhecimento do professor achei interessante quando o Josué colocou sobre o uso de metodologias que aproximem este aprendizado e que esta realidade que o aluno traga seja utilizada em sala de aula. E a gente percebe quando o aluno relata o seguinte: “eu gostaria que os professores nos tratassem como um tal professor”. Os alunos do Proeja sabem o que eles podem e até onde podem chegar. Acho interessantes os relatos dos estudantes na noite de abertura quando dizem que não vão parar aqui, que nós professores reconheçamos esse direito e também como profissionais do Instituto que a gente reconheça como uma responsabilidade. Sei da importância que é discutir e faço questão quando posso de participar das discussões na UFG dos diálogos Proeja. Parabéns ao professor Adolfo e aos demais colegas que se empenharam tanto nesse evento e parabéns para os professores e para os alunos que também estão reconhecendo isso como direito, isso é de vocês.

Jacqueline Brito do IFG: só queria trazer uma questão em relação ao Tião que colocou esta realidade que a gente tem mais de 65 milhões de jovens e adultos em nosso país ao qual ele coloca que isso vai ser construído historicamente e só vai ser superado historicamente, gostaria que ele falasse um pouco mais sobre isso. A gente entende que a EJA ao trazer jovens e adultos para o nosso Instituto, ela tá de frente para o nosso país, e não dar as costas para o nosso país e olhar para a Europa, porque em geral como a gente vive em uma sociedade capitalista como o Josué diz em que a gente não vê a realidade a gente vive na aparência na irracionalidade, e nessa perspectiva da irracionalidade eu gostaria que vocês falassem sobre alguns mitos que a gente escuta entre o corpo docente dentro da própria instituição e entre o mundo que a gente vive, e um deles é que para dar aula para EJA eu tenho que baixar o nível daquilo que eu vou ensinar, eu gostaria que vocês falassem um pouco sobre isso.

Aluna Marinelza do quarto período de técnico em alimentação: Achei interessante ver vocês falarem que o sujeito da EJA é negro, pobre,... vocês podem estar falando de mim! Entrar nesta instituição foi encarar os jovens que olham para a gente e fala no corredor “lá vai o velho da EJA”, é encarar os professores, é todos os dias ter que pegar duas conduções e chegar em casa, meia noite e ser assaltada como aconteceu com algumas colegas minha durante este período, é não jantar, é assistir aula com sede muitas vezes, deixar os filhos sozinhos como tem muitas amigas minhas que deixam para poder vim estudar, é interessante ver vocês sentados discutindo isso. Essa sala é boa tem ar condicionado, muito confortável as cadeiras. Muitas vezes as cadeiras que nós sentamos não são confortáveis, assistimos aula com a cabeça doendo passando mal por causa de alguma coisa, por falta até de alimentação, este aluno que vocês estão discutindo é uma pessoa de verdade, é um trabalhador que sofre por tá naquela sala de aula, vocês se aplicam muitos como professores, mas o aluno também se aplica muito.

Recentemente eu aprendi a gostar de Machado de Assis que eu odiava porque eu não entendia, eu aprendi a gostar de Chakespeare pela primeira vez eu gostei de Romeu e Julieta que eu também não gostava. Recentemente eu pude ensinar minha filha a fazer uma redação e mais recentemente eu a ajudei a passar no vestibular da Universidade Federal ela agora está cursando farmácia, então, isso aqui não é só da instituição não é só estatística é realidade, é sofrimento, é dia-a-dia, o Tião que já deu aula para a gente em todos os períodos sabe muito bem como chega um aluno na sala de aula, tem dias que um quer matar o outro de tão nervosa. Mas esse trabalho, não é só estatístico, são pessoas. Eu luto muito pelo os meus colegas eu vou atrás, vou à coordenação, vou à Jacqueline, eu corro atrás de tudo que eu posso para poder ajudar os meus colegas. É um trabalho árduo do professor, mas não se esqueça do aluno, também é doido, então, quando acha professores como o Tião, o Adolfo e a Kênia não tem como não se apaixonar, O Tião tem um jeito ele gosta dos alunos, mas ele tem um jeito de fazer a mulherada

calar a boca para ouvir, isso não é fácil, então parabéns para vocês e muito obrigado por estarem neste trabalho.

Uma aluna do Proeja (não falou o nome) minha opinião sobre o Proeja é a seguinte, todos vocês são engajadas, mas se tivesse um pouquinho mais de Tião, de Kênia e de Adolfo o Proeja ou EJA já seria campeão há muito mais tempo, porque aqui tem sim um preconceito dos velhinhos do Proeja. O Proeja não estar dando certo é pela falta de engajamento, é a falta de vontade de alguns, quisera nós aqui da instituição, mas Tião, mas Kênia, que luta com unhas e dentes por nós, que nos faz sentir vontade de vir para o Instituto, porque tem pessoas no Proeja que desistiram por causa de professores que disseram que o curso não vai te dar base para você prestar um vestibular, tem professores que não ajuda o aluno de forma adequada, tem pessoas dentro da instituição que olham com preconceitos para o Proeja e eu já sentir na pele assim como meus colegas, eu não estou dizendo que os professores são ruins, muito pelo contrário estou dizendo que a instituição precisava de mais um Tião, mais uma Kênia, um Adolfo esses sim ta de corpo e alma no Proeja e é esses que vão levar o Proeja rumo à vitória.

Outra aluna do Proeja do quinto período (também não falou o nome), eu tenho dó daquelas pessoas que desprezam a gente, eu me sinto aqui no Proeja como se eu estivesse num navio em primeira classe, porque essa oportunidade é única. Eu tenho vergonha é de não corresponder à expectativa que os professores esperam de mim, porque hoje estou com a cabeça cansada, já passei por muitas coisas, tenho preocupações com família como todos que estão fazendo o curso, então a gente não tem mais aquela habilidade de aprender, ta com a cabeça um pouco tampada, mas o que eu tenho a dizer é que não reclamo de nenhum professor cada um tem seu jeito de ensinar e eu acho que todos nós temos que respeitar os professores principalmente os novatos que entram na instituição porque eu já tive oportunidade de ir em outras salas e escutar alunos dizendo assim esse professor é podre, mas será que tentou integrar com aquele professor, porque que não conversa, ao invés de falar mal do professor isso só vai atrapalhar aquela pessoa de aprender só isso.

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 10h20min

Processo seletivo do Proeja e suas relações com o acesso e permanência

Profª. Dianina Raquel Silva Rabelo (IFG)

Profª. Mad'Ana Desiree R. de Castro - IFG

Maria Cristina Nunes Hidalgo - IFG

Prof. Claitonei de Siqueira Santos – Mestrando PPGE-PUC (Mediador)

A professora Mad'Ana inicia a palestra fazendo suas reflexões a partir da Democracia e da Gestão Democrática. A EJA nos força a pensar qual democracia, nós fomos buscar em Marx esse conceito. Enfatiza que nós temos muitas formas de democracia: temos a República, os conselhos, as eleições que são coisas importantes, mas ela estar para, além disso, existe um conteúdo que precisa ser colocado que é o princípio, a associação de homens livres, a associação onde todos podem se colocar, onde todos são possíveis de se colocar, este é o conteúdo da democracia. Fala sobre alguns problemas do processo seletivo, a seleção Educacional é uma demanda que se funda na desigualdade. Portanto, ha seleção de uns e outros ficam de fora, isto porque a sociedade não se funda na livre associação de sujeitos igualmente livres, esta condição impede o acesso e a permanência plena. Essa é uma democracia que se funda na seleção. Segue falando o que a gestão democrática desta Instituição deve garantir? Garantir o Art. 205 da Constituição Federal do Brasil: "A educação direito de todos e dever do Estado, da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento, seu preparo para o preparo da cidadania e sua qualificação do trabalho". Uma gestão democrática deve garantir o acesso a Instituição por meio deste direito e nada melhor que os gestores para iniciar a efetivação deste direito a educação, a oferta e ampliação de vagas a democratização do acesso e a divulgação completa dos cursos, garantirem também a permanência na Instituição.

Sobre a questão da evasão diz ser interessante pensar a causa da evasão e desistência: desafios pedagógicos: currículo, avaliação, falta de coordenadores de curso, dificuldade do estudo, formação docente transporte, horário do curso, trabalho, infra-estrutura, divulgação, alimentação e processo seletivo. Por outro lado, pensar também o que faz os alunos permanecerem: financiamento da educação, atendimento ao educando por meio de programas, suplemento de saúde, material didático-escolar, transporte e alimentação, não permitir maus tratos envolvendo os estudantes, incentivar formas dialógicas de superação de conflitos, direitos de ser respeitados por todos etc. por fim, deve garantir a qualidade.

A palavra foi passada para a professora Dianine que começa falando da preocupação de selecionar de forma democrática, diz ter participado de várias etapas, ter uma convivência muito boa. Nós temos a responsabilidade de criar mecanismos para esses alunos, para modificar a vida e terem outros contatos. A idéia da seleção não é boa ela traz em si a idéia da exclusão, mas nós temos um processo seletivo amplamente democrático eu tenho o prazer em dizer: temos uma gestão que privilegia a democratização que luta por isso e quer abrir as portas para estes sujeitos, quer de fato que eles venham que sejam acolhidos. Comenta, que este processo seletivo tem sofrido algumas mudanças não quer selecionar, excluir e sim acolher, localizar e receber esses sujeitos e fazer com que eles permaneçam até a formatura e quem sabe estudar em outra modalidade. O nosso objetivo é criar mecanismo para que esses sujeitos consigam reelaborar a sua condição social. Em

virtude de que a seleção apresenta algumas dificuldades? No primeiro momento parece que estamos excluindo uma série de candidatos, na verdade nós lutamos, criamos alguns mecanismos, às vezes alteramos algumas regras modificamos o edital, e ainda assim ficam alguns candidatos fora desta modalidade. A primeira característica do processo seletivo do IFG: é gratuito, ou seja, no primeiro momento não estamos excluindo nenhum candidato. Segunda, é a inscrição feita on-line, o desafio, é colocar postos de atendimentos nos campus. O problema com os critérios de seleção é a série de exigência que às vezes o candidato não dar conta, ele precisa ter 18 anos ou mais, ensino fundamental completo não pode ter concluído o ensino médio. Neste sentido nós exigíamos durante a inscrição a entrega de alguns termos de compromisso e comprovantes: termo de compromisso do ensino fundamental, o histórico de que ele tinha os 18 anos, a falta da documentação era eliminatória, nós tentamos tornar mais acessível e entregamos esse termo de compromisso aqui. Então temos que refletir palestra que informa tudo do curso e um sorteio quando ultrapassa o limite de 90 candidatos. Contamos com uma equipe de servidores psicólogos, assistentes sociais etc. mesmo assim há uma dificuldade em formar turma de 30 candidatos.

Assistente Social Maria Cristina, começa falando, o aluno tem que ter o perfil mas, o professor também tem que ter o perfil, a sala é heterogênea. Falta divulgação do Proeja, o maior índice é o aluno investir na divulgação. A Instituição deveria abrir outros cursos, assim, teríamos pessoas mais satisfeitas. Somos o apoio dos professores são muitos os alunos que nos procuramos, nós queremos acolher, ouvir, ajudar e não passar a mão na cabeça. É preciso ter reuniões mais rápidas e permanentes do grupo que participa do Proeja. Temos que entender esse grupo, saber ouvir é muito importante mais importante que um dez na disciplina. É difícil a convivência dos mais velhos com os mais novos, o professor tem que ter jogo de cintura e humanidade. Esses alunos já sabem reclamar, organizar e exigir os seus direitos.

Participações do auditório.

Professor Cândido de Anápolis: fiquei bastante satisfeito com as falas principalmente da assistente social, que a gente percebe que é gente que conhece de gente, sou educador e acredito nisto, gostei muito da palavra do otimismo da vontade, acredito que não é difícil do Proeja, porque um professor se tiver respeito pelo ser humano não vai ter muito problema, o problema é que a gente esqueceu isso sou professor novato do campus de Anápolis, e a gente percebe o Proeja como se fosse algo separado, os meninos se separam, eu tive uma vontade de ir à sala para conhecer os meninos, pra eles terem uma identidade o que é o curso, porque no primeiro período eles não entendem nada do curso, e aí como que eu dou visibilidade para esses alunos? Como que eu crio uma motivação com quem tá lá se ele só estiver vendo matéria de segundo grau e ele tem um monte de angustia dentro dele? Como que eu crio visibilidade desses cursos no mercado de trabalho?

Porque não adianta fazer um curso bom e o mercado não perceber isso, fico preocupado de ouvir o pessoal falando vamos manter convênio, que tipo de convênio é esse? Então, se é resgate nós temos que dar o resgate da cidadania, de valor. Fiquei um pouco chocada ao saber que Goiânia só tem um curso Proeja, porque é tão grande, parece que é nossa mãe, nossa referência. Fiquei um pouco preocupado com a fala ontem porque nós não estamos formando o pessoal para trabalhar na cozinha só, nós estamos formando cidadãos. A referência maior é a sala de aula, quem cria a demanda é o próprio aluno se ali caminha bem tudo que for ruim ele vai olhar diferente.

Professora Maria Emília, eu queria só reforçar uma questão que a Margarida troce que é avanço, classificação e reclassificação, essa possibilidade estar posta na LDB desde 96 e agente da EJA, não podemos abrir mão dela, foi uma conquista e para muitos alunos realmente apresentar um certificado do ensino fundamental é um impedimento, nós temos muitos imigrantes que às vezes saem do seu estado não tem como buscar esse documento, e aí ele não vai estudar? Então agente tem que pensar quem é esse sujeito. E outro aspecto, é que de várias pessoas já ouvir e hoje novamente na sua fala Maria Cristina quando diz assim falta divulgação do Proeja, estiver pequena, pouco esclarecido a respeito do curso, mas você diz uma coisa que tem me incomodado muito que houve uma queda significativa da procura a medida que houve uma mudança do curso, por que o Instituto não enfrenta a manutenção do curso se isso já foi diagnosticado? Se nós somos tão excelentes e capazes cabe aos gestores esta luta e aos professores.

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 14h

Mesas de troca de Experiência: Currículo Integrado

Profª. Kênia Bueno de C. Ferreira - IFG

Profª. Gleice Alves de Sousa - IFG

Profª. Jullyana Borges Freitas – IFG (Mediadora)

As professoras Gleice e Kênia foram convidadas pela professora Juliana (mediadora) para compor a mesa.

Kênia é formada em língua portuguesa e no Instituto é professora desta mesma disciplina; ela participou da elaboração do primeiro Plano de Curso do Proeja e das primeiras discussões a respeito do curso.

Kênia faz o agradecimento aos presentes, em especial as falas dos alunos; agradece também a oportunidade de participar deste dialogo.

Nesses diálogos a discussão nuclear do currículo integrado, se coloca como uma prerrogativa para que possamos entender a proposta em sua integralidade e tentar elaborar as discussões, análises e estudos para as disciplinas que trabalhamos, buscando esse horizonte dessa integração. Nesta exposição vamos buscar dialogar sobre essa integração, de maneira ampla, pois toda formação de algum modo é para atuar um dia no mercado de trabalho. Porém as especificidades do Proeja é algo que não pode ser subsumido.

A proposta do Proeja é para que seja uma formação humana na modalidade de educação de jovens e adultos com uma procura e a garantia dentro de uma educação integral.

O que é o currículo? É a organização dos conhecimentos necessários para a formação em determinada área do conhecimento; então para essa formação temos uma proposição de disciplinas e conteúdos que serão desenvolvidos durante esse percurso de formação, é o currículo, portanto que dará a marca para este curso.

Alguns conhecem como grade curricular ou matriz curricular, mais currículo então é a organização e seleção dos conteúdos. O currículo é selecionado e pensado para que contemple a formação dos indivíduos. No caso do currículo é baseado na formação integral, plena e completa, que só se viabilizaram pela concepção de formação integral. Porém tem que se ter a clareza que do conhecimento é limitado e apresentam entraves e lacunas, o que queremos dizer com plenitude, completude e integralidade é trabalhar uma formação que seja possibilitadora de uma visão da complexa realidade que estamos inseridos, fora do perfil de uma formação para a execução de um fazer, ou do domínio técnico de determinado saber, mais desvinculado de uma visão de realidade de contexto de individuação de individualidade de socialização... Em todas as áreas, independente da denominação “educação profissional”, nós sabemos que a humanidade caminha em busca da superação dessa visão utilitarista e pragmática do homem. Essa é a odisséia humana, de se fazer homem de se construir o homem na plenitude humana e essa plenitude é carregada de embates e enfrentamentos; então não vamos ter o modelo perfeito e exato de formação integrada curricular, uma vez que as fazes de aprendizado se sucedem, são acrescidas de novas experiências e procuras e objetivação, a aprendizagem é um processo ininterrupto, sem fim.

Essa formação é no sentido de dar e construir elementos para que esse ser humano na busca de sua autonomia possa se orientar da melhor maneira possível dentro de todos os limites postos. O problema é a cegueira (Saramago), que faz pessoas extremamente competentes com um reconhecimento social, legitimado pelas universidades e pela ciência, atuarem como bestas feras, como seres desprovidos de moral mínima, de condição mínima de se ver no mundo, de se perceber como um sujeito social, como subjetividades que irão trabalhar as subjetividades com os outros seres. Esse desafio para buscar esse estatuto de

homem, é um desafio de todos os níveis de ensino desde a educação infantil até os projetos de pesquisas.

Portanto a idéia de currículo que essa composição de elementos mínimos, já mais deveria ter sido pensada fora dessa óptica, pragmática, pois percebemos no dia a dia que ela não se sustenta exigindo constante estudo e pesquisa por parte dos professores. No caso do Instituto essa idéia vem a partir do documento base do Proeja (ensino médio) (através do decreto 5478), em que traça o perfil do curso. Este documento traz a concepção de educação integral contraponto a dualidade estrutural.

A concepção integrada traz a política de uma formação que integre a ciência, a tecnologia a cultura geral e o trabalho. Vamos ver que essas procuras por uma educação integral têm que ser pensada sempre sobre ela, no que nos faz avançar ou não; essa formação tem como objetivo formar cidadãos profissionais capazes de compreender a realidade social, cidadania como requisito fundamental. Sentimos a realidade social nas condições objetivas de salários, transporte, consumo e manutenção da educação dos nossos filhos. Sentimos essas condições, porem nós não paramos para elaborar para questionar os tipos de relações que estão na base dessa realidade.

Para construir essa visão de mundo de não tiver elementos que me digam ou me informe sobre ela, ninguém melhor que o outro. Para que o que está previsto no texto da lei traz sem as mediações sejam construídas. Com tudo não é possível que isso aconteça sem que haja uma dialogo entre as diversas áreas de conhecimento que constitui a formação.

No documento base do Proeja o trabalho é tido como um princípio educativo, como formador do homem, formação do sujeito, no seu entendimento máximo de trabalho. A pesquisa é um fundamento da formação, como uma ferramenta de ensino e de aquisição de conhecimento, pensando o publico do Proeja e suas especificidades.

Kênia avança um pouco da sua fala em função do tempo já havia esgotado, e coloca sobre a criação do Proeja no Instituto, a implantação do Proeja no Instituto só foi possível em função da postura da coordenação que assumiu a uma postura social. A formação integrada, não é uma prerrogativa do Proeja, mas sim uma determinação para o ensino médio profissionalizante.

O que caracterizou a intervenção dessa educação integrada na modalidade da educação de jovens e adultos, foi a proposição de uma intervenção mais efetiva, provavelmente em função de vários debates sobre as especificidades dessa formação, optou-se pela discussão dos eixos temáticos (opção para o curso de Proeja). A proposição dos eixos temáticos vem a partir da proposição feita no próprio documento, más em um material produzido pela CUT (ano de 2007) voltado para a

educação de ensino fundamental e médio. Para o curso a integração seria trabalhada a partir de quatro elementos:

Trabalho, cultura e alimentação

Conhecimento, tecnologia e alimentação

Sujeito, desenvolvimento e responsabilidade social ambiental

Serviços de alimentação e mercado, alternativas de gestão e vendas

Esses quatro eixos deveriam ser trabalhados em todas as disciplinas, para isso teria que haver várias discussões e conversas entre os professores para que os professores posam saber onde uma disciplina pode contribuir para com a outra, em um movimento das cênicas dialogando construindo suas inter faces de comum acordo.

No eixo: Trabalho, cultura e alimentação, o trabalho vai direcionar as discussões entre a cultura e a alimentação, na concepção de trabalho como práxis humana e conjunto de materiais e espirituais que o homem como individuo constrói. Portando é no trabalho que o homem constrói a consciência de se e do outro, a condição de construir essa consciência é o desafio da educação, assim toda e qualquer formação é educação para o trabalho em todas as diminuis.

No segundo eixo: Conhecimento, tecnologia e alimentação; a idéia de entender as diversas concepções de conhecimento de conhecimento e tecnologia, nos lamentos mais simples de trabalho é possível o resgate disso dentro do processo de compreensão disso, como por exemplo: por que nós temos uma mudança nas praticas alimentares, vem de um tempo outro de vidas, onde as pessoas saem e comem coisas na rua e os dias e as noites se misturam. Se pensarmos que vamos discutir, o declínio da comida regional, ele não vem do vazio ele tem enraizamento na história. Com relação às concepções de tecnologia do alimento, como se produz esse alimento, como a indústria alimentícia avenca; vamos perceber que isso pressupõe um tipo de conhecimento, sobre o homem a sociedade que ele está sobre o mercado entre outros; pensando neste conjunto de referencias sabemos que é possível avançar muito quando se discute o conhecimento e as tecnologias para trabalho.

A produção dos conhecimentos científicos, relacionando saberes e práticas, uma vez que o conhecimento vai se viabilizar e se concretizar na prática, não em uma prática só materializada, mas também de conceitos e construções intelectuais e formativas.

O conhecimento como fundamentação dos processos sociais e produtivos contemporâneos; estamos nessa realidade, assim precisamos entender essa realidade e as questões postas nele. Conhecimento para constituir a cidadania, a

participação do homem tentando construir a superação da barbárie, a cidadania contrapondo-se a barbárie.

Kênia acelerou sua fala mais uma vez e disse que iria tentar ser mais breve, novamente.

Ela coloca uma das discussões que devem ser feitas neste curso do início ao fim é a questão da relação serviço de alimentação e o mercado, pois é uma questão de trabalho e construção de sujeito, para além do que as disciplinas abordam possibilitando questionar a lógica do mercado de trabalho e buscar formas alternativas de superação desse mercado, uma vez esse não considera trabalho como práxis.

Qualificação profissional para o mercado, qualificação profissional para a autonomia e quais são as transformações dos processos produtivos na área da alimentação um profissional da área da alimentação precisa saber disso, ter noção dessa totalidade, pois infelizmente sabemos existem entrevistas de emprego e a entrada no mercado de trabalho se dá infelizmente através da competição.

Com relação à gestão de serviços de alimentação, em algumas reuniões tenho percebido que a área da formação profissional tem feito essa discussão porém ela deve ser feita de maneira integral, proporcionando elementos que façam uma contrapartida para que os profissionais possam buscar também alternativas de mudança da gestão. Ser um profissional que sabe sobre sua área e que sabe seu saber e sobre o mercado, fazendo com que nem uma área se sobreponha a outra, contudo sem subserviência. Uma formação que integralize o sujeito.

O caráter político do currículo

O currículo é uma produção cultural, um jogo marcado pela negociação entre discursos culturais em que resistência e dominação não ocupem posições fixas, nem se referem a sujeitos ou classes sociais específicas. Lutas simultaneamente política e culturais nas quais se disputa a possibilidade de significar mundo, produzem o currículo nas escolas. O currículo deve ser projetado para a formação de determinadas identidades, para crítica aos propósitos pragmáticos dos conhecimentos científicos, com a valorização de propósitos emancipatório por intermédios desse mesmo conhecimento. Nos espaços de produção do currículo podemos construir diferentes sentidos que sejam potentes na luta política pela significação da cultura, era contingências de nossas lutas cotidianas do presente que disputamos como preencher esses significantes, sendo o currículo um dos espaços tempos em que essa luta é desenvolvida. As tentativas, ensaios e lutas acontecem através do currículo e principalmente quando ele é executado, estamos lutando quando construímos um sujeito por esse tipo de currículo.

Para finalizar ela faz a leitora do seguinte texto:

A integração entre ensino médio e educação profissional para um público EJA é uma novidade no quadro educacional brasileiro. Assim, educadores e educadoras deste país estão desafiados não apenas a discutir este Programa em suas variadas dimensões e potencialidades, mas também a se engajarem nos esforços que os diversos atores comprometidos com esta proposta já estão desenvolvendo.

Com o PROEJA busca-se resgatar e reinserir no sistema escolar brasileiro milhões de jovens e adultos possibilitando-lhes acesso a educação e a formação profissional na perspectiva de uma formação integral. O PROEJA é mais que um projeto educacional. Ele, certamente, será um poderoso instrumento de resgate da cidadania de toda uma imensa parcela de brasileiros expulsos do sistema escolar por problemas encontrados dentro e fora da escola. Temos todas as condições para responder positivamente a este desafio e pretendemos fazê-lo.

Eliezer Pacheco
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

A professora Juliana agradeceu a fala da professora Kênia, que segundo ela é uma fala muito pertinente, porém não há tempo para uma discussão tão minuciosa, reforçando a necessidade de que haja mais diálogos Proeja. Ela faz a apresentação da professora Gleice.

A professora Gleice Alves de Sousa, graduada em gestão hoteleira pelo IF, especialista em docência de ensino superior.

Sou professora da área técnica, restaurante e bar do curso serviço de alimentação. Irei falar diretamente do currículo integrado, uma vez que a Kênia fez uma introdução sobre os princípios do Proeja e do currículo.

Tentamos trabalhar de forma integrada, porém não é possível, nós da área técnica sempre estar em contato com os professores da parte específica. Atualmente nós nos reunimos semanalmente, buscando trabalhar de maneira interdisciplinar e estamos conseguindo; procuramos parcerias com esses outros professores (da área geral). Por exemplo, com a professora de inglês, como eu trabalho com as bebidas, nós trabalhamos os nomes básicos e necessários para eles saírem para o mercado de trabalho, mesmo que eles não saiam sabendo falar inglês, os alunos gostam e saem felizes com isso.

Aconteceu um fato muito interessante, eu entrei em uma sala de uma amiga minha que dá aula de inglês e estava escrito no quadro “eu não sei falar inglês” e no final da aula o quadro estava cheio de palavras em inglês que eles falaram, então é muito interessante que nós alunos e muitas vezes profissionais e quando colocamos a prova e gente vê o quanto nós sabemos; quando eu saio da sala, e vou dar aula no 6º período (último) e quando eu cheguei lá, a mesma coisa os alunos me

disseram que não aprenderam nada no curso revoltados, eu escrevi no quadro “eu não aprendi nada no curso” ai eu comecei a fazer brincadeiras e perguntas com eles sobre todas as áreas e relacionando com a minha disciplina, mas voltado para as outras disciplinas, eles perceberam o tanto que tinham aprendido no curso. Eles achavam que não tinham aprendido mais eles aprenderam a todo o momento mais só que de maneira diferente, e nós precisamos colocar isso para os alunos. Que é diferente, eu como professora da parte técnica especifica não preciso colocar no quadro uma conta de dois mais dois, porque eles já sabem fazer essa conta, eles já sabem ler um contrato, fazer um balaço,... Eu como já dei aula para um curso no SENAC é diferente, a forma que eu ensino lá da forma que eu ensino para os meninos daqui, a forma de ensinar aqui é diferente da forma que nós aprendemos no ensino médio, que a professora enchia o quadro de formula e nós não sabíamos nada, aqui não eles sabem o porquê e como das coisas, por exemplo, o professor de matemática dando aula, pergunta quanto que é $2+2$, os alunos ficam pensando, o professor fala vamos fazer diferente: você tem dois reais ganha mais dois reais com quatro reais você ficou? Os alunos responderam de imediato quatro reais. Então quando trazemos para a realidade os alunos aprendem mais rápido.

Nós gostamos de trabalha mostrando a importância de todas as disciplinas, como nosso curso tem as duas áreas ao mesmo tempo (técnica e geral) os alunos geralmente ficam desanimados para uma área ou para outra, e o nosso dever enquanto professore é instigar e dar força para os alunos conseguirem terminar o curso, mostrando as várias possibilidades que o curso oferece para entrar no mercado de trabalho.

Gleice encerra sua fala, segundo ela em função do tempo já estourado, para que os presentes possam passar fazer perguntas.

Juliana agradece a Gleice. E dá a palavra aos presentes, para questões, trocas de experiência,...

A aluna Sônia, egressa do Proeja e atual alunos do curso de hotelaria, diz da importância da interdisciplinaridade que para ela é um modo de fixar os conteúdos. Por que é um modo que diminuir a dificuldade. E importante o casamento das disciplinas porque só o conjunto leva as pessoas a um degrau maior

Alessandro aluno do Proeja: ele faz uma colocação a respeito da fala da professora Kênia; a educação humanista, o seja deixar de construir um profissional totalmente burocratizado e desprovido de senso crítico para um profissional humano. No Proeja inserido em um contexto de uma escola técnica federal que é produzir uma mão de obra tecnológica qualificada para atender as empresas, uma educação totalmente instrumentalizada (acho que essa pergunta não vai só para você); às vezes eu vejo nas aulas um estranhamento, entre os professores como quando um professor tenta fazer essa educação critica na sala de aula, para que o aluno não aprenda só a cozinha, mas compreender o mundo e o mercado para que ele use

isso a favor dele. A gora tenho visto que há um projeto para que a educação do ensino médio fosse totalmente privado ao uso profissional, interligado a uma profissão o que é uma educação totalmente para o trabalho. Voltando ao conceito de educação, onde educação é um conceito de formação humana, em que eu não vou aprender para ganha um salário, mas sim para antes de qualquer coisa ser um ser humano em constante relação com os outros; não sei como se daria isso dentro do nosso curso?

Professora Elza de Artes do campus de Anápolis: eu e meus colegas estamos pensando no que a professora Kênia disse em relação à feitura do currículo, pois você já adentrou na discussão dos quatro eixos que já estão ligados as disciplinas do curso desse campus, a nossa realidade é um pouco diferente, nosso curso é o transporte de cargas que está começando agora e nós estamos participando da elaboração desse currículo, como vocês escolheram os quatro eixos? Qual foi o envolvimento dos professores? Qual foi a parte cabível ao técnico administrativo? A participação dos alunos e da comunidade? Que tipo de pesquisa foi feita no campo de trabalho? Em tão eu gostaria que fosse falado desse processo anterior.

Professora Jackeline que participou da construção do currículo: dentro da fala da Kênia eu gostaria de lembra que eu posso fazer a integração dentro da disciplina que eu trabalho, uma vez que a disciplina que eu trabalho ela faz a relação com os eixos, pois o sentido dos eixos era justamente tirar esse isolamento das disciplinas acabarem com essa formação que nós temos, vamos dizer Fordista, fragmentada. Eu por exemplo dentro da química eu posso fazer esses trabalhos porem ele exige muito do professor, além dele ter que conhecer a disciplina que ele trabalha ele tem que ousar e ir alem da formação que ele teve. A superação dessa educação fragmentada que todos nós passamos só pode ser feita através do dialogo em especial entre as disciplinas de educação técnica, exatas e humanas, mas essa superação não é fácil uma vez que vivemos na sociedade do individual, do solitário. Para alcançar o objetivo de uma educação emancipatória, a pesquisa é fundamental para repensar a educação deste Instituto.

Aluna Edelia: estou maravilhada e poder estar aqui hoje participando dessa discussão, agora sim estou vendo integração. Sinto que só tenha esse curso de alimentação que agora é de cozinha poderia ter vários outros cursos em modalidades e áreas diferentes para oferecer para todos, espero que o processo seletivo seja ampliado e modernizado, por que da forma que foi colocado ante

Hoje eu tive uma aula aqui, aprendi muita coisa que nunca tinha pensado na vida, por exemplo, currículo integrado e o senso crítico que todo alunos tem que ter. Depois de ficar sabem que só 5 alunos conseguiram estágio e que não está no catalogo do MEC eu fico pensando se eu quero continuar esse curso, eu quero é coisa diferente. Quero dizer também que todos os professores que me deram aula

são maravilhoso, não vou falar nomes por que não quero deixar nem um de fora todos eles me ensinaram muito eu não quero parar por aqui.

Valdivino acadêmico de matemática do IFG: Gostaria de fazer um comentário com relação ao Proeja, achei muito interessante essa formação integral que alia o conhecimento a profissionalização; achamos que é um grande desafio essa formação, mais nós não devemos deixar essa perspectiva do conhecimento de lado e buscar só a formação profissional, por que eu acredito que não tem como uma coisa se distanciar da outra. O grande desafio seria o convívio das duas áreas e de como se daria isso, buscar aprimorar, pois essa formação integral ela vai ser mais atrativa para os alunos

Marineosa aluna do Proeja: Gostaria de fazer uma pergunta para as professoras. Quando vocês se integram uma com a outra não chega a atrapalhar, por que eu não quero ficar só como técnica quero chegar a fazer concursos públicos e vestibulares; às vezes na química ao invés de falar das matérias da química fala das proteínas dos carboidratos coisas que nós já vimos em nutrição. Assim uma coisa fica entrelaçando com a outra e às vezes me assunta um pouco, e as outras matérias que eu vou precisar para fazer as provas de concursos e vestibulares como ficam? Ai um professor fala para nós que essas matérias não interessam para nós e para o nosso curso. Essa integração demais não atrapalha, não deixa uma lacuna no meio?

A palavra volta para a mesa

A professora Gleice responde primeiramente a pergunta da Marineusa. No meu caso essa interdisciplinaridade acontece em pequenos momentos como, por exemplo: o sarau que aconteceu aqui na instituição, organizado por mim e pela Kênia, em que pegamos o livro “Alice nos pais da maravilhas” e pegamos a minha aula e a dela, então em alguns eventos essa interdisciplinaridade acontece como a professora de inglês em um momento de, pois o professor de artes,...

Juliana complementa resposta da professora Gleice: A pesar de recente aqui no IF tenho visto que vocês gostariam de ver exatamente como vai cair na prova do vestibular, tem alunos que chegam a mim e me fazem esta pergunta, por que é isso que se espera às vezes. Para gerar realmente o conhecimento ele tem que mudar alguma coisa na nossa vida, eu já passei por essa situação. Às vezes nós prestamos vestibular com 17 18 anos e não temos um olhar crítico sobre aquilo, vocês estão temos a oportunidade de ver sentido nas disciplinas, entendo você não é diferente, a maioria de nos aqui queremos passa em um concurso. A diferença e é essa dar corpo ao conteúdo, não queremos que vocês de corem para passar no vestibular ou no concurso mais sim saber por que estão escolhendo um curso, ou seja, tendo uma visão critica. Não queremos que vocês percam conteúdos. Mas sim tenham uma educação mais completa.

Professora Kênia: Voltando a fala da Sônia que usou a metáfora do casamento que é uma ótima metáfora, quer dizer antes essas áreas estavam divorciadas (pensando na perspectiva de casamento) e como tudo casamento os enfrentamento e desafios cotidianos para que o casamento sobreviva estão postas. Mais em fim o estranhamento que o Alessandro coloca parece tão distante o que foi elaborado do que acontece nas salas de aulas; roupa suja se lava em casa e nós estamos em casa com convidados, mais vamos lavar aqui mesmos, ou seja, ele toca em uma questão que é para nós um desafio mesmo. Como realizar essa integração na perspectiva da orientação política? Se não partidos do que Jackeline falou muito bem, a necessidade que haja um grupo coletivo muito bem integrado. Nós precisamos realizar aqui no Instituto nossas reuniões metodológicas de execução do projeto. Tivemos no início do projeto essas reuniões, porem com o tempos nós nos distanciamos da proposta. O como executar isso não está tão claro, nem efetivamente sendo executado, temos algumas ações pontuais, alguns professores que fazem um esforço e até às vezes de dialogo com outro e mais outro dois três professorem que tentam trabalhar nessa perspectiva. A proposição inicial era que nós produzíssemos matérias para o curso nessa perspectiva de coletivo, nosso referencial era material da CUT, aos pesquisadores aqui presentes tentem recuperar esse material publicado em 2000 ou 2001, excelente material, porem o projeto foi desarticulado nacionalmente. Nosso contato com esse material se deu da seguinte maneira, a CUT precisava certificar seus alunos e precisava de uma instituição oficial da educação para que isso acontecesse, assim foi estabelecendo uma parceria entre as duas. Quando vi esse material totalmente sistematizado e para a educação de trabalhadores e adultos é um dos melhores que eu já vi, outro material que fiz questão de trazer é o livro da Cássia Kuenzer “Ensino Médio construindo uma proposta para os que vivem para o trabalho” que é de uma linha mais oficial, que também é de primeira qualidade. Voltando a fala do Alessandro nós não conseguimos metodologicamente viabilizar essa proposta, pois não conseguimos viabilizar as reuniões metodologias nem os diálogos, não conseguimos ainda trabalhar juntos. Precisamos de estudos e essas reuniões são trabalho e trabalho deve ser contado na nossa carga horário. Quando você fala que parece estar distante o proposto da realidade sua leitura está correta.

Professora Elza no início éramos alguns professores: professora Mad’Ana, Jackeline, Gilma, ... De um a um pra construir, tivemos umas oito reuniões para a construção dessa proposta, tivemos embates como a questão da carga horária e em especial a da língua portuguesa que respaldado por pareceres de consultores do MEC, que para dar conta de todas as dimensões da língua portuguesa era necessário no mínimo 6 aulas de língua, que pressupõem no mínimo três encontros de 1h e 30min, e não havia condição para que isso acontecesse, eram duas aulas no primeiro e segundo semestre (do técnico em alimentação) ou seja quatro aulas, do terceiro ao sexto um encontro duas aulas, com a mudança isso piorou passamos a ter quatro aulas no primeiro período e duas do segundo ao sexto período, se na

década de 80 uma se uma necessidade mínima de 6 aulas agora que a comunicação se dá de maneira tão multifacetada. Com apenas um encontro semanal o único conceito que dá conta de nos ajuda é o da pesquisa, a língua na perspectiva da pesquisa, eu entrego textos (inserido nos eixos) semanalmente para esses alunos façam a leitura dos textos de uma semana para a outra, no entanto a carga horária de trabalho desses trabalhados não permite muitas atividades para casa, essa situação me angustia. Tentamos fazer a melhor distribuição possível, nós nos reunimos desde à composição até a feitura do projeto feito o projeto, após isso não conseguimos avançar nem para construir o material nem para a discussão. Nesses quatro anos de curso não tivemos um momento com este de discussão entre os professores, alunos e convidados; este é um momento muito importante para que nos possamos dialogar e refletir sobre o curso, com o apoio da universidade e da pesquisa, a universidade cumprindo seu papel social de ajudar a pensar, viabilizar os projetos e discussões, pois o Instituto sozinho não conseguiu.

Quando a Edélia disse que poderia expandir o Proeja; a demanda é muito grande. Todos os cursos do Instituto hoje têm a possibilidade de abrir Proeja e precisam pensar sobre isso, essa demanda precisa ser considerada.

A pergunta da Marineusa se atrapalha, não atrapalha em nem uma dimensão da maneira como está posta aqui, que ao foi executada ainda. O que os professore devem lembrar sem é que se eles colocam as provas de vestibulares e concursos (como o PAS) e analisar essas provas e os eixos temáticos não tem nem uma disciplina que tenha sido abordada. Essa é uma prática que eu faço em sala de aula, é claro que temos que adaptar e recortar para trabalhar na sala de aula sem deixar o aluno à parte dessa realidade. Os concursos e vestibulares da melhores instituições têm feito provas valorizando esse olhar crítico, então não atrapalha pelo contrário ajuda desde que seja trabalhado como pesquisa.

A fala da professora Jackeline fez sua fala e nos mostro que essa tudo isso não é fácil. Este é um processo complicado, minuciosa e necessita de debate.

Kênia passou a palavra para a professora Maria Emilia (UFG)

Maria Emilia: a proposta interdisciplinar diz isso, não perde de vista a disciplina, a sua área de conhecimento. Agora o profissional tem que estar aberto para conhecer e estabelecer relação para pensar um conteúdo que seria trabalhado na frente possa ser trabalhado antes, em função desse trabalho que possibilita uma visão ampliada. Por sua vez é fundamental que haja um dialogo para não haver sobre posição se não ficam todos os professores falando a mesma coisa; se não tem um momento de dialogo entre os professores de relação o professore pode realmente estar pecando em fazer essas relações. Então é necessário que haja estes encontros, previstos em carga horária, para que quando for haver reuniões os professores pudessem anotar em suas agendas garantindo a presença dos

professores nas reuniões e a possibilidade de garantir o que foi planejado para o curso.

A palavra volta para a mesa. A professora Juliana agradece aos presentes, pede desculpas pelo adiantar da hora e encerra a mesa.

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 16h10min

Mesas de trocas de experiências: Avaliação

Prof. Edson Roberto Sales (Beto)-IFG

Profª. Lisandra L. C. Passos – IFG

Profª. Maria Emilia de C. Rodrigues – UFG (Mediadora) Maria Emilia (mediadora) convida a professora Lisandra de Carvalho Passos e o professor Edson Roberto Sales. Lisandra mestre em Geografia com ênfase em alimentação pela (UFG) Graduada em administração hoteleira (SENAC) e atualmente é professora no Instituto (Hotelaria, Turismos e Alimentação). O Professor Edison é professor titular no Instituto a 20 anos, licenciado e bacharel em biologia (UFG), especialista em metodologia do ensino superior (FESURVE) e em Educação de Jovens e adultos (UFG), coordenador acadêmico do departamento dois do IFG.

A palavra foi passada para o professor Edson

Terminar esta mesa

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 19h

Mesa Redonda: Qual a importância do Proeja no IFG – campus Goiânia?

Prof. Paulo César Pereira – Reitor do IFG

Prof.ª Caetana Juracy Rezende Silva – (MEC)

Prof. Edson de Almeida Manso – Diretor Geral do IFG - Campus Goiânia

Profª. Adriana dos Reis Ferreira – Coordenadora do curso de Proeja

Profª. Miriam Fábria Alves – UFG (Mediadora)

A professora Miriam Fábria Alves, mediadora da mesa deu início a mesma apresentando os participantes descrevendo-os brevemente em sua formação e área de atuação atual, o professor Paulo César Pereira reitor do Instituto Federal de Goiás, a professora Caetana Juracy Rezende Silva representante do ministério da Educação, professor Edson de Almeida Manso diretor geral do IFG - Campus Goiânia e a professora Adriana dos Reis Ferreira coordenadora do curso de Proeja.

A exposição de argumentos dessa mesa, da noite do dia trinta e um de agosto de dois mil e dez, foi iniciada pela professora Adriana dos Reis Ferreira, coordenadora do curso de Proeja, que agradeceu a colaboração daqueles que contribuíram para a realização do evento, destacando a atuação do professor Adolfo, dos alunos do Proeja que demonstraram esforço por participar do evento, alunos de outros cursos que contribuíram desde a recepção até nos momentos de relaxamento.

Em seguida apontou algumas críticas em relação às reclamações referentes ao preconceito e a discriminação no IFG, afirmando que tal discriminação é inexistente a professora relatou que os alunos do Proeja em relação aos demais da instituição têm uma entrada facilitada, essa é a única diferença entre existente. A exclusão se dá na medida em que as vagas não disponíveis a todas acabam por classificar os que entram no curso e os que ficam de fora, a partir da matrícula todos os alunos tem os mesmos direitos e deveres, no que diz respeito aos acessos dentro da instituição.

As queixas relativas à discriminação preocupam a coordenadora do Proeja. Os alunos não podem se dizer discriminados, pois desfrutam do mesmo espaço físico que os outros alunos da casa. O curso de Técnico em alimentação é importante, respeitado por ter qualidade, no entanto o aumento de vagas é inviável no momento por limitações administrativas relativas a falta de espaço físico. Além disso, existem também as dificuldades de trabalhar um currículo integrado, devido as limitações relativas às impossibilidades de ajustes entre os professores, ajustes de horários, de movimentação, contratação, falta de espaço, de professores efetivos. O interesse dos professores é notório, de modo assim como a necessidade de modificações no curso como a política de estágio.

O projeto do curso foi construído com a participação dos professores, com o empenho dos alunos que se reconhecem sob um olhar de valorização, sabendo da importância de servir ao outro. A instituição bem como demais integrantes da mesma reconhecem a importância do curso, respeitam os alunos evidenciando comprometimento com a luta pela valorização e redução do sentimento de inferioridade.

Encerrando-se a fala da professora Adriana, foi passada a palavra ao professor Edson de Almeida Manso – Diretor Geral do IFG – Campus Goiânia, este destacou a importância dos alunos de sentir-se incluídos no ambiente do IFG, como

sujeitos pertencentes a essa instituição, o que implica num sentimento de pertencimento as relações sociais que estabelecem com professores e funcionários da instituição. Se um professor discrimina um aluno, este demonstra não estar habilitado a lecionar no Proeja, o comprometimento do professor faz a diferença na relação dos alunos com curso, pois desse modo o rendimento dos mesmos será de melhor qualidade., não só nos estudos mas em todos os aspectos da vida, fazendo com que os alunos do Proeja sintam-se parte da unidade, sem receio de manifestar sua opinião ao por exemplo escolher equipamentos e materiais necessários aos laboratórios do curso.

Passada a palavra a Professora Caetana Juracy Rezende Silva representante do MEC, esta destacou a importância para o campus Goiânia de reconhecer a modalidade profissionalizante da EJA como diferencial formador através dos cursos de técnico de alimentação e cozinha.

Ela lembrou que a fala da exclusão, do preconceito se faz presente por ser algo inerente à realidade da sociedade em geral, as desigualdades históricas brasileiras estão presentes na escola de educação básica e profissional, mantendo o foco na qualificação aligeirada, longe do da realidade do trabalho faltando compreender as especificidades dos sujeitos. As tensões presentes na sociedade afloram dentro da instituição, nesse processo os ajustes as necessidades são imprescindíveis, por que essas são construídas historicamente por meio do trabalho e da e das reflexões. Caetana destacou também que a prática do Proeja hoje se configura numa proposta de construção de conhecimentos, de certificação profissional através do reconhecimento de saberes, e nessa perspectiva os conflitos inevitavelmente irão surgir.

A palestrante afirmou que por vivermos em um sistema organizado em classes, o próprio já é excludente. Estamos num movimento contrário lutando para romper com a estrutura excludente buscando espaços que promovam a inclusão, porém essa inclusão estará sempre subordinada as necessidades existentes, ela nunca será plena. Na medida em que as mudanças avançam na sociedade, reduzindo as estratificações, com menos divisões, na qual as pessoas tenham condições mais igualitárias, consegue-se que a inclusão seja menos subordinada a outros fatores, desse modo a escola é um espaço que faz o enfrentamento da exclusão.

Quando uma escola se compromete com desenvolvimento local, com a realidade social de seus alunos, é fundamental que esta entenda as necessidades dos trabalhadores, desse ponto de vista Caetana afirma que desde a escolha dos componentes do currículo, do curso a ser oferecido até a localização da escola, sua estrutura são aspectos a serem considerados no processo de inclusão e constituição de um curso. É fundamental para o docente reconhecer suas funções, compreender as características que compõe o educando com o qual vai trabalhar se perguntando

sempre quem é esse trabalhador que adentra a escola e participa da sua aula, pois o olhar do professor deve ser direcionado ao aluno.

Hoje se propõe uma formação numa perspectiva de certificação profissional, fazendo uso dos conhecimentos construídos ao longo da vida e que podem ser equiparados aos conhecimentos profissionalizantes do currículo, previstos num determinado curso, de modo que a formação servirá para a ampliar os saberes já existentes redirecionando as práticas do educando, conferindo reconhecimento ao trabalhador que se apresentará certificado perante o mercado, tendo acesso a novas oportunidades. Caetana não deixou de destacar os desafios que essa perspectiva impõe, mas a possibilidade de reconstrução que essa proposta trás se evidencia maior, acarretando mais benefícios aos trabalhadores e a instituição.

Outro desafio destacado por Caetana foi à necessidade da escola compreender e praticar esse tipo de projeto olhando para todos os conhecimentos tecnológicos, como objeto de estudo, ensino, pesquisa, extensão e como projeto de desenvolvimento social.

Encerrando-se a fala da professora Caetana Juracy Rezende Silva, passou-se a palavra para o professor Paulo César Pereira reitor do Instituto Federal Goiano, que após cumprimentar, estudantes, servidores da instituição cumprimentou os participantes mesa e participantes do Diálogos do Proeja entrando posteriormente nos questionamentos referentes ao posicionamento da reitoria em relação ao Proeja.

De início expressou sua preocupação relativa aos rumores sobre discriminação no IFG, seguindo explicações acerca do papel institucional da do Instituto federal na formação dos profissionais, destacando o papel social do IFG de formar profissionais qualificados em todos os níveis. As limitações comentadas pela professora Adriana, relativas ao espaço físico e a contratação de professores, Paulo argumentou que quando se fala na criação de outros cursos fora do Proeja não existem empecilhos, mas tratando-se do mesmo verifica-se certa falta de interesse das demais áreas de formação.

Desse modo o reitor do Instituto Federal garantiu a todos, estudantes, funcionários e docentes que a reitoria assumirá a responsabilidade de promover a criação de novos cursos de Proeja, novas turmas, criação e estruturação de novos campi, conservando o papel social da instituição de formar trabalhadores, de modo que será necessário aos professores e servidores entender essa responsabilidade social da instituição de cumprir a dívida social histórica do Brasil.

Paulo também alertou para a importância de se prestar atenção aos movimentos políticos eleitorais que futuramente darão novos rumos à instituição. Além disso, destacou que a expansão da rede federal foi uma conquista coletiva da própria rede e exigir o respeito a todos na instituição antes de sentir-se discriminado, pois esta é um estabelecimento público aberto a todos os grupos sociais, desse

modo a reitoria tem incentivado propostas de inclusão no processo seletivo por meio de processos seletivos mais inclusivos e propostas de criação, por exemplo, de uns novos campi na região metropolitana e ampliando o número de vagas da rede tanto na capital como no interior, bem como a criação de novos cursos de Proeja.

O caminho para inclusão segundo o reitor seria primeiramente assegurar as expectativas daqueles que já frequentam o Proeja e posteriormente garantir a possibilidade de formação para aqueles que asseiam por uma vaga no Instituto Federal Goiano. Além disso, é fundamental que toda a instituição (docentes, alunos e administradores) compreenda o papel social da instituição, de modo que a parceria com o MEC se faz de suma importância para orientar reitores e professores acerca de suas responsabilidades.

Segundo Paulo no planejamento articulado entre instituições e MEC é fundamental estabelecer metas a serem alcançadas pelo Proeja, pois ministrar aulas em turmas de Proeja é diferente de ministrar aulas em outros cursos.

Encerrada a fala do professor Paulo passou-se a uma rodada de perguntas e discussões. O primeiro a levantar questionamentos foi o aluno Alessandro do quinto período, que relembrou as discussões do evento relacionadas aos avanços do Proeja e questionou a instituição sobre sua posição acerca do Proeja e o que esta estava disposta a contribuir para os avanços do curso efetivando os diálogos teóricos de forma prática.

A segunda falar foi a aluna Arlete do segundo período, que compartilhou sua satisfação de estudar na instituição revelando que consegue articular os conhecimentos do curso com as práticas de seu trabalho sendo reconhecida no mesmo por outros profissionais como nutricionistas encerrando sua declaração Arlete citou que diante de suas limitações para entender certos conteúdos reconhece que já avançou muito em seus estudos e está disposta a prender muito mais superando suas limitações.

Prosseguindo com as perguntas e discussões acerca da mesa, Ângela, aluna do primeiro período, que afirmou jamais ter sido vítima de discriminação no IFG, desde antes de entrar na instituição, Ângela disse que a discriminação pode existir em qualquer curso seja Proeja ou qualquer outra profissão, pois são discriminados apenas naqueles que já se sentem discriminados por si só em seu próprio olhar. A aluna encerrou dizendo que se sente bem tratada pela instituição por fazer o curso de Proeja.

A aluna Valdivina do quinto período ressaltou e seguida que discriminação se faz presente nos olhos de quem vê, os outros alunos da instituição não a tratam com indiferença por ela ser do Proeja, a mesma sentiu-se envergonhada por ver o discurso da discriminação tão presente. Apesar de reconhecer as diferenças etárias presentes na turma destacou a existência de parcerias entre os alunos e o empenho

dos professores em encorajas e estimular a auto-estima dos alunos para aprender oferecendo espaços particulares aos alunos como forma de encorajá-los a se dedicar nos estudos.

Por fim Antonio Carlos do sexto período veio acrescentar que a discriminação cabe aos que se aceitam na condição de discriminados, ressaltando que se valoriza por estar estudando, criticou a falta de comprometimento com o próximo tanto da parte dos alunos em se enlaçar mais uns com os outros, quanto da parte dos professores para que estes possam se comprometer mais. O mais importante é aprender a lidar com os conflitos e com as diferenças existentes isso é uma tarefa coletiva lembrada a fala de Cristina, que falou de manhã sobre a importância do professor estar comprometido com o ensino sabendo lidar com as diferenças existentes, de modo que as discussões ali debatidas nesse diálogo do Proeja possam se efetivar realmente surtindo efeitos para os próximos que ingressarão na instituição.

Encerrando a rodada de perguntas Fausta estudante de mestrado da UNB, professora da Universidade do Estado da Bahia, Guainambé, declarou estar muito feliz por participar do evento, primeiro pelo empenho em promover os diálogos de modo questionador, debatendo em busca de soluções não de culpados. Segundo Fausta o mais belo do evento, é a busca de caminhos como processos seletivos mais democráticos e inclusivos, o processo de escutar e entender o que se passa no contexto, para levar com sigilo o sentido do pertencer e de se ver no outro, esse movimento bakhtiniano da linguagem é precioso no sentido de falar aquilo que o segmento precisa ouvir numa postura de autocrítica, esse autocrítico é dolorosa principalmente para os professores que estão num espaço de poder, mas o aluno também tem poder por isso esse diálogo é importante num exercício de fazer os espaços se pertencer. Encerrando sua fala agradeceu a professora Margarida expressando nela seu agradecimento a todos, ressaltando por fim a importância da escola pública e do trabalho com Educação de Jovens e Adultos.

Iniciando as respostas o professor Paulo César Pereira reitor do Instituto Federal Goiano, iniciou as contra-respostas resultante da fala dos participantes destacando a importância de se diversificar o olhar numa postura mudar as concepções, saído da mesmice do discurso da discriminação para superar essa fala, passando a pensar nas possibilidades de ocupação dos espaços. É importante pensar primeira mente na ampliação do IFG seguida da ampliação dos cursos de Proeja, e de um acompanhamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos geradas pelo mais diverso motivos. Esses são segundo o reitor do IFG os principais pontos de concentração das ações da reitoria do IFG.

Em seguida a professora Caetana Juracy Rezende Silva tomou a palavra dizendo estar emocionada com os depoimentos dos alunos. Destacou que outras instituições também já promoveram espaços semelhantes de diálogos, resultando

em medidas de políticas institucionais voltadas principalmente ao atendimento aos estudantes. Destacou o “Diálogos do Projeja” realizado no Rio Grande do sul que contou com a participação só de alunos, em grande número devido o estado ter mais instituições federais que Goiás. Eventos assim segundo Caetana acabam por pressionar ações do MEC gerando outros espaços como os Fóruns de Projeja, sendo que o próximo se realizará em Brasília DF, é importante continuar se esforçando para promover melhoras.

Tomando a palavra a professora Adriana dos Reis Ferreira – Coordenadora do curso de Projeja, chamou atenção para o projeto de extensão do IFG em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, na qual o município de Goiânia entrará com professores do núcleo comum e a instituição com professores técnicos, de modo que ao terminar o ensino fundamental o aluno estará encaminhado no curso técnico a nível médio. Voltou a agradecer o empenho de todos na realização do evento. Encerrando as declarações o professor Edson de Almeida Manso Diretor Geral do IFG Campus Goiânia declarou estar alinhado com as políticas de implementação da reitoria no IFG campus Goiânia. Desse modo a professora Miriam Fábria encerrou a mesa agradecendo os presentes.

Dia 31/08/10 (3ª feira) às 20h30min

Balanco da Experiência Projeja: Diálogo com os alunos

Profª. Jacqueline M. B. Vitorette - IFG

Profª. Gilda Guimarães – Pró-Reitora de Ensino IFG

Profª. Maria Margarida Machado – UFG (Mediadora)

Encerrado a mesa Qual a importância do Projeja no IFG - Campus Goiânia, foi passada a palavra a professora Maria Margarida Machado, mediadora da segunda mesa Balanco da Experiência Projeja: Diálogo com os alunos, esta iniciou a mesa demonstrando a forma como as discussões ali vivenciadas serão efetivadas na realidade, primeiro exemplificou como os alunos foram ouvidos, tendo em vista que este é o objetivo do evento. Foi realizada uma entrevista com os alunos, esta foi sistematizada, de modo que apenas o item quatro será apresentado “quais sugestões você daria para o curso?”, a professora disponibilizou o apoio da Universidade Federal de Goiás em participar das discussões acerca da modalidade e enfrentar os desafios futuros.

Foi passada a palavra a professora Gilda Guimarães, pró-reitora de ensino do IFG, esta iniciou sua fala agradecendo a presença de todos ao evento, Gilda

relatou que falar de Proeja requer uma caminhada histórica, ela entrou na escola em 1986, quando IFG era ainda a Escola técnica Federal, atuando somente no ensino técnico sem oferecer cursos de nível superior na experiência de currículo integrado, tendo cursos de nível médio integrados ao técnico nos períodos matutino e noturno, sendo que nesses horários se revelavam grandes diferenças de público, predominando no noturno uma população adulta, formada por trabalhadores .

Gilda relatou que em 1997 houve uma mudança na proposta pedagógica da instituição, a reforma da educação profissional e tecnológica. A partir daí passou-se a trabalhar o ensino médio separado do ensino técnico, de modo que os alunos foram separados: os de ensino médio foram isolados no período vespertino e os cursos técnicos eram ofertados na forma concomitante paralelamente para os que mantinham duas matrículas distintas na instituição e a noite eram ofertados cursos técnicos para alunos que já tinham o ensino médio o chamado pós-médio.

Portando no período de 1997 a 2006 era essa a dinâmica de trabalho pedagógico no IFG. Em 2006 foi retomada a proposta de currículo integrado quando o decreto que amparava a reforma da educação profissional foi revogado pelo presidente Lula uma reivindicação da sociedade, para retomar as experiências pedagógicas acumuladas pela instituição nos momentos anteriores.

Ao retomar a proposta de currículo integrado com o público de jovens e adultos. Gilda destaca que foi retomado também o curso: técnico em serviço de Alimentação e técnico em edificações do Campus Jataí. Nessa ocasião surge então o questionamento de como prosseguir com a oferta do ensino técnico apontando para duas alternativas uma delas seria oferecer cursos técnicos exclusivamente ao público de jovens e adultos a somente aos alunos do ciclo regular que já freqüentavam a instituição. A solução foi manter a oferta para os alunos da faixa regular para evitar pegá-los futuramente como sujeitos da EJA que não tiveram acesso a educação na faixa regular e buscar apoio no ministério da Educação ampliar as vagas do IFG e assim atender as necessidades da Educação de Jovens e Adultos.

Deste modo Gilda destaca que esta tem sido a proposta de trabalho do IFG, buscar alternativas de ampliação de condições de oferta para continuar atendendo os alunos na faixa regular e continuar absorvendo as demandas e necessidade social do público da educação de jovens e adultos.

De modo que em pouco tempo poderá se pensar em implantar outros projetos como a universidade da terceira idade e outras experiências de prosseguimento de estudo para uma população que tem elevado cada vez mais sua experiência de vida querendo viver essa experiência em contínuo aprendizado. Tendo um espaço na escola para se socializar, crescer e promover a participação crítica, nos mais diversos espaços sociais, espaços estes que tendem a se encolher diante das possibilidades, em contrapartida essa situação de encolhimento propicia

as instituições à oportunidade de ampliar os momentos de debates e discussões ampliando seu papel social. Gilda vê essa possibilidade de ampliação cultural e social como um dos desafios a escola na atualidade.

Todos os campi segundo ela já ofertam a modalidade, exceto o campus Itumbiara que ofertará em 2011 o primeiro curso. Porém são pequenas as possibilidades de oferta, neste momento Gilda desejou a participação de Caetana representante do MEC, para questioná-la a respeito das ações concretas do ministério da educação acerca da ampliação das condições de oferta para a educação de jovens e adultos, inclusive selecionando a seleção de profissionais especializados na área principalmente em concursos.

A professora Gilda ainda destacou a existência das questões institucionais, que seriam o levantamento dos níveis de embates existentes na instituição para manter a oferta do ensino técnico a os alunos da faixa regular, a oferta do ensino técnico integrado a Educação de Jovens e Adultos bem como o desafio de implantar a experiência licenciaturas atuando na formação de professores e também oferecer cursos superiores na área tecnológica na formação em bacharelado. As transformações vividas são muito intensas o que faz dessas ações um desafio.

Isso segundo Gilda nos leva a uma reflexão do tipo, implementar uma resolução que determine a toda grande área ofertar um curso de Proeja, diversificando a oferta, necessidade já apontada por uma aluna no dia anterior, mas como proceder a essa resolução? Seria proveitoso obrigar uma área inteira a oferecer proposta na área de Educação de jovens e adultos? Manter-se-ia a qualidade e a visão crítica sobre o ensino?

Gilda enquanto pró-reitora de ensino do IFG trata essa questão com cautela, pelos questionamentos levantados acerca da discriminação são recorrentes, até mesmo na mesa anterior a essa, o que lhe permitiu questionar se a discriminação é algo presente na fala dos alunos do Proeja ou um acontecimento real das salas de aula, denunciando as questões que não são tratadas de forma justa ou adequada, revelando que o aluno da EJA é tratado de forma discriminatória, diferenciada ou que este se percebe sendo tratado desta forma.

Gilda destacou a fala de Neusa pedagoga da pró-reitoria de ensino, que afirmou o problema da discriminação não é a forma de tratamento dos alunos da EJA, pois todos são tratados dessa forma, o diferencial é que os alunos do Proeja não aceitam e reclamam, corrigindo a questão na hora que ela aparece.

O professor por mais que esteja bem preparado, é preciso ter uma postura de saber lidar com a variedade do público de jovens e adultos, sendo que este tem posicionamentos definidos se caracterizando como exigentes.

Gilda afirmou que através dos diálogos do Proeja é possível perceber que essas discussões têm promovido a ampliação de novos horizontes, sendo que já se faz possível visualizar uma ação mais concreta, ter um diagnóstico melhor da oferta da EJA no IFG. Essas reflexões apontadas, segundo Gilda servem para nos orientar acerca dos caminhos que podemos percorrer para expandir a oferta da modalidade da educação de jovens e adultos sem que esta expansão nos coloque dentro de uma camisa de força, por obrigatoriedade levando a uma paralisação de tudo o que já foi feito.

Gilda relatou que ao participar de uma mesa de discussões pela manhã, na qual diferente do que ocorre nos “Diálogos Proeja” quanto mais os participantes falavam menos se entendia o assunto, pois predominava uma visão tecnicista, sendo uma característica do tecnicismo, girar em torno de si mesmo impossibilitando a compreensão do assunto. Esta mesa apresentava a discussão sobre plataformas, sistemas e a gestão da formação do professor através de programas destinados a formação.

Destacou o fato de ver nos “Diálogos Proeja” a possibilidade de abrir caminhos para a ação, este não tem o efeito contrário, que é confundir. Lembrou-se da fala da professora Maria Margarida, fazendo uso também das falas de participantes alunos da instituição para amadurecer suas próprias reflexões chegando a seguinte conclusão: primeira mente a possibilidade de perceber melhor as características que formam a educação de jovens e adultos na presente instituição. Gilda propôs a professora Angelina sistematizar os dados do diagnóstico dos dados do perfil socioeconômico dos alunos que se submetem ao processo seletivo na instituição já levantado e que necessitam de uma sistematização para auxiliar a instituição no seu desenvolvimento contínuo.

Posteriormente destacou o interesse da professora Adriana na ação da coordenação do curso de montar o processo de diagnóstico da situação dos alunos do Proeja em relação as suas experiências profissionais par facilitar os encaminhamentos no estágio, devido ao fato de alguns alunos mesmo trabalhando na área não terem ao final do curso as horas de estágio integralizadas o que posteriormente os impossibilitará de levar o diploma. Se o aluno já está trabalhando na área ou em um ramo afim, a possibilidade de levar o diploma deve se fazer existente, de modo que este é um compromisso da coordenação de curso: diagnosticar as áreas de trabalho dos estudantes.

Este diagnóstico segundo sugestão da própria Gilda deve começar preferencial pelos alunos que já concluíram disciplinas a fim de possibilitar aos alunos a oportunidade de levar seus diplomas. Gilda ainda cumprimentou a coordenação de curso pela iniciativa destacando a importância desse levantamento afim de que assegurar o aluno ao sair da instituição com algo concreto relativo seu trabalho nesses três anos de curso.

Como o curso é integrado o aluno leva muito mais do que um diploma de ensino médio, daí a necessidade de oferecer a oportunidade do aluno de obter seu diploma de técnico ao concluir o curso.

E por último, Gilda destacou a necessidade que coordenações de estágio dos campi via orientações da pró-reitoria de extensão possam criar mecanismos de suporte para o trabalho das coordenações de curso responsáveis pelo mapeamento da vida dos alunos, não é possível que as coordenações de curso trabalhem de forma isolada das coordenações de extensão, estas, responsáveis pelo monitoramento de estágio precisam se fazer presente inclusive na captação de vagas.

Neste momento Gilda, também destacou uma idéia da professora Maria Margarida que coincidiu com uma idéia própria já comunicada ao professor Júlio Vander do departamento I, de estabelecer parcerias entre as redes públicas ensino do estado e do município para garantir vaga de estágio aos alunos nos programas de merenda escolar, uma proposta concreta, ela também reforçou seu interesse em obter apoio do professor Ademir da pró-reitoria de extensão para que esta esteja à frente desta iniciativa.

Outra questão também colocada pela professora Gilda é a previsão do PDI feita para a ampliação de oferta de Proeja no campus Goiânia principalmente para aquelas áreas que já ofertam o curso técnico na modalidade subsequente, como a área de mecânica, mineração e eletrotécnica. De modo que a possibilidade concreta da área de mecânica entrar com a oferta do curso de Proeja no segundo semestre de 2011. Este não é um diálogo fácil com a área, mas necessário.

Gilda então destaca a necessidade de observar um aspecto da constituição das turmas de Proeja tanto campi Goiânia quanto no interior, o fato desta ser constituído de um público majoritariamente feminino, o que faz com que as pessoas ao enfrentar dificuldade para compor as turmas, principalmente no interior, afirmarem que este não é o curso certo, melhor seria informática, ou transporte de cargas este não é o curso certo para Proeja, é quando se esbarra no curso de cozinha. Percebe-se que a grande quantidade de mulheres nos cursos se dá devido à participação da mesma cada vez mais no mercado de trabalho.

Outro aspecto apontado por Gilda foi à questão das dificuldades presentes no curso, de modo que este é sempre considerado mais difícil do que os outros sendo que estes são considerados mais fáceis. Isso encaminhou a fala de Gilda, a outra pesquisa que aponta os números da evasão do Proeja como não inferiores aos de outros cursos inclusive, cursos superiores, situação que motiva o levantamento de outros índices de evasão em outros cursos para estabelecer parâmetros de análise da ação da instituição dentro dos cursos de Proeja.

Por fim Gilda aponta outros aspectos que impedem os avanços do Proeja, aspectos institucionais como a gestão de pessoal, algo que engloba além do Instituto goiano, parcerias com o governo federal e ministério da educação. Um dos desafios é a questão da presença do professor na instituição, pois é inviável querer contabilizar sua presença em números de aula a serem ministradas, sua carga horária deve incluir momentos de planejamento e de presença em sala, pois os mesmos são contratados em regime de hora ou são dedicação exclusiva ou comprem jornada de vinte horas o que já supõe momentos de atendimento aos alunos ou desenvolvendo atividades junto à instituição.

Gilda destacou a criação dentro de cada departamento uma coordenação de apoio pedagógico ao discente com a presença de psicólogo e pedagogo, para fazer o acompanhamento da vida acadêmica dos alunos dando lhes suporte pedagógico. Uma proposta desafiadora de ser implementada que exige descentralização de funções e contratação de novo pessoal.

Gilda demonstrou seu interesse em que os presentes acompanhem essas propostas no decorrer do próximo ano. O primeiro grande trabalho dessa coordenação pedagógica é a análise dos dados do perfil sócio econômico do aluno do Proeja e também se dedicar ao questionário desenvolvido e aplicado em parceria com a pesquisa CAPES-UFG.

A partir desse momento a professora Gilda encerrou sua fala passando a palavra à professora Maria Margarida mediadora da mesa, que se comprometeu em auxiliar na sistematização desse material do questionário, muitas são as questões endereçadas a pró-reitoria de extensão, e à pesquisa tendo em vista que o Proeja não é constituído somente por pesquisa e extensão mas também pela pesquisa. O projeto em fase de conclusão na CAPES que tem em sua base de constituição teses de monografias, mestrado e doutorado que não podem passar despercebidas pela instituição, pois a pesquisa é feita dentro da realidade de problemáticas presentes nas instituições que estão implementando Proeja. Expressando assim seu desejo de que no rol dessas propostas o Instituto federal goiano passe a enfrentar o Proeja como uma possibilidade de olhar pelo ensino pela ótica da pesquisa.

Assim a professora Maria Margarida passou a palavra à professora do instituto federal de Goiás Jacqueline M. B. Vitorette, para esta prosseguir apresentando o resultado das ansiedades e desejos colocados nos questionários.

Após cumprimentar a mesa a professora Jaqueline prosseguiu apresentando o questionário produzido e aplicado numa parceria entre pesquisa CAPES, professores e coordenação de curso do IFG. Listando as sugestões apresentada pelos os alunos do quarto, quinto e sexto período de do curso as quais incluíam a necessidade aumentar o número de aulas de língua portuguesa, matemática, química e inglês, além de modificar a grade curricular para melhor adequação das disciplinas da formação geral.

Os alunos reivindicaram maior disponibilidade do laboratório gastronômico, evitar a troca de professores pertencentes ao trabalho em sala de aula no decorrer do semestre ou do curso, maior quantidade de aula prática a fim de garantir a capacitação profissional para atuação no mercado de trabalho. Mostraram mais interesse em participar mais das atividades do curso e também perceberam a necessidade de contratação de docentes comprometidos com a proposta pedagógica do Proeja.

Os estudantes do Instituto mostraram demanda de maior quantidade de aulas de informática, revelando interesse e déficit de aprendizados ligados às tecnologias. Também apontaram desejo de aumentarem a quantidade de visitas técnicas, bem como indicaram interesse em obter uma parceria com a polícia militar a fim de garantir a segurança dos alunos no percurso do Instituto à Avenida Paranaíba. Enfatizaram a demanda de melhoras na comunicação com as coordenações do curso a fim de estabelecer um diálogo objetivo.

Outra reivindicação apontada pelo questionário foi à criação de aulas de reforço, o trabalho em prol das relações interpessoais, possibilitando a melhora da relação entre professores X aluno e aluno X aluno. Dar continuidade ao curso voltado ao público jovem e adulto, divulgando mais o mesmo e capacitando professores para trabalhar com essa modalidade, bem como viabilizar locais de estágio, garantir no catálogo do Ministério da Educação o nome do curso técnico em serviço de alimentação.

Solicitaram também pontualidade dos professores e adequação dos horários de início e término de modo flexível para conciliá-los com os horários de transporte. Assim como aprimorar os critérios do processo seletivo a fim de garantir a oportunidade de adequação ao perfil dos alunos do curso, aumentar as aulas para solucionar dúvidas especificamente de química, aumentar as aulas com recurso de vídeos, oferecerem aulas aos sábados. Outro aspecto referente aos horários solicitava modificação no horário de início das aulas de modo que estas pudessem iniciar pelo menos às dezenove horas conciliando os horários de trabalho num horário não muito cedo para aqueles que trabalham, revendo também o horário de saída, voltando à questão da segurança no percurso para o ponto de ônibus.

Remetendo a questão da formação os alunos reivindicaram a importância da troca de experiências trazendo outros chefes de cozinha, palestrantes e convidados para ministrar aulas práticas. Estabelecer o curso no horário vespertino também ampliando as possibilitando a variedade de horários. Organizar um número de eventos para os alunos colaborarem ampliando suas experiências.

Outra solicitação destacada pelos alunos é a necessidade de disponibilizar livros didáticos, oferecer cursos de confeitaria, o que retoma a necessidade de ampliar as experiências no curso evidenciando o desejo de aprender, assim como a melhora da estrutura de higienização do laboratório gastronômico destacando

prioridade para o sistema de exaustão. Solicitaram que a instituição ofereça estágios, rever o horário dos professores evitando a fragmentação das aulas, formalizarem a conclusão do curso com o evento de formatura.

Reivindicaram a inclusão de uma bolsa de estudos, já levantada em um artigo elaborado anteriormente, apontando o valor de no mínimo quinhentos reais, ao contrário do valor estipulado de cem reais, tendo em vista que o valor de uma bolsa para doutorado é de mil e oitocentos, para garantir condições para o aluno bolsista se manter no curso.

Após fazer a listagem das sugestões levantadas, professora Jacqueline passou aos comentários acerca das mesmas, apontando como justa a necessidade de aumento do número de aulas de português, matemática, química e inglês. O que requer uma aproximação e diálogo junto com a coordenação de curso com a professora Adriana Reis e com o professor Júlio Vander, incluindo a necessidade de reelaboração da matriz curricular do curso técnico em cozinha devido ao problema em relação à legislação, pois a data de criação do curso antecede o decreto 5.840, esse decreto afirma que a carga horária do curso deve ser de 2400 horas sendo 12000 da formação geral, 800 da formação técnica e 400 horas que podem ser acrescentadas tanto para a área profissional, para a área geral ou em outras atividades conforme as demandas existentes, pois completar a carga horária é uma determinação do MEC.

Neste sentido foi criado o estudo por acompanhamento, um dos projetos criados para completar essa carga horária e também as atividades complementares no sentido de garantir as visitas técnicas. Em relação ao ensino de língua portuguesa e matemática, tende-se com a experiência acumulada e apontada pela pesquisa, há necessidade de delimitar uma carga horária principalmente nos primeiros períodos, principalmente português, matemática e química. Sugere-se que os estudos de química comecem após o aprofundamento nos estudos de língua portuguesa e matemática, acredita-se também na importância de ter esse atendimento para os alunos.

Jacqueline destacou a busca pelas licenciaturas como possibilidade estabelecer um diálogo entre os alunos da licenciatura e os alunos do Proeja. A intenção é através da saída para pós-graduação manter um vínculo da pesquisa, com a graduação e com o curso de Proeja articulando os alunos de todos os seguimentos do Proeja num trabalho interativo para que o Proeja penetre em todas as áreas na pesquisa, licenciatura no curso de Proeja num elo cíclico. Neste os alunos da licenciatura poderão fazer estudos sobre o Proeja, os alunos da pesquisa trabalhando e oferecendo suporte necessário a revisão da matriz curricular que precisa ser aprimorada considerando a questão da formação integrada abordada pela professora Kênia Bueno.

Outra questão colocada pela professora Gilda, sendo um impasse para a criação de novos cursos, é que neste diálogo com os departamentos, relativo à contratação de docentes comprometidos com o curso não houve da parte do MEC um direcionamento para a contratação de professores específicos para abrir curso de Proeja, e nem houve uma verba específica, ao abrir o curso de Proeja, para a melhoria de laboratórios, para implantar uma estrutura para criar cursos diferentes daqueles já existentes na instituição, portanto os cursos a serem criados devem estar dentro das áreas que já estão disponíveis dentro da instituição, isso dificulta abrir mais cursos.

Essa questão da garantia da inserção do curso de técnico em alimentação no catálogo, melhor explicada pela representante do MEC professora Caetana, que não está presente neste momento, mas também abordada por Mad'Ana em sua fala. Já foi feito o contato com o MEC neste sentido do nome, essa alternativa pode ser repetida, pois uma das grandes questões que encontramos em relação ao nome do curso é que este sombreava duas grandes áreas de modo que os alunos deveriam sair com habilitação tanto para bar e restaurante quanto para técnico em cozinha, ao passar o nome para técnico em cozinha o aluno tem orientação para restaurante e bar.

Então se pode dizer que o curso de serviço em alimentação abrange duas grandes áreas no catálogo, de modo que se fez necessário optar por um nome para ter essa configuração em âmbito nacional, esse diálogo pode ser tentado novamente, uma vez que Caetana apontou algumas alternativas para tal ação.

As outras questões demandam mais tempo, pois requerem mais atenção, análise e revisão em grupo. Desse modo a professora Jacqueline encerrou sua fala retornando a palavra à professora Maria Margarida mediadora da mesa. Esta por sua vez lembrou que não será possível abrir espaço para outras intervenções, até mesmo porque segundo o professor Adolfo esta mesa encerrou o segundo de uma rodada de reflexões, que ainda exige um processo a ser feito de entrega de certificados, mas retomou alguns aspectos apontados pelo questionário que precisam ser discutido no intuito de firmar as próximas ações.

Dentre eles se destacam a importância do diálogo, de modo que a professora Maria Margarida demonstrou disposição da pesquisa da Universidade Federal de Goiás juntamente com o Instituto de acompanhar reuniões pedagógicas com os professores da instituição, devido à dificuldade em manter esse acompanhamento, uma vez que, se a própria instituição afirma que aproximadamente 70% dos professores da casa são contratados sob regime de dedicação exclusiva, não parece que são as aulas que impedem esse procedimento de reunião, retomando a disposição da pesquisa em acompanhar esse processo de debate com os professores.

Aproveitando a presença dos colegas que são de outros campi do Instituto federal, a professora chamou atenção destes para o fato desta pesquisa se iniciar atendendo ao campus Goiânia e ao Campus Jataí, e no andamento da mesma permaneceu o acompanhamento somente do campus Goiânia, de modo que diante dessa expansão vivenciada pelo Instituto Federal Goiano, é proveitoso oferecer o espaço do debate da pesquisa para fortalecer o Proeja, ampliando esse aproveitamento através da oportunidade oferecida para participar do grupo de estudos da pesquisa, que se reúne a cada quinze dias na sala 234 da Faculdade de Educação, nas quintas feiras no período das quinze às dezessete horas da tarde, ciente do grande número de atribuições dos professores Maria Margarida chamou atenção para a importância que esta participação nas discussões da pesquisa podem ter para contribuir com o avanço do Proeja dentro do estado.

Outra questão destacada que merece ser considerada é o atendimento específico dentro das coordenações apontado também pela professora Gilda, devido a participação intensa dos alunos do Proeja nas discussões desde o dia dez quando foi aplicado o questionário e durante todo o evento, de modo que poderiam ser constituídos espaços formais de discussões, plenárias permanentes dos alunos do Proeja para fazer o debate das proposições que foram feitas nos Diálogos do Proeja, para haver um consenso entre as proposições ali discutidas, pois para que haja uma posição da instituição no sentido de implementar as sugestões levantadas.

Seria muito importante a existência de um procedimento contínuo de encontros e plenárias entre os alunos para chegar a um consenso entre as propostas apresentadas e assim dar consistência as mesmas, pois um conjunto de reivindicações pode acabar representando reivindicação nenhuma sem a devida articulação. Essa articulação dos alunos é muito importante e enquanto faltar à coordenação dos mesmos para organizar essas plenárias a coordenação do curso poderia auxiliá-los, fazendo com que cada vez mais esse curso possa adquirir significado e importância.

E assim a professora Maria Margarida expressou sua satisfação em participar do evento, satisfação compartilhada com sua equipe de bolsistas que se encontraram diante de um espaço proveitoso para aprofundamento do tema Proeja. Ela agradeceu pela oportunidade concedida de participar desse espaço de fazer pesquisa fundamentada naquilo que acreditamos: a defesa pela escola pública para o adulto e o para o jovem trabalhador para que estes tenham acesso a essa escola pública de direito. Encerrou suas considerações convidando o professor Adolfo coordenador do evento para juntamente com as integrantes da mesa encerrar o evento, passando a palavra para as professoras Gilda e Jacqueline apresentarem seus comentários.

A professora Gilda se despediu fazendo a proposta de aproveitar o trabalho de mediação do grupo de pesquisa, destacando a importância de pensar

sobre quem educa os educadores, solicitando a professora Maria Margarida que possa viabilizar uma reunião reunindo o grupo de pesquisa com a reitoria e as pró-reitorias de ensino, de pesquisa e de extensão a fim de acompanhar e fazer o registro dessa reunião, que se coloca num momento importante para o avanço do Proeja seja no ensino, na pesquisa ou na extensão para avançar no Proeja como projeto político, pedagógico, institucional e social da instituição.

Passada a palavra a professora Jacqueline, esta agradeceu a presença e colaboração dos participantes na realização do evento e também pelo tempo em que esteve na coordenação do Proeja, destacando que este é um dos últimos eventos do qual participará nessa coordenação do Proeja tendo em vista que entrará de licença para dedicar-se para sua pesquisa de doutorado acerca do Proeja em âmbito nacional na perspectiva de políticas públicas. Apontou a professora Abadiânia como pesquisadora do Proeja demonstrando seu interesse em fortalecer a pesquisa junto com a Universidade Federal e com Instituto e poder avançar de forma concreta em todos os desafios colocados nesses diálogos e acompanhados em todo o estado de Goiás e que precisam ser superados. Quem assume agora é a professora Neusa nova coordenadora do Proeja na reitoria, responsável por lidar com todos os campus. Expressando assim sua disponibilidade em continuar na luta pela educação de jovens e adultos.

Passada a palavra ao professor Adolfo, este fez o encerramento do evento com satisfação, afirmando que as expectativas relativas ao mesmo foram superadas motivo de grande alegria. O trabalho no Instituto se reinicia no próximo dia diante de novas expectativas na certeza de que estamos trilhando no caminho certo. Adolfo destacou a necessidade de convidar outros colegas para atuar nessa modalidade de ensino, se despedindo até o próximo “Diálogos Proeja”.